



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG**  
**CENTRO DE HUMANIDADES – CH**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – UAHG**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH**

**“SEUS OLHARES NUNCA ME NEGARAM”: honra e prostituição na cidade de  
Puxinanã – PB (1960 a 1970)**

**CLAUDIELHI DOS SANTOS ARAÚJO**

Campina Grande/PB

Abril/2015

**“SEUS OLHARES NUNCA ME NEGARAM”: honra e prostituição na cidade de  
Puxinanã – PB (1960 a 1970)**

**CLAUDIELHI DOS SANTOS ARAÚJO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História/UFCG, na Linha de Pesquisa Cultura, Poder e Identidades, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em História, sob a orientação da Professora Doutora Eronides Câmara de Araújo.

Campina Grande/PB

Abril/2015

**CLAUDIELHI DOS SANTOS ARAÚJO**

**“SEUS OLHARES NUNCA ME NEGARAM”: honra e prostituição na cidade de Puxinanã – PB (1960 a 1970)**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eronides Câmara de Araújo (UFCEG/CH/PPGH)  
Orientadora

---

Prof. PHD. Matheus Cruz e Zica (UFCEG/CH/PPGH)  
Examinador Interno

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kyara Maria Almeida Vieira (UFCEG/PPGH/PNPD)  
Examinadora Externa

---

Prof. PHD. Iranilson Buriti de Oliveira (UFCEG/CH/PPGH)  
Examinador Interno – Suplente

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silêde Leila de Oliveira Cavalcanti (UFCEG/CH/UAH)  
Examinadora Externa – Suplente

Campina Grande/PB  
Abril/2015

“[...] tudo que dizemos tem um antes e um depois – uma margem na qual outras pessoas podem escrever [...]”  
(HALL, 2006, p.41)

“[...] Cada livro, cada volume que você vê, tem alma. Alma de quem o escreveu e a alma dos que leram, que viveram e sonharam com ele. Cada vez que um livro troca de mãos, cada vez que alguém passa os olhos pelas suas páginas, seu espírito cresce e a pessoa se fortalece [...]”  
(ZAFON, 2007, p. 40).

## AGRADECIMENTOS

É com imensa satisfação que aproveito este espaço para tornar público o meu afeto e gratidão aqueles e àquelas que me ajudaram de forma direta e indireta no caminho por mim perscrutado nesta pesquisa. Agradecer é maneira mais singela de reconhecer que, na interação com o(s) Outro(s) sempre estamos trocando experiências, isto é, aprendendo e com o outro.

Aos meus pais, pela compreensão das minhas ausências e pelo apoio nessa caminhada. Minha filha, Lavínia Araújo, pela paciência e pelos afagos nos momentos de descréditos. Em especial, a Cristina Araújo, esposa, companheira e amiga, por compartilhar todos os instantes da minha vida mostrando-se paciente e compreensiva. Aos meus irmãos e irmãs pela dedicação nos momentos de dificuldades e desânimos. A vocês minha imensa gratidão.

As minhas depoentes pela disponibilidade, paciência, atenção e contribuição com a pesquisa: Carmelita dos Santos, M<sup>a</sup> Hozana dos Santos, Maria de Bola Sete, Dona Nenê de Zé Coco, Zélia dos Santos Costa, Ciça dos Santos, Maria Salomé Sales, Severina Ribeiro Gomes (entrevista realizada em 2010 para a monografia e reaproveitada para a dissertação) e a Maria Beatriz da Silveira que, além de contribuírem deixando-me entrevistá-las, cederam para minha pesquisa fotografias. A todas vocês meu muito obrigado.

As “mulheres da vida” que, por não ter autorização de expor suas identidades, agradeço por meio dos pseudônimos: Morena, Sartadeira e A Flor Proibida. Obrigado a todas por me deixar adentrar na vida íntima de cada uma de vocês, através de suas recordações, de suas memórias, as quais me proporcionaram um novo olhar para minha pesquisa e minha escrita. Um obrigado em especial à Morena, pelas tardes e noites que passamos a conversar um pouco sobre suas práticas na Casa de Dona Sebastiana.

Aos homens que participaram desta construção dissertativa: Aristides Eloi, Tico, Didisso, Chico do Bú, Manoel, Dema, Zé Araújo pela paciência e disposição em contar a história e os saberes de suas experiências amorosas, pela receptividade em suas residências. Para a realização das entrevistas, as quais contribuíram para trilhar o meu caminho de pesquisador.

A Professora Eronides Câmara de Araújo, de quem sinto orgulho de ter sido aluno e orientando, e por ser exemplo de competência e integridade. Meu muito obrigado pela preciosa ajuda e generosidade em contribuir com seus saberes, com sua imprescindível orientação para desenvolver essa dissertação. Na minha trajetória de estudo e pesquisa fui

fitado com o seu jeito humilde de se relacionar com o Outro, e por ti Nilda (assim os chamamos carinhosamente) nutro uma sincera amizade. Meu muito obrigado por tudo que você propiciou na minha trajetória de mestrando.

Agradeço a Professora Kyara Maria Almeida Vieira, por ter aceitado meu convite para compor minha Banca Examinadora qualificação e de defesa, pela amizade, pelas relevantes contribuições metodológicas e teóricas não somente para essa pesquisa, mas para meu desenvolvimento acadêmico desde a graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba. Ao professor Matheus da Cruz e Zica, que mesmo sem me conhecer se dispôs no primeiro instante do meu convite a compor minha banca de minha qualificação e de defesa, colaborando com minha pesquisa. Agradecer aos dois por proporcionarem outro olhar para meu objeto de estudo, a partir de seus apontamentos na Banca de Qualificação.

Ao professor Iranilson Buriti de Oliveira pela disponibilidade de fazer parte de minha Banca Examinadora como examinador suplente interno tanto na Banca de qualificação como na de defesa. Agradecê-lo ainda, pelas grandes orientações perante a dúvidas que surgiam, visto que é o coordenador do Programa de Mestrado em História da UFCG. Aos Professores do Programa que ministraram disciplinas, Alarcon Agra, Edson Silva, Gervácio Aranha, Juciene Apolinário, Marinalva Vilar, Celso Gestemeier. E ao técnico administrativo, Felipe Alcântara, que sempre se dispôs a me ajudar quando necessitei.

Aos meus/minhas colegas da turma pela colaboração no meu caminho trilhado como mestrando. De uma maneira especial, quero agradecer àqueles e àquelas que por afinidade compartilhamos desejos, anseios, medos, desânimos, alegrias, risadas, livros, textos. A vocês: Rafael Abreu, Karilene, Anne Gama, Renato Elias, Allan Kardec, Ciro Linhares, Aline Texeira, Eivania Granja, Francisca Pereira, Gilmar Tavares, Max Alves e Michelly Sobral, meu muito obrigado.

## **LISTA DE SIGLAS**

CH – Centro de Humanidades

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

Km – quilometro

PB - Paraíba

PPGH – Programa de Pós – Graduação em História

S/N – sem número

UAH – Unidade Acadêmica de História

UFCG – Universidade Federal da Paraíba

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 01 – Baile de Coroação da Princesa da Festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da cidade de Puxinanã.....	39
Foto 02 – M <sup>a</sup> Hozana dos Santos aos 5 anos de idade.....	40
Foto 03 – M <sup>a</sup> Hozana dos Santos aos 15 anos de idade.....	40
Foto 04 – Carmelita dos Santos aos 15 anos de idade.....	41
Foto 05 – Dedicatória escrita no verso da foto de M <sup>a</sup> Hozana dos Santos dedicada ao seu noivo Aluizio Palmeira dos Santos.....	55
Foto 06 – Edite, nora de Dona Nova, com as vestes de estafeta para ir à Festa de Padroeira (1967).....	68
Foto 07 – Homens almoçando na Casa de Dona Sebastiana.....	113
Foto 08 – Festa de Carnaval ocorrida na cidade de Puxinanã em 1967.....	124

## RESUMO

O tema desta dissertação é Honra e Subjetividades de Gêneros, o qual tem como objetivo geral: discutir as representações de homens e mulheres sobre os valores da honra na cidade de Puxinanã de 1960 a 1970, tendo como referências as práticas de sexualidade da Casa de Dona Sebastiana. Foram construídos três objetivos específicos com o intuito de, juntos, articularem com o objetivo geral na produção dissertativa. São eles: 1) Analisar a pedagogização do corpo feminino, por meio de distintos dispositivos, como os medos, a vergonha, o comportamento e as práticas de subjetivação como mulheres diferentes, para preservar a honra; 2) Discutir os valores da honra nos discursos masculinos, refletindo as representações sobre o corpo, a sexualidade, o prazer, a pureza e o amor e 3) Analisar os códigos de comportamento feminino e masculino na Casa de Dona Sebastiana, problematizando as burlas sobre a honra. Análise nesta dissertação: Como foram produzidos os discursos femininos e masculinos para preservar a honra e como estes valores foram praticados na Casa de Dona Sebastiana, que era um lugar de honra e desonra? Trabalho com as memórias de distintas mulheres e homens que viveram as tramas sociais na cidade de Puxinanã – PB nos anos de 1960-70, para isto optei por fazer análise de discursos e trilhei este caminho na esteira foucaultiana. No primeiro momento analiso a pedagogização do corpo feminino, por meio de diferentes dispositivos para preservar a Honra. No segundo, discuto os valores da honra nos discursos masculinos. E terceiro e último momento, analiso os códigos de comportamento feminino e masculino na Casa de Dona Sebastiana. Para operacionalizar os dados da pesquisa uso conceitos como: Honra (Jean Caulfield); Pedagogização (Albuquerque Jr.); Sexualidade e Poder (Michel Foucault); Lugar praticado e Burla (Michel Certeau); Corpo (Goellner); Gênero (Guacira Lopes Louro); Prostituição (Margareth Rago). Conceitos estes, que operacionalizados com as fontes desta pesquisa apontaram para as diferentes maneiras de mulheres e homens representarem os valores da honra.

Palavras – Chave: Honra; prostituição, pedagogização;

## ABSTRACT

The theme of this work is honor and subjectivities Genres, which has the general objective: to discuss the representations of men and women on the values of honor in the city of Puxinanã 1960 to 1970, taking as reference the sexuality practices of Housewife Sebastiana. It was built three specific objectives in order to articulate together with the overall objective dissertation in production, they are: 1) To analyze the pedagogization the female body through different devices, such as fear, shame, behavior and practices subjectivity as different women, to preserve the honor; 2) Discuss the values of honor in male discourse, reflecting the representations of the body, sexuality, pleasure, purity and love, and 3) analyze the feminine and masculine codes of behavior in the House of Dona Sebastiana, discussing about scams the honor. I analyze in this dissertation: How male and female speeches to preserve the honor were produced and how these values were practiced in the House of Dona Sebastiana, which was a place of honor and dishonor? Working with memories of different women and men who lived social plots in the city of Puxinanã - PB in the years 1960-70, for this I chose to do analysis of speeches and trod this path in Foucault's wake. At first I analyze the pedagogization the female body through different devices to preserve Honor. Then, discuss the values of honor in the male discourses. And third and last time, I analyze the feminine and masculine codes of behavior in the House of Dona Sebastiana. To operationalize the research data using concepts such as honor (Jean Caulfield); Pedagogization (Albuquerque, Jr.); Sexuality and Power (Michel Foucault); Place practiced and Burla (Michel Certeau); Body (Goellnner); Genre (Guacira Lopes Louro); Prostitution (Margareth Rago). These concepts, which operated with the sources of this research pointed to the different ways women and men represent the values of honor.

Key - Words: Honor; prostitution, pedagogization;

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO, produzindo uma dissertação.....</b>	<b>14</b>
1. Projeto da Dissertação.....	18
2. Operacionalizando Conceitos: desafios para um escritor.....	19
3. Metodologia.....	27
4. Pesquisa e fontes.....	29
5. Estrutura da Dissertação.....	30

### Capítulo Primeiro

<b>“NÓS MULHERES ÉRAMOS TRANCADAS”: a pedagogização do corpo feminino em Puxinanã .....</b>	<b>32</b>
1. Transformações da família nuclear na cidade de Puxinanã.....	36
2. Lembranças do Passado: experiências de algumas mulheres puxinanaenses presentes em fotografias.....	39
3. “Feche as pernas, menina, que isso é coisa de homem”: produzindo subjetividades sobre a conduta feminina.....	43
4. “Mulher que fala muito, é toda sassaricada”: as práticas de disciplina e controle sobre o corpo feminino.....	49
5. Moças amedrontadas: pedagogia das afetividades.....	52
6. A vida conjugal: entre as juras e promessas de amor.....	58
7. Fugindo para casar: as manhas das famílias.....	62
8. As mulheres nas festas: intimidades vigiadas.....	64
9. “A mulher trabalhar fora ficava mais liberta”: as burlas.....	70

## Capítulo Segundo

### **“HOJE VOCÊ É TUDO E NADA”: os valores da honra nos discursos masculinos.....74**

1. “Homem de verdade”: a produtividade discursiva do homem viril.....75
2. As festas como práticas de sociabilidade em Puxinanã .....80
3. A sensualidade e a pureza feminina nos discursos masculinos na cidade Puxinanã.....83
4. Amor proibido e às vezes escondido: esse que era gostoso.....86
5. Entre casar e fugir: o defloramento da moça.....88
6. Cartas e poema: a representação da intimidade nas escritas masculinas.....90
7. Músicas oferecidas à amada: a difusora de Seu Raimundo.....100
8. Entre as regras e o prazer: as práticas sexuais dos homens em Puxinanã .....103
9. A traição como uma desonra para o homem: a representação do “corno de goteira”.....106

## Capítulo Terceiro

### **“A FLOR PROIBIDA”: os códigos de comportamento na Casa de Dona Sebastiana.....109**

1. Lugar do Prazer: historicizando a Casa de Dona Sebastiana.....110
2. Indo a feira e/ou ao cabaré? As burlas masculinas.....114
3. Códigos de sociabilidade: o feminino e o masculino sob as normas de Dona Sebastiana.....117
4. Entre a sedução, o desejo e a religiosidade: as festas e a Casa de Dona Sebastiana.....121
5. O corpo desonrado: o cotidiano das “mulheres da vida” na Casa de Dona Sebastiana.....125
6. Honra praticada: a virilidade masculina no “bordel”.....127
7. “O que elas não fazia, a gente fazia”: as práticas de sedução e de prazer das “mulheres da vida” .....131

8. Cuidando de si: higienização e medicalização do corpo desonrado.....	135
9. “Saindo da vida” para casar: de mulheres desonradas a mulheres honradas.....	137
<b>Considerações... (finais, temporárias, casuais).....</b>	<b>140</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>145</b>

## INTRODUÇÃO, produzindo uma dissertação...

Doidivana  
Das noites vazias  
Sendo a razão dos meus dias  
Quando tu quizeres  
Faz um gesto, um aceno  
E eu te darei este amor  
Que neguei a tantas mulheres

Doidivana  
Quem me calunia  
Não sabe a agonia  
Que eu passo e passei  
Não ouviu esta voz quente e rouca  
Nem beijou esta boca  
Que eu tanto beije

Doidivana  
Apesar de tudo  
O tempo passa e eu não mudo  
Ainda te quero bem  
Tu és doida,  
Doida que só vendo  
E eu te querendo  
Sou doido também

Doidivana  
Carícia suprema  
Só me condena  
Quem não gostou de alguém  
Tu és doida, és doida varrida  
E eu te amando  
Sou doido também  
(Adelino Moreira, 1960)

A música acima, do então compositor, Adelino Moreira (1960) e gravada por Nelson Gonçalves, marcou, nas memórias de Eloi<sup>1</sup> (2014, 76 anos), as experiências dele no exercício de uma prática de masculinidade na cidade de Puxinanã<sup>2</sup> nos anos de 1960 a 1970, como o mesmo deixa explícito em sua fala:

---

<sup>1</sup> Eloi, 67 anos, casado, açogueiro aposentado, residente na Rua Rômulo Campos, s/n, Centro, Puxinanã – PB.

<sup>2</sup> Em 1925, teve início na localidade onde se formou a cidade de Puxinanã, a construção de duas barragens para abastecer a cidade de Campina Grande, por ordem do então Presidente da Paraíba João Suassuna. Neste contexto, muitos perceberam que podiam a partir desta construção comercializar produtos e alimentos para os trabalhadores da mesma, os quais construíram também suas moradias nos arredores das barragens, emergindo assim o povoado, que teve como nome, Lagoa de Pedras, devido às barragens construídas entre lajedos em 1932. O povoado foi elevado a Distrito da Paz e em 1938 o distrito passou à Vila da Paz, período em que passou a pertencer a Comarca da cidade de Pocinhos (cidade vizinha a Puxinanã), pois era distrito até este momento da cidade de Campina Grande. Por fim, em 1961, foi elevado à categoria de município com a denominação Puxinanã, pela Lei Estadual nº 2611 de 11 de dezembro de 1961, desmembrado de Pocinhos. Sua instalação se deu em 28 de janeiro de 1962, data que se comemora o aniversário de emancipação política de Puxinanã. O nome Puxinanã, foi dado à cidade em homenagem a primeira das duas barragens construídas para abastecer a cidade de Campina Grande, e que etimologicamente o nome vem do tupi: puxinanã que significa “ananás ruim”, em referência ao fruto da bromélia, semelhante a um abacaxi, e que exala um cheiro muito forte como as águas dos lajedos. A cidade de Puxinanã fica a 118,02 Km da Capital João Pessoa – PB, tem 12.923 habitantes, sendo 6.567 mulheres e 6.356 homens (IBGE/Censo Demográfico – 2010) e IDH de 0,617, possui uma área territorial de 72.680km<sup>2</sup> e sua principal atividade econômica é a agricultura, com o cultivo de mandioca e feijão.

[...] As noites e até mesmo os dias de feira foram marcados em minhas idas e vindas da Casa de Sebastiana<sup>3</sup> pela música Doidivana de Nelson Gonçalves tocadas no programa postal sonoro da rádio Caturité, e tinha na casa dela uma doidivana que me tirava o sossego [suspiros] ( Eloi, 2014, 76 anos).

A partir da fala de Eloi (67 anos), ia cada vez mais me deslumbrando pela pesquisa, pois fui percebendo que as “mulheres da vida<sup>4</sup>”, produziram práticas de paixão e desejo que nas memórias daquele período arrancam suspiros de homens apaixonados, como ficou claro na fala do meu interlocutor.

O tema desta dissertação, “Honra e Subjetividades de Gêneros”, entrou na minha vida pessoal por meio de uma indagação que fiz a minha mãe: “[...] Mamãe, em Puxinanã tinha cabaré no tempo que a senhora era mais nova?” A resposta veio que de imediato: “[...] Pergunte a seu pai que só vivia lá na Casa de Sebastiana [...]”. Vou ser-lhe sincero: fiquei surpreso com a resposta, pois meu pai, um homem “sério”, que sempre buscou preservar “a sua honra” com a virgindade de suas filhas e com a virilidade de seus filhos, pôs em risco os valores morais de sua família para se deleitar em prazeres que eram tão reprimidos no cotidiano de minha família.

As palavras ditas por minha mãe me instigaram a debruçar-me sobre este tema, mas não sabia que escrever as experiências do Outro me arrancaria recordações, angústias, dores, choros, saudades, sentimentos e ressentimentos de minha infância e adolescência. Também me produziu conhecimentos que não só subjetivou o Outro, mas também foi me subjetivando, para que eu pudesse discutir as representações de homens e mulheres sobre os valores da honra na cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, tendo como referências as práticas de sexualidade da Casa de Dona Sebastiana, apreendidas por meio de entrevistas e neste texto transcritas.

Discutir este tema e dentro dele as representações sobre os valores da honra me trouxe à tona algumas recordações de minha infância e da educação que me foi produzida, em que

---

<sup>3</sup> Casa de Sebastiana, conhecida por muitos puxinanaenses como o cabaré da cidade nos anos de 1960 a 1970, principalmente, os que vivenciaram as tramas sociais de Puxinanã neste período. A casa ficava localizada na Rua Rui Barbosa, em frente à Travessa Rui Barbosa que liga esta Rua Rui Barbosa à Rua Peregrino de Carvalho, mas que, popularmente esta Travessa é conhecida pelos puxinanenses como “Rua do Priquito”, por ter tido naquela localidade um cabaré (Casa de Sebastiana) e porque uma das moradoras daquela localidade tinha uma criação de Periquitos “[...] aves psitacéa pequena de cor verde [...]” (FERREIRA, 2000, p.528). Faço aqui uma observação, pois como via de respeito e de memória a Dona Sebastiana da Silva, proprietária do antigo cabaré de minha cidade buscarei em minhas falas tratar, em minha escrita, Maria Sebastiana da Silva por Dona Sebastiana, inclusive, quando me remeter a Casa de Dona Sebastiana.

<sup>4</sup> Assim eram denominadas por muitos/muitas puxinananas as mulheres da Casa de Dona Sebastiana, por terem práticas sexuais “desviantes” das destinadas às “mulheres de família” nos anos de 1960 a 1970.

fui proibido de brincar com minhas primas para não correr o risco de não “gostar de mulher” porque [...] menino tinha que brincar com menino e menina com menina, assim era educação produzida por muitas famílias [...]. Isto foi tão forte que desde a maneira de falar, sentar, como a de andar era pedagogizado como via de não desonrar a família. Não é fácil (re)lembrar-me desta educação. Foi uma educação vigiada e de punição tanto para as moças se manterem virgens até o casamento como para rapazes que devíamos ser homens de verdade, homens com “H maiúsculo”, como assim nos eram falado em meio a uma produção discursiva do que podíamos e do que não podíamos fazer e de como devíamos se comportar.

Assino este texto dissertativo por motivos sentimentais bastante fortes, pois a preservação da honra de minha família deixou-me profundas marcas ao vivenciar uma educação rígida sobre meu corpo; ao presenciar, para meus pais, a decepção de uma filha ter “perdido a virgindade” (assim se dizia quando uma moça deixava de ser virgem) e não ter se casado, tendo a mesma que submeter-se a uma reeducação bem mais severa que antes; ao vivenciar a expulsão de meu irmão de casa, por meus pais não aceitarem o casamento dele com a moça que ele próprio escolheu, a qual não era do desejo de meu pai e minha mãe; e por ter sido alvo de críticas religiosas, pois eu era animador de crisma (em outras palavras um educador do sacramento da crisma na igreja católica de Puxinanã) e fui convidado a deixar tal função em 2001 pelos coordenadores gerais da crisma porque eu praticava sexo com minha namorada, hoje esposa, antes do casamento religioso e assim não seria um bom exemplo para os jovens da cidade; também não pude comungar nas missas, pois eu vivia no que popularmente chama-se de amancebado.

Quando decidimos, minha esposa e eu, casar religiosamente, no ano de 2006, fomos tomados por críticas, pois diziam: “[...] como é que iríamos nos casar nos padrões e tradições da Igreja Católica se éramos ‘amancebados’? [...]”. Tudo porque minha esposa queria casar vestida de branco e com véu, e porque que já tínhamos uma filha de 3 anos de idade, alguns religiosos e algumas pessoas da sociedade puxinanaense lançou-nos críticas tais como: “[...] Casar de branco se já perdeu a honra ?[...]”. Foi a partir dessas experiências e da educação de minha família que percebi que a preservação da honra estava fortemente arraigada em algumas famílias puxinanaenses e que o branco ainda representava nos discursos das famílias a pureza, a virgindade de uma mulher. Ainda produziram outras críticas que diziam: “[...] “Olha a honra da noiva, criou pernas e saiu andando” [...]”; “[...] Dama de honra se nem virgem é mais [...]”.

Isto me inquietou e me inquieta, uma vez que fica claro nas produções discursivas que a mulher carrega em seu corpo a honra de sua família, pois as críticas a nós lançadas sempre

recaiam sobre minha esposa, como a “única culpada” de cometer o erro de não ter se resguardado virgem até o casamento e por ter saído da linha como assim foi, naquele momento, vista aos olhos de uma sociedade pautada em discursos familiares para preservar os valores da honra.

Embaralhei algumas palavras e desenhei outras com o intuito de escrever narrativas, histórias, das quais mantenho uma relação íntima e por que não dizer prazerosa, pois “[...] desenhar palavras é violentá-las e por elas, também sentir a violência da produtividade. É uma arte de criar, de dizer diferente, sempre, de quando foi produzida [...]” (ARAÚJO, 2011, p.19). As palavras por mim embaralhadas e/ou desenhadas aqui não apreendem a complexidade das relações de homens e mulheres da sociedade puxinanaense nos anos de 1960 a 1970, nem abrange as práticas de sexualidade da Casa de Dona Sebastiana, as quais envolveram relações de gêneros, amores, desejos, identidades, subjetividades, pedagogização dos corpos e sexualidades.

Contudo, são as palavras que (re) significam estas experiências, pois:

[...] o homem se dá na palavra e pela palavra e como palavra. Por isso atividades como atender às palavras, criticar palavras, escolher palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc., não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório (LARROSA, 2004, p.153 apud ARAÚJO, 2011, p.19).

A partir das palavras busco traduzir as tramas cotidianas de homens e mulheres nas palavras expressadas e apreendidas em entrevistas, nas quais me foram produzidos medos, dores, angústias, saudades, decepções, alegrias, sentimentos e ressentimentos, amores, desejos, prazeres, tudo entrelaçado ao tema de minha dissertação: Honra e Subjetividades de Gêneros, que ora vos apresento neste texto, convidando-os a adentrar neste caminho desfrutando dos prazeres e das dores de (trans) escrever as mais variadas experiências de homens e mulheres, as quais permearam intensamente o meu corpo e as minhas identidades.

O tema emergiu como uma provocação para minha vida acadêmica, pois ingressei na academia no curso de História da Universidade Estadual da Paraíba em 2006 em meio às críticas sobre o meu casamento, onde me levou a refletir sobre as práticas discursivas referentes aos valores da honra na sociedade puxinanaense que envolveram a construção subjetiva de homens e mulheres sobre a honra e a moral, impulsionando-me a pensar as

subjetividades femininas (re) construídas no decorrer da história de vida de algumas mulheres e de alguns homens, que tomamos como fontes desta pesquisa, e marcadas em seus corpos. Assim, o tema me sugere pensar as diversas maneiras de homens e mulheres terem vivenciados os valores da honra a partir da pedagogização do corpo feminino e suas burlas.

Diante disto, por meio de depoimentos de homens e mulheres nos foram apresentados distintas formas de representação do corpo feminino e diferentes maneiras das mulheres subjetivarem seus corpos. Logo, os depoimentos, transcritos no corpo desta dissertação, me direcionam para as múltiplas representações de homens e mulheres sobre os valores da honra na cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970. É sabido que as representações destes homens e destas mulheres estão permeadas de sentimentos e ressentimentos (re) produzidos nas relações de gêneros.

O trajeto de minha escrita foi atravessado por algumas leituras conceituais, as quais me instigavam dia após dia e me direcionavam para uma análise das palavras do Outro em detrimento a uma problemática que me inquietava: Como foram produzidos os discursos femininos e masculinos para preservar a honra e como estes valores foram praticados na Casa de Dona Sebastiana, que era um lugar de honra e desonra?

As palavras dos/as depoentes da pesquisa, dos autores e as minhas palavras foram sendo (re) produzidas com o intuito de dar sentido a outras palavras, visto que “[...] o que importa é permitir que cada discurso possa exercer sobre um outro um poder de interrogação e provocação, não como exigência de resposta, mas como perpetuação e atualização de um desejo de invenção [...]” (CONTINENTINO, 2006, p.11 apud ARAÚJO, 2011, p.21).

## **1. Projeto da Dissertação**

### **1.1 Tema e Objeto:**

O tema desta dissertação versa sobre “Honra e subjetividades de gêneros”, tendo como objeto de estudo: “Honra e Prostituição na cidade de Puxinanã – PB, de 1960 a 1970”.

## 1.2 Objetivos

O objetivo geral desta dissertação é discutir as representações de homens e mulheres sobre os valores da honra na cidade de Puxinanã de 1960 a 1970, tendo como referências as práticas de sexualidade da Casa de Dona Sebastiana.

Foram construídos três objetivos específicos com o intuito de juntos articularem com o objetivo geral na produção dissertativa, são eles:

- a) Analisar a pedagogização do corpo feminino, por meio de distintos dispositivos, como os medos, a vergonha, o comportamento e as práticas de subjetivação como mulheres diferentes, para preservar a honra;
- b) Discutir os valores da honra nos discursos masculinos, refletindo as representações sobre o corpo, a sexualidade, o prazer, a pureza e o amor;
- c) Analisar os códigos de comportamento feminino e masculino na Casa de Dona Sebastiana, problematizando as burlas sobre a honra;

## 2. Operacionalizando Conceitos: desafios para um escritor

No decorrer da minha escrita faço uso de vários conceitos no corpo do trabalho para construir uma relação da fonte da pesquisa com a minha escrita, contudo trarei para o leitor uma síntese das leituras conceituais e da relação que estas mantêm com meus/minhas depoentes. A respeito da prostituição, segundo RAGO (2008), “[...] tudo aí é muito antigo e já conhecido, pois se acredita no senso comum, e não apenas nele, que a prostituição é a ‘profissão mais antiga do mundo’, onde os lugares no submundo já são predeterminados [...]” (RAGO, 2008, p.21) para as mulheres da vida a favor de uma ordem social e da moralidade, visto que a “[...] prostituição é o ato ou efeito de prostituir-se, degradar-se, aviltar-se, [...] é a prática sexual por dinheiro [...]” (FERREIRA, 2000, p.563), o que tornava a vigilância e controle, sob os códigos de comportamento produzidos para as mulheres, mais rígidos na cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, uma vez que as famílias, a exemplo da minha, não queriam pôr em risco a honra da família que era direcionada no corpo de suas filhas.

Quando se estuda sobre prostituição e as relações que a partir dela são (re) construídas, não se pode deixar de mencionar uma figura bastante importante, a qual dominava os códigos normativos de Puxinanã e que era o ponto central do cabaré: Dona Maria Sebastiana da Silva (a cafetina e dona do cabaré), esta que tinha a diplomacia e discrição no relacionamento com os clientes e o denominado ‘jogo de cintura’ no dia a dia com suas ‘funcionárias’, buscando ter a polícia, na pessoa do delegado deste período, o Sr. Adelino e do sargento Sr. Acelino, sempre ao seu lado para uma eventual proteção em caso de alteração da clientela e/ou de alguma esposa reivindicando seus direitos conjugais.

Neste sentido, Certeau (2004) denominaria essas práticas de cultura ordinária onde a “[...] ordem é exercida por uma arte, ou seja, ao mesmo tempo exercida e burlada [...]” (CERTEAU, 2004, p.20), pois são essas atitudes e condutas que (re) inventaram o cotidiano da prostituição e das relações de gêneros em Puxinanã na segunda metade do século XX. Esta (re) invenção devia seguir condutas exemplares, tanto para as mulheres ditas de família como pelas “mulheres da vida”. Estas últimas tinham a preocupação em demonstrar que obedeciam as normas e regras a elas produzidas pelos discursos das famílias para não gerar problemas na ordem social da cidade e dar casos jurídicos.

Ao determinar diferenças entre a “mulher da vida” e a “mulher de família”, polarizando-as, os discursos das famílias, muito arraigados na cidade de Puxinanã, encontravam meios para se defender da ameaça que representava a prostituta – mulher livre, fácil, descontrolada, doidivana, extravagante e sem prudência, como assim eram chamadas – uma vez que as famílias temiam que suas filhas se desvirtuassem da educação a elas destinada e ficassem ‘mal faladas’. Sendo assim, neste campo de (re) definição de práticas e de valores, a “mulher da vida” em Puxinanã foi construída como um contra ideal para por limites à liberdade feminina, para pedagogizar o corpo feminino e preservar os valores familiares da honra e da moral.

Neste sentido, observamos que toda sociedade tem seus códigos morais (regras) e de comportamentos (re) produzidos em diferentes temporalidades, e quem os seguem gozam de certos elogios enquanto os que as burlam são punidos, pois “[...] a honra e a vergonha são valorizações sociais e partilham, portanto da natureza de sanções sociais [...]” (PERISTIANY, 1965, p.03). Assim, podemos perceber que em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, a honra e a vergonha eram valorizadas socialmente pelas famílias, um grande exemplo disto era a vigilância das famílias sobre suas filhas e dos maridos sobre suas esposas, o que nos direcionam a pensar que:

[...] a honra sexual era à base da família, e esta a base da nação. Sem a força moralizadora da honestidade sexual das mulheres [...] causaria a dissolução da família, um aumento brutal da criminalidade e o caos social [...] (CAULFIELD, 2000, p.26).

É perceptível a preocupação das famílias em pedagogizar o corpo feminino, porque nele residia a honra do pai e do marido, em que a honestidade sexual era bastante conservada. Sendo assim, as vivências femininas na cidade de Puxinanã foram agenciadas por diversos conhecimentos para obter o conhecimento do outro e se reconhecer nas suas práticas. A pedagogização do corpo feminino era via de exercer poder sobre algumas mulheres com o objetivo de construir modelos de comportamento, uma vez que:

[...] o fazer e o dizer da pedagogia dos gêneros, realizada na e pela [...] família [...], eram de que as filhas mulheres deveriam preservar a virgindade e manter a fidelidade conjugal, valores culturais que funcionaram como qualificação para alojar, preservar e defender a honra nas relações de gêneros. A virgindade [...] era concebida como um valor de respeitabilidade à honra [...] de toda a família, mas também, deveria ser considerada como um presente ou um ‘dote’ para o marido quando a mulher casasse; já a fidelidade conjugal, representava a preservação pela mulher, do valor de um homem honrado e de prestígio na economia masculina [...] (ARAÚJO, 2011, p. 41).

Nesta perspectiva, o nosso viés de trabalhar com o conceito de pedagogização partiu dos testemunhos de mulheres e homens que viveram sob os códigos normativos e modelos de comportamentos, os quais foram produzidos e cuidadosamente zelados por muitas famílias puxinanaenses como forma de controle e conservação da honra no corpo feminino com a virgindade das filhas e a fidelidade das esposas, como retrata Araújo (2011). Assim, a partir de Albuquerque Jr., entendemos as pedagogizações dos corpos do feminino e do masculino como construções e reconstruções, em que esta pedagogização do corpo é também,

[...] lidar com a instituição de limites, com a demarcação do dentro e do fora, do permitido e do proibido, é traçar com traços de giz, quem e como se deve passar, quem pode e quem não pode entrar como deve ou como não deve estar a circular, mudar de lugar, se mexer [...] (ALBUQUERQUE JR., p.02)<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Albuquerque Júnior, Durval Muniz de. *Pedagogia: a arte de erigir fronteiras*. Disponível no site <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/indez2.htm>, visitado em maio de 2014.

Deste modo, foi por este processo pedagógico que os corpos passaram e deixou-se passar e que significou e resignificou o corpo feminino em Puxinanã, nos anos de 1960 a 1970, por meio de códigos de comportamentos que produziam para as mulheres espaços transitáveis para elas, modos de falar, de sentar, de andar, de vestir, de comer e que também determinava o espaço privado (a casa) como espaço da mulher. Espaço este, onde o corpo feminino era educado para não por em risco os valores da honra da família em vias públicas, quando assim trafegavam por elas.

Associado a essa pedagogização estava o medo. Medo de ficarem “mal faladas” por algum “deslize” em seu comportamento, medo de ferir os valores da família, pois “[...] o medo é o nome que damos a nossa incerteza; nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance [...]” (BAUMAN, 2008, p.08).

Logo, este medo caminhava junto com a vergonha; vergonha de serem punidas publicamente e/ou pela vergonha de a família ter uma filha “mal falada”, desonrada, uma vez que “[...] a vergonha, numa mulher solteira, afeta diretamente seus pais e irmãos [...] que não souberam proteger ou vingar a sua honra [...]” (PERISTIANY, 1965, p.149). Ou seja, recaía sobre a família a responsabilidade de proteger e controlar suas filhas, mantendo-as virgens para o matrimônio. Em Puxinanã, quando as famílias não conseguiam resguardá-las, buscavam vingar (salvar o nome da família) a honra ferida com a obrigação do casamento, caso isto não ocorresse à família era tomada, socialmente, pela vergonha e a desonra do pai.

O corpo pedagogizado, amedrontado e de vergonha, era o corpo feminino desejado pela sociedade puxinanaense nos anos de 1960 a 1970, como forma de manter a ordem social. Com isto, as práticas pedagógicas usadas pelas famílias para educar o corpo feminino tornou-se, em Puxinanã, um guia da boa conduta, de comportamentos de gêneros e de produção e reprodução de subjetividades sobre o corpo, em especial o feminino, visto que

[...] o corpo é uma construção sobre o qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc. [...] o corpo é provisório, mutável, mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz [...] (GOELLNER, 2007, p.28)

Diante disto, observei que os corpos (re) inventam diversas maneiras de burlarem os códigos de comportamento a eles (re) produzidos por suas famílias, principalmente quando se referia às práticas de sexualidades que estes corpos vivenciaram nos anos de 1960 a 1970 em Puxinanã por alguns homens e algumas as mulheres na Casa de Dona Sebastiana, mulheres estas que hoje, buscam manter o seu nome honrado, como mulheres casadas, mães e avós, pois “[...] os homens e as mulheres lutam, para atingir estas formas ideais de ser e de conduta. Quando o seu esforço neste sentido é demasiado frouxo, perdem a honra [...]” (PERISTIANY, 1965, p.118), uma vez que homens e mulheres puxinanaenses lutaram para alcançar estes ideais de serem homens e mulheres de boa conduta, de serem corpos desejados e desejantes na cidade de Puxinanã daquele período.

Conforme Gabriele, Oliveira e Arrais (2010), nos três últimos séculos houve um aumento considerável dos discursos sobre a sexualidade, no próprio terreno de atividade do poder, logicamente por meio de um vocabulário adequado, limpo, decente, numa oratória alusiva e metafórica, que produziu dispositivos discursivos que controlavam o falar, os anseios e desejos de homens e mulheres como, por exemplo, em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, que por muitas vezes os/as impediam de expressarem-se livremente a respeito da sexualidade, e quando o faziam era rapidamente reprimidos/as.

A partir de Foucault (1988) tomo a sexualidade como um dispositivo que estimula a excitação dos corpos, o aumento dos prazeres, o estimula ao discurso, a construção de informações e o aumento do domínio e das burlas. Com relação à sexualidade, Foucault (1988) traz para o meu texto uma grande contribuição a respeito de uma questão bastante discutida quando se trata da repressão sexual, pois o mesmo ver esta repressão como possível modo de ligação entre poder, saber e sexualidade da sociedade ocidental.

Neste caso, e segundo Gabriele, Oliveira e Arrais (2010), para melhor compreender o dispositivo da sexualidade, têm de prestar atenção na definição de Foucault sobre o poder, em que apresenta o dispositivo como heterogêneo, o qual engloba desde discursos científicos, religiosos, filosóficos, morais, à regras, leis, normas e práticas, e é aqui que me aproximo de Foucault e de sua visão da sexualidade como dispositivo, pois os discursos e as práticas das famílias da cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970 (re) produziram normas, regras, códigos morais sobre a sexualidade dos corpos do feminino e do masculino. Logo, o dispositivo unido à práticas planejadas comprova-se a presença do poder, que por sua vez, torna possível o surgimento de saberes que passam a serem vistos como verdades por meio de discursos. Assim,

[...] o dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de maneira cada vez mais global. (FOUCAULT, 1988, p.118).

Diante disto, percebo que o dispositivo de sexualidade passou a dar sustentação ao dispositivo de aliança – o qual se referia ao casamento, às relações de parentesco – baseado num campo de poder que determinava o que era permitido e o que era proibido, mantido por uma teia de regras, normas, leis, as quais eram cotidianamente zeladas pelas famílias, visto que a família é “[...] o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo de sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança [...]” (FOUCAULT, 1988, p.119). Isto é, a família “[...] é o cristal no dispositivo de sexualidade [...]” (FOUCAULT, 1988, p.122).

Além do mais, este dispositivo de sexualidade está associado à economia por meio dos corpos que são vistos como objetos de saber e como partes nas relações de poder, produzindo ajustes que cada vez mais iam tornando a sexualidade um dispositivo de submissão. Com isso, a definição de dispositivo sugerida por Foucault (1988) pode ser entendida como uma mistura de fios que vão desde a visibilidade, a enunciação, a subjetividade, até as rupturas que perpassam o indivíduo e a sociedade de forma instável, em constantes movimentos e modificações.

Na visão foucaultiana, dispositivos são práticas, são mecanismos que os indivíduos utilizam para exercer o poder mediante o outro. Este dispositivo é operacionalizado numa relação de força de forma sutil através do mecanismo de saber, o qual se correlaciona à pedagogização do corpo feminino e masculino, a título de exemplo, produzida pelas famílias puxinanaenses e as práticas de sexualidade exercidas na Casa de Dona Sebastiana em Puxinanã, nos anos de 1960 a 1970, em que, por meio dos discursos das famílias exercia-se sobre os corpos, do feminino e também do masculino, poder, que os modificavam, os modelavam, os manipulavam, os bloqueavam, os controlavam, mas também era usado muitas vezes aos seus interesses, interferindo diretamente na (re) construção de identidades de gêneros.

Com isto, os estudos mais recentes buscam, através das relações de gêneros, problematizarem as representações femininas e masculinas presentes na trama de relações socioculturais. Sendo assim, a noção de gênero me dá uma maior visibilidade das práticas de

homens e mulheres na sociedade puxinanaense, principalmente, no que se refere aos valores da honra e das práticas de sexualidades.

Desta maneira, trabalhar com gênero me proporciona uma maior aproximação do contexto sociocultural de Puxinanã dos anos de 1960 a 1970, no qual o feminino e o masculino foram se apropriando dos discursos proferidos pelas famílias como parte integrante na construção de suas identidades, visto que as identidades são construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento, pois “[...] as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, possíveis de transformação [...]” (LOURO, 1997, p. 27).

De acordo com Reis (2006), podemos perceber que a classe social por si só não mais define as identidades dos indivíduos, logo, somos vistos a partir dos campos sociais nos quais atuamos, pois “[...] as identidades são ‘máscaras’ criadas para se obter o sucesso em múltiplas relações e situações [...]” (REIS, 2006, p.14), isto é, o sujeito nunca está constituído, ele se constitui e se reconstitui por meio de práticas e discursos, em que o gênero, também, constitui o sujeito, as múltiplas identidades, dando uma definição e redefinição nas relações e nas práticas socioculturais dos indivíduos, no nosso caso, de homens e mulheres puxinanaenses, que por meio de suas práticas constituíram-se e constituem-se sujeitos (re) definindo suas identidades cultural e socialmente. Apreciemos o que nos fala Silva (2005), com relação à identidade e a diferença:

[...] além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística [...] Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2005, p.76).

Diante disto, percebemos que a identidade e diferença são produtos de ações de criação linguística, em que elas são criadas e recriadas por meio de atos de linguagem, uma vez que é por meios de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais, a exemplo, dos discursos de algumas famílias puxinanaenses dos anos de 1960 a 1970, que buscavam por meio de suas falas pedagogizar os corpos, principalmente, o feminino em contraponto ao masculino. Logo, identidade e diferença não são algo da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem, dos quais adquirimos sentidos para nos

firmarmos na sociedade, o que resulta em uma disputa de poder, como nos apresenta Silva (2005):

[...] A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (SILVA, 2005, p.81).

Neste sentido, ao afirmar uma identidade, seja ela, masculina, branca, negra, feminina, gay, prostituta, entre outras, estou demarcando fronteiras, pois no instante que falo “o que sou” estou dizendo “o que não sou”, ou seja, a identidade está sempre ligada a uma enorme separação entre nós e eles, em que identidade e diferença se interpretam em declarações sobre quem está intimamente relacionada às maneiras pelas quais a sociedade constrói e faz uso das classificações, como, por exemplo, “[...] a força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade [...]”. (SILVA, 2005, p.83), aqui podemos elencar o heterossexual como uma identidade preponderante, em que a instituição familiar por muito tempo buscou preservar, a exemplo das famílias puxinanaenses dos anos de 1960 a 1970 que, por meio do matrimônio, a zelava casando seus filhos e suas filhas.

Sabemos ainda que a identidade e a diferença estão ligadas a sistemas de significação, nos quais a identidade é um significado conferido socioculturalmente. Logo, os estudiosos mais recentes da teoria cultural apresentam essa mesma ideia por meio do conceito de representação, visto que “[...] para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação [...]” (SILVA, 2005, p.90).

Deste modo, a representação se liga à identidade e a diferença, uma vez que elas são dependentes da representação, visto que através de testemunhos de homens e mulheres de Puxinanã pude perceber como os/as mesmos/as representam a si e o Outro por meio do sistema linguístico e cultural, (re) produzidos pelos códigos de comportamento e valores morais em seus corpos, o que diretamente (re) definia as identidades destes corpos. Sendo assim, é por meio da representação que a identidade e a diferença passam a existir, bem como se ligam a sistemas de poder, uma vez que “[...] quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade [...]” (SILVA, 2005, p.91), pois “[...] as identidades não

são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação [...]” (HALL, 2006, p.48).

Contudo, a identidade é algo formado, ao longo do tempo, e não algo dado, já existente na consciência desde o nascimento. Em meio a isto, a identidade surge devido a uma falta de inteireza, a qual é (re) construída tanto a partir do nosso exterior, ou seja, pela convivência com o externo e pelas maneiras pelas quais imaginamos sermos vistos pelos outros, quanto pela subjetivação, onde os sujeitos também intervêm nesta construção, pois “[...] tudo que dizemos tem um antes e um depois – uma margem na qual outras pessoas podem escrever [...]” (HALL, 2006, p. 41).

Deste modo, percebemos que as relações de gêneros, e a diferença dentro delas e entre elas, têm alguma relação com as representações nas práticas cotidianas das mulheres e homens na cidade de Puxinanã. Sendo assim, faço uso do conceito de representação para analisar como as mulheres e os homens puxinanaenses, que viveram as tramas sociais e culturais nos anos de 1960 a 1970, representam seus corpos, as suas sexualidades, seus amores, seus desejos e seus prazeres, tendo como aporte depoimentos de alguns destes homens e destas mulheres. Representações permeadas pelos valores da honra produzidas por vários discursos, dentre eles, os familiares.

Neste sentido, a representação é compreendida como aquelas formas de inscrição, ou seja, de construção através das quais o Outro é representado, uma vez que a concepção de representação se focaliza no discurso, na linguagem, e na prática, logo, a representação é considerada, aqui, como um processo central na (re) produção de identidades, pois ela é vista como uma forma de conhecimento do outro, onde construímos a identidade deste outro e, no mesmo instante, a nossa própria identidade (SILVA, 2005).

### **3. Metodologia**

Optei por fazer análise de discursos e trilhei este caminho na esteira foucaultiana, em que a noção de discurso é uma prática que “[...] define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que deve acompanhar o discurso [...]” (FOUCAULT, 2012, p.37). Sendo assim, as práticas produzidas pelos sujeitos fomentam o meu debate, pois os mesmos produzem discursos não só sobre o Outro, mas também sobre si. Busco, além de analisar os discursos de algumas mulheres e homens entrevistados/as, analisar

duas cartas amorosas enviadas por dois rapazes à Maria Beatriz da Silveira<sup>6</sup> entre os anos de 1960 a 1970, uma das cartas (datada em 26 de julho de 1968 e a outra em 27 de março de 1962) me fez construir a primeira parte do título desta dissertação: “Seus olhares nunca me negaram”.

A análise de discursos favoreceu-me para uma melhor percepção dos valores da honra vivenciados por diferentes homens e mulheres na cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, os quais por meio de seus depoimentos nos trouxeram a tona as pedagogias do corpo feminino e as tramas amorosas da Casa de Dona Sebastiana. A minha intenção não é aqui produzir uma verdade, mas questionar, indagar, inquietar e ser inquietado por este poder que os discursos tinham e tem para (re) produzir as práticas de gêneros e suas subjetividades.

Busquei a partir de Foucault (2012), analisar a pedagogização dos corpos femininos produzidas por suas famílias. Educação que também afetava as práticas de sexualidades destas mulheres e também dos homens. Logo, me aproximo de Foucault para pensar os modelos de comportamento produzidos nos relatos dos/as depoentes que se dispuseram a contar, a falar de suas histórias de vidas, as quais delinearão todo o meu trabalho e pesquisa, pois “[...] os testemunhos podem, também, ter resultados sociais e políticos diretos [...] à medida que descobrem palavras e significados para suas experiências e estimularam o reconhecimento público e a potencialização de experiências [...]” (THOMSON, 2000, p.59).

Tendo o discurso como uma prática, me é dada uma maneira de enxergar os valores da honra, a moral e as subjetividades de gêneros que fizeram funcionar a cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, uma vez que o discurso “[...] fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirige os limites de seu valor de coerção [...]” (FOUCAULT, 2012, p.37). Assim, os discursos das famílias presentes nas falas de alguns homens e mulheres me deram um leque de discussões possíveis sobre a pedagogização do corpo feminino; a representação do masculino sobre o corpo, o prazer e o desejo; e sobre os códigos de comportamento na Casa de Dona Sebastiana.

O meu intuito foi contar e escrever o exercício dos discursos produzidos pelas famílias nas tramas das relações de gêneros, as quais são marcadas pelas diferenças entre homens e mulheres permeadas pelos valores da honra. Logo, os discursos produzidos pelas famílias favoreceram a subjetivação dos corpos tanto do feminino como do masculino, pois a subjetivação é “[...] o nome que se dar aos efeitos da composição e da recomposição de forças, práticas e relações que tentam transformar – ou operam para transformar – o ser

---

<sup>6</sup> Maria Beatriz da Silveira, 62 anos, viúva, professora aposentada, residente na Rua Rômulo Campos, s/n, Centro, Puxinanã.

humano em variadas formas de sujeitos [...]” (ROSE, 2001, p.143 apud ARAÚJO, 2011, p.34 – 35).

Contudo, apropriar-se da análise de discursos faz tornar visível o meu objeto de estudo, pois os valores da honra estão expostos nas três diferentes experiências escritas nesta dissertação, tais como: nos discursos pedagógicos das famílias para com a pedagogização de suas filhas e de seus filhos; nos discursos masculinos sobre os valores da honra, do corpo e da sexualidade; e nos códigos de comportamentos feminino e masculino na Casa de Dona Sebastiana.

#### **4. Pesquisa e fontes**

A pesquisa foi (re) construída por meio de entrevistas realizadas em diversos dias e por horas, em que as/os depoentes – homens e mulheres que vivenciaram e foram vivenciados/as pelas relações de gêneros e suas subjetividades na cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970 – por meio da técnica da história de vida (MINAYO, 1993 apud ARAÚJO, 2011), que retrata uma etapa da experiência vivida por elas e/ou por eles em suas trajetórias de vidas, puderam me contar e falar de suas experiências.

Fiz entrevistas com dez mulheres de distintos segmentos sociais (professora, política, agricultura, costureira, parteira, doméstica) nos anos de 2013 e 2014 com idades entre 55 e 85 anos, na cidade de Puxinanã, que experimentaram as práticas pedagógicas de suas famílias nos anos de 1960 a 1970. Realizei entrevistas com oito homens com idades de 60 a 83 anos, que nos apresentaram através de suas falas as representações sobre o corpo, a sexualidade, a pureza, o amor e o prazer. Realizei entrevistas com três mulheres que vivenciaram as experiências da prostituição; mulheres estas que por meio de suas falas nos apresentaram os códigos de comportamento da Casa de Dona Sebastiana e as burlas sobre a honra. Reutilizei entrevistas realizadas com algumas mulheres no ano de 2010, para produzir a monografia de conclusão do curso em História – UEPB.

Busquei iniciar as entrevistas mostrando a meus/minhas entrevistados/as o meu interesse da pesquisa, para que eles e elas pudessem sentir-se mais envolvidos/as, o que possibilitou direcionar suas experiências ali testemunhadas para o tema de minha dissertação. Porém, as entrevistas não foram realizadas tão facilmente como possa aparentar, tive que voltar várias vezes para retomar uma entrevista e/ou para iniciar uma nova. Não posso deixar

de mencionar alguns dos horários em que as entrevistas foram realizadas, por sugestão dos/as entrevistados/as, como, por exemplo, às seis horas da manhã; às dez horas da noite (que por muitas vezes iam até meia noite e/ou uma hora da manhã), momentos em que os/as depoentes ficavam livres dos seus afazeres ou ainda não os tinham iniciados, sem deixar de mencionar que nesses horários ficávamos a vontade, sozinhos, pois os parentes no caso da manhã saíam para trabalhar e quando noite recolhiam-se para dormirem.

Nos momentos das entrevistas, realizadas em 2010, me foi apresentada por Maria Beatriz da Silveira (76 anos) duas cartas, que foram usadas como anexo, mas não analisadas, na monografia de conclusão do curso de História da minha irmã Solange dos Santos Araújo no ano de 2006, as quais, com autorização da pesquisadora, foram por mim analisadas e me dão um leque de discussões a respeito dos valores da honra, da representação do corpo, da sexualidade, do prazer, da pureza e do amor. Cartas estas que analiso no segundo capítulo desta dissertação como discursos produzidos de maneiras distintas.

Ainda nas entrevistas com Maria Beatriz da Silveira tive contato com um acervo de fotografias da mesma quando jovem, dos bailes das Festas de Padroeira da cidade de Puxinanã, onde apenas fui autorizado a fotocopiar uma de tantas que a mesma possui. Mas, quando entrevistando a Senhora Maria Hozana dos Santos<sup>7</sup> (59 anos) e a Senhora Carmelita dos Santos<sup>8</sup> (64 anos), me foram dadas quatro fotografias de quando criança e moças. Uma destas fotos com dedicatória ao amado. A partir deste contato com estas fontes resolvi analisá-las e as usá-las em meu texto.

Assim, as fontes possibilitaram-me refletir sobre as diferentes experiências de mulheres e homens que experimentaram e deixaram ser experimentados/as pelas relações de gêneros e suas subjetividades que permearam a cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970. Quero esclarecer que foram experiências individuais dentre várias ocorridas sobre honra e prostituição, mas que foi por meio destas experiências que a pesquisa foi pensada, construída e posta em prática.

## **5. Estrutura da Dissertação**

A dissertação está dividida em três capítulos, os quais foram construídos a partir das experiências individuais de homens e mulheres que vivenciaram nos anos de 1960 a 1970 três

---

<sup>7</sup> Maria Hozana dos Santos, 59 anos, casada, funcionária pública aposentada, residente na Rua Tamandaré, Centro, Puxinanã – PB.

<sup>8</sup> Carmelita dos Santos, 64 anos, casada, costureira, residente na Rua Justino Alves de Azevedo, 277, Centro, Puxinanã – PB.

meios de avizinham-se ao nosso tema (Honra e subjetividades de Gêneros), tais como: a pedagogização do corpo feminino como via de preservar os valores da honra; os discursos masculinos sobre o corpo, a sexualidade, o prazer, o amor, variadas formas de alguns homens praticarem suas masculinidades; e os códigos de comportamento feminino na Casa de Dona Sebastiana e suas burlas. Quero esclarecer ao leitor que os títulos dos capítulos foram retirados das transcrições das entrevistas de alguns homens e mulheres que se dispuseram a colaborar com minha pesquisa.

No primeiro capítulo, intitulado “*‘Nós mulheres éramos trancadas’*: a pedagogização do corpo feminino em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970”, analiso o processo da pedagogização do corpo feminino por meio de distintos dispositivos discursivos, como os medos, a vergonha, o comportamento e as práticas de subjetivação para preservar a honra; esta análise foi produzida através da operacionalização das memórias e dos discursos de mulheres com idades entre 55 a 85 anos, a respeito da educação familiar que lhe foi direcionada.

No segundo capítulo, intitulado “*‘Hoje você é tudo e nada’*: os valores da honra nos discursos masculinos (1960 a 1970)”, discuto os valores da honra, problematizando as representações sobre o corpo, a sexualidade, o prazer, a pureza e o amor, com base nos relatos orais de homens que experimentaram e deixaram experimentarem-se pelas relações de gêneros em Puxinanã.

No terceiro capítulo, intitulado “*‘Flor proibida’*: os códigos de comportamento na Casa de Dona Sebastiana (1960 a 1970)”, faço uma análise dos códigos de comportamento feminino na Casa de Dona Sebastiana (cabaré de Puxinanã dos anos de 1960 a 1970), problematizando os desejos de sedução e as burlas sobre a honra, tendo como aporte as memórias de três mulheres da vida que moraram e trabalharam na casa, onde vivenciaram as práticas de sexualidades e uma reeducação dos seus corpos.

Foram três experiências de vivenciar os valores da honra, em que os valores da honra e as subjetividades de gêneros eram (re) construídas pelas práticas de sexualidades, pela pedagogia dos corpos para preservar a honra da família, pelos códigos de comportamento da/na Casa de Dona Sebastiana e pelas burlas sobre a honra. Sendo assim, convido você a se debruçar sobre esta dissertação e adentrar neste caminho de amores, de paixões, de dores, de desejos, de seduções, de sentimentos e ressentimentos que envolveram as relações de homens e mulheres de Puxinanã, nos anos de 1960 a 1970.

## Capítulo Primeiro

### “NÓS MULHERES ÉRAMOS TRANCADAS”: a pedagogização do corpo feminino em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970

[...]  
 Toda menina que enjôa  
 Da boneca  
 É sinal que o amor  
 Já chegou no coração...  
 Meia comprida  
 Não quer mais sapato baixo  
 Vestido bem cintado  
 Não quer mais vestir timão...  
 Ela só quer  
 Só pensa em namorar  
 Ela só quer  
 Só pensa em namorar...  
 De manhã cedo já tá pintada  
 Só vive suspirando  
 Sonhando acordada  
 O pai leva ao dotô

A filha adoentada  
 Não come, nem estuda  
 Não dorme, não quer nada...  
 Ela só quer  
 Só pensa em namorar  
 Ela só quer  
 Só pensa em namorar...  
 Mas o dotô nem examina  
 Chamando o pai do lado  
 Lhe diz logo em surdina  
 Que o mal é da idade  
 Que prá tal menina  
 Não tem um só remédio  
 Em toda medicina...

(Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1953, Xote das Meninas)

A letra da música<sup>9</sup> acima representa um pouco das vivências cotidianas e familiares dos anos de 1960 a 1970 da cidade de Puxinanã, como bem me traz a tona minha mãe: “[...] sempre que escuto essa música me lembro do tempo da minha mocidade e dos meus paqueras [risos], de quando a gente tava se formando [...]” (Carmelita dos Santos, 2013, 64 anos). Quando minha mãe e/ou as entrevistadas relatavam-me sobre “se formar”, era por tratar da transição da fase de menina para a fase de moça, isto é, quando as mesmas menstruaram pela primeira vez, o que era para muitas famílias uma grande preocupação a respeito da preservação da honra da família, pois suas filhas estariam à mercê do amor e assim “[...] só

<sup>9</sup> O Xote das Meninas é um xote de Luiz Gonzaga e Zé Dantas, gravado originalmente pelo primeiro em disco RCA Victor, em 5 de fevereiro de 1953, para o suplemento de maio daquele ano, tornando-se uma das peças mais populares de seu repertório.

pensa em namorar [...]” (Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1953) como bem enfoca a letra desta música.

Em Puxinanã, meados do século XX, houve algumas rupturas na maneira feminina de se comportar, de se vestir, de sentar e de falar, pois como nos apresenta Luiz Gonzaga e Zé Dantas (1953) “[...] Meia comprida, não quer mais sapato baixo, vestido bem cintado, não quer vestir timão [...]”, visto que durante muito tempo, e ainda hoje, muitas famílias puxinanaenses produzem sobre o corpo feminino uma pedagogização que as controlam, as vigiam e as punem como vias de preservarem a honra do pai quando solteiras e do marido quando casadas, embora se saiba que muitas mulheres burlam as normas a elas direcionadas. Por meio desta produção de discurso foi-se disseminando também a ideia de que a mulher deveria ser educada, prendada, esposa, mãe e mulher honrada, ou seja, quando solteiras mantiver-se virgens até o casamento e quando casadas deviam ser fiéis aos seus maridos.

Compreendo honra a partir de Caulfield (2000), a qual nos mostra que a base da reputação social da família é a honra, o que era bastante forte em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, onde “[...] a honra sexual era à base da família [...] sem a força moralizadora da honestidade sexual das mulheres [...] causaria a dissolução da família [...]” (CAULFIELD, 2000, p.26), pois a honra perpassava todos os âmbitos da cidade de Puxinanã, construindo os valores morais das famílias e os reproduzindo nas relações de homens e mulheres nas formas de se comportar, de se vestir, de falar, de andar, enfim, maneiras da boa conduta.

Quando Maria Salomé Sales<sup>10</sup> (2013, 66 anos) me falou que “[...] as ‘mulheres da vida’ lá de Sebastiana eram mulheres desonestas [...]”, fiquei a pensar o que a mesma queria dizer sobre as “mulheres da vida” serem desonestas? E ao ler Caulfield (2000), pude perceber que a fala de Maria Salomé remetia-se à honestidade sexual que a autora trata em sua obra, pois esta honestidade das mulheres puxinanaenses era o grande valor da honra da família, honestidade para o pai com a conservação da virgindade de sua filha, e para o marido com a fidelidade conjugal de sua esposa. Assim, uma mulher ser honesta em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970 era ter um controle de seus desejos sexuais para honrar o nome de sua família, como pena de recair sobre si o fardo da desonestidade sexual.

Nesta perspectiva, analisarei, neste capítulo, a pedagogização do corpo feminino por meio de distintos discursos, como o medo, a vergonha, a violência, o comportamento e as práticas de subjetivação de mulheres para preservar a honra, tendo como aporte as memórias de algumas mulheres da cidade de Puxinanã a partir da educação de suas famílias e das

---

<sup>10</sup> Maria Salomé Sales, 66 anos, agricultura aposentada, residente no Sítio Antas, zona rural de Puxinanã – PB.

práticas de sociabilidades, em que puderam experimentar as tramas que envolveram as relações de gêneros e as práticas de suas sexualidades nos anos de 1960 a 1970.

Parto da ideia de pedagogização do corpo feminino defendida por Louro (2000), a qual apresenta fortes marcas visíveis nos corpos femininos de minha cidade, para pensar sobre como os valores da honra serviram para delinear um modelo feminino a se seguir, no nosso caso a honestidade sexual das mulheres, e que as mulheres que não as seguissem eram consideradas desviantes, desonestas e assim marginalizadas, como pudemos observar na fala de Maria Salomé Sales (2013, 66 anos) a respeito das mulheres da vida da Casa de Dona Sebastiana, pois estas estariam, a partir de discursos familiares, pondo em risco os valores morais e a boa conduta da sociedade. Sendo assim, foi produzida sobre o corpo feminino em Puxinanã uma tentativa de normatização, regras que perpassavam a maneira de sentar, de falar, de vestir e de andar, e assim de se comportar por muitas mulheres puxinanaenses.

As memórias aqui transcritas das entrevistas realizadas com mulheres que vivenciaram as tramas das relações de gêneros na cidade de Puxinanã contam uma produção do corpo feminino a partir da linguagem da sexualidade, em que a honra sexual da moça, e depois de casada, a honra sexual do casal, deveria acima de tudo ser preservada. Assim, a honra da família enquanto valor sociocultural na cidade de Puxinanã, em 1960 a 1970, residiu-se sobre o corpo feminino e perpassou as relações de gêneros por meio da pedagogia do corpo tanto das mulheres como dos homens, estratégia usada pelas famílias em preservar sua honra por meio dos seus filhos e filhas, pois [...] a estratégia é um tipo específico de saber, aquele que sustenta e determina o poder de conquistar para si um lugar próprio [...] (CERTEAU, 2004, p.100).

Neste sentido, as estratégias na perspectiva certauniana são aqui relacionadas com as práticas de pedagogização dos corpos do feminino produzidas e praticadas pelas famílias sobre suas filhas, uma vez que a pedagogização “[...] não é um processo do qual os sujeitos participem como meros receptores, atingidos por estâncias externas e manipulados por estratégias alheias [...]” (LOURO, 2000, p.25). Logo, as mulheres puxinanaenses não ficaram inertes à produção discursiva que seus pais faziam sobre elas, pois aos poucos iam (re) inventando-se, ou seja, iam usando e burlando as normatizações a elas produzidas, subjetivando seus corpos através de saberes e práticas produzidas por suas famílias, bem como recriando meios para conviver com estas produções.

A educação das famílias dadas as suas filhas em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, aqui transcritas das falas de minhas entrevistadas, eram os meios pelos quais os pais exerciam poder sobre suas filhas e assim construíam os valores morais e a boa conduta para sua família.

Deste modo, os testemunhos trazidos à tona por mulheres que experimentaram as relações de gêneros, são marcas dos sentimentos e ressentimentos de partes de uma experiência vivida entre os anos de 1960 a 1970, que favoreceram a preservação da honra das famílias, a qual residia a partir dos discursos higienistas (COSTA, 1979), no corpo feminino. Ao recordarem o processo de pedagogização dos seus corpos, estas mulheres nos apresentaram suas imaginações, seus sentimentos, suas dores, suas alegrias, seus receios, suas burlas e seus aprendizados, uma vez que recordar:

[...] não é apenas a presença do passado. Não é uma pista, ou um rastro, que podemos olhar e ordenar como se observa e se ordena um álbum de fotos. A recordação implica imaginação e composição, implica, um certo sentido do que somos, implica habilidade narrativa (LARROSA, 1994, p.68 apud ARAÚJO, 2011, p.40).

Neste sentido, ressalto que as experiências e recordações das depoentes fizeram-me recordar as minhas experiências a respeito da pedagogização do meu corpo, pois aquilo que me era dito por elas me tocava, aguçando minha imaginação e a composição do que estas mulheres puderam experimentar com as pedagogias a elas direcionadas. Por várias vezes me deixei ser tocado pelas experiências destas mulheres, pelos acontecimentos que as envolveram em Puxinanã, numa busca de recordar o processo pedagógico que o meu corpo sofreu, para assim, poder me aproximar mais do objeto de meu estudo neste capítulo, e assim estimular em mim a habilidade de transcrever as narrativas e de convertê-las em escritas.

Os discursos e as práticas de pedagogização dos corpos femininos produzidas pelas famílias e pelas práticas de sociabilidades puxinanaenses nos anos de 1960 a 1970, nos contam que as mulheres carregavam sobre os seus corpos o “fardo” e a “responsabilidade” de preservar em si a honra de sua família, visto que esses valores morais faziam funcionar a boa conduta das famílias e uma ordem social na cidade de Puxinanã, preservando e defendendo a honra nas relações de gêneros.

Foi por meio destas experiências que, por exemplo, minha mãe e o meu pai pedagogizaram o meu corpo, dos meus irmãos e, principalmente, os corpos de minhas irmãs, como maneira de preservar a honra da família, os valores morais e a boa conduta. A partir das entrevistadas e até de certas experiências vividas por mim em minha família, percebo que as

moças em Puxinanã deviam ser educadas, puras, honestas e virgens, para que não ficassem ‘mal faladas’<sup>11</sup>, atributos que lhes davam a oportunidade de casarem-se.

Já os jovens rapazes que eram virgens recaíam sobre eles uma desconfiança sobre sua masculinidade e heterossexualidade, o que vivenciei na década de 90 do século XX, isto é, mais de 20 anos depois destas produções discursivas, pude ainda experimentar na educação de minha família resquícios desses discursos, pois me mantive virgem até meus dezoito anos, o que me acarretou fortes cobranças e desconfianças de minha masculinidade por minha família.

Faço-me presente em certos pontos do texto para que eu possa demonstrar ao leitor o quanto são fortes as marcas deixadas pelos processos pedagógicos produzidos por algumas famílias puxinanaenses nos anos de 1960 a 1970, os quais deixaram resquícios em outras temporalidades da história de Puxinanã, bem como para mostrar a minha afinidade e aproximação com este texto, trazendo ao leitor as experiências de gêneros e problematizando a pedagogização do corpo feminino, praticada tanto pela família como pelas relações sociais no cotidiano de Puxinanã.

## **1. Transformações da família nuclear na cidade de Puxinanã**

Com a emancipação política da cidade de Puxinanã ocorrida no início da década de 1960, e como efeito dessa experiência, a entrada de mulheres no mercado de trabalho, houve transformações para algumas famílias, principalmente, no que se refere à pedagogização do corpo feminino, pois a vigilância e o controle sobre a mulher devia ser também uma forma de autocontrole, em que a moça preservaria a honra da família nuclear com sua virgindade, como nos narrou Ciça<sup>12</sup> (2014, 80 anos):

[...] sou a filha mais velha de quatorze filhos e filhas, então peguei uma educação mais rígida. Já minhas irmãs tinha mais liberdade, puderam trabalhar na prefeitura, porque com a emancipação política de Puxinanã teve muito emprego para as mulheres que antes não tinha. Saíam com mais frequência, iam até as festas, usavam roupas mais decotadas do que a gente, mas tinha que respeitar meus pais, não podia avançar o sinal antes do

<sup>11</sup> Mal Falada, era um termo muito usados em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970 para remeter a ideia de uma mulher sem decência, sem pudor, sem honra.

<sup>12</sup> Cícera Maria dos Santos, 80 anos, doméstica, hoje residente no Bairro Centenário na cidade de Campina Grande, nasceu e viveu até seus 60 anos em Puxinanã, onde é conhecida por muitos por Ciça.

casamento e depois de casada tinha que aguentar tudo para manter o casamento vivo, pelo menos isto não mudava em nada em relação a mim que era a mais velha, só meus irmãos que podiam fazer tudo [...] (Ciça, 2014, 80 anos).

No Brasil, nos anos 1960-70, o corpo feminino foi “[...] sendo redesenhado por novos saberes [...]” (ARAÚJO, 2011, p.174), os quais resignificavam a pedagogização feminina, pois a preservação da virgindade e a fidelidade iam perdendo sua serventia. Os saberes que tratam a autora Araújo (2011), referem-se às escritas feministas, às novas tecnologias, as diversas experiências de homens e mulheres, e suas múltiplas práticas de sexualidades, a subjetivação do corpo em relação ao Outro, “[...] como uma ‘técnica de si’, uma disciplina de si [...]” (ARAÚJO, 2011, p.174).

Em Puxinanã, há indícios de mudanças nos códigos de comportamento da mulher e na forma de educar o seu corpo como podemos observar no depoimento de Ciça (2014) que a educação de suas irmãs “mais novas” foi menos rígida do que a dela vivenciada nas primeiras décadas do século XX, porém a mulher devia, mesmo com as transformações sociais da cidade, ser pura, reservada, ingênua e interditada, representações construídas sobre o corpo feminino para honrar o homem e a família. Logo, a moça deveria preservar a sua pureza (virgindade) até o casamento, o que além de valorizá-la estaria honrando seu pai. Quando casada, caberia a ela manter-se fiel ao esposo e por meio desta fidelidade estaria o honrando, como nos ressalta BASSANEZI (1997):

[...] a ênfase na educação para o autocontrole das moças tornou-se ainda mais uma preocupação social. Os pais já não deveriam ser tão rígidos e as jovens deveriam aprender a controlar a si mesmas, distinguir o certo do errado de forma a conservar suas virtudes e a conter sua sexualidade [...] dando-se ao respeito [...] (BASSANEZI, 1997, p. 610).

Neste sentido, a mulher deveria “[...] saber entrar e sair para não ficar ‘mal falada’ [...]” (Carmelita dos Santos, 2013, 64 anos), isto é, manter sobre si um controle de seus gestos e de seus desejos para dar-se ao respeito e assim honrar seu pai e seu marido. Percebemos ainda na fala de Ciça (2014) que esse processo pedagógico influenciava a produção sobre a diferença sexual produzida pelo discurso médico do século XIX, uma vez que:

[...] se o saber médico neste período, não se refere textualmente à honra, aponta ‘cientificamente’ para os perigos naturais do corpo feminino e a

necessidade de ser preservado pelo processo de subjetivação da sexualidade. Nesse sentido, o conhecimento médico sobre o corpo feminino se cruzou no século XX com o saber jurídico e, através da pedagogização do corpo desenvolveu a normatização do comportamento nas relações de gêneros [...] (ARAÚJO, 2011, p. 43).

Deste modo, as distinções entre “as mulheres da vida” e “as mulheres de família” na cidade de Puxinanã foram produzidas por meio da honra, a qual marcou fronteiras, através dos códigos de comportamento produzidos pelas famílias e pelas práticas de sociabilidades, como a valorização do Eu e a desvalorização do Outro. Assim, o controle e a vigilância familiar em Puxinanã nos anos 1960-70, tiveram fortes resquícios do discurso higienista do século XIX, em que a mulher deveria viver para seu marido, cuidando da casa, dos filhos para corroborar com a nação.

A partir dos testemunhos das minhas interlocutoras podemos aferir que suas mães experimentaram, por meio de pedagogizações de seus corpos, os resquícios dos discursos higienistas do século XIX, e que estas mulheres, em parte, usaram para educar suas filhas e seus filhos, como assim minhas entrevistadas foram educadas nos anos de 1960 a 1970 em Puxinanã. Logo, o discurso higienista prescrevia uma compreensão de honra distinta da concepção vivenciada pela família patriarcal<sup>13</sup>, em que para a família nuclear se pautava a boa conduta, a moral (FREIRE, 1979), onde os filhos e filhas deveriam ser educados pela figura da mãe por meio da moral associada ao corpo e vida matrimonial, na qual “[...] o exercício sexual no casamento restringia-se à cópula com vistas à procriação. O sexo tinha um andamento conjugal oculto, isento de comentário público [...]” (FREIRE, 1979, p.226).

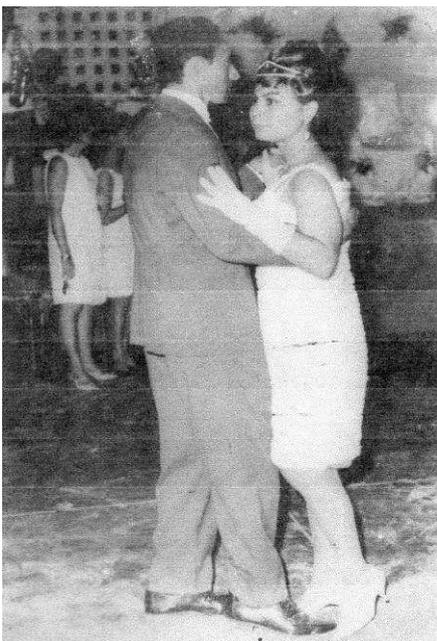
Contudo, os códigos de comportamento, os discursos (re) produzidos pelas famílias e as práticas de sociabilidades exercidas em Puxinanã nos anos 60 e 70, foram subjetivados e também burlados para pedagogizar o corpo do feminino e do masculino. Assim, a representação do pai “[...] como o chefe da família, que recebia os benefícios da disciplinarização do corpo feminino [...]” (ARAÚJO, 2011, p. 47) era associada aos “[...] preceitos religiosos que codificavam a sexualidade, punindo suas transgressões [...]” (FREIRE, 1979, p. 226), apontando para prescrições que diferenciavam os modelos de comportamento para o homem e para a mulher, os quais eram controlados cotidianamente como nos narrou acima Ciça (2014) que seus irmãos “podiam fazer tudo”.

<sup>13</sup> Segundo Teruya (2000), a família patriarcal era composta pelo casal e sua prole legítima, aos quais somavam-se parentes, afilhados, agregados, escravos, todos vivendo sob o domínio do patriarca. Este que era dono de terras, dos escravos e “comandava”, “manipulava” a política local e tudo o que ocorria em suas terras. (<http://www.abep.nepo.unicamp.br>, visitado em 03 de janeiro de 2015).

## 2. Lembranças do passado: experiências de algumas mulheres puxinanaenses presentes em fotografias

Em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970 “[...] tirar um retrato era um momento muito bonito, a gente colocava as roupas mais bonitas, se ajeitava todinha, e ia pra Rua João Pessoa na calçada da casa de miudeza de Paulo de Tico e Antônio de Tico. Era uma vez perdida que a gente tirava retrato [...]” (Maria Hozana dos Santos, 2014, 59 anos). Cada retrato – assim denominado pelas mulheres entrevistadas – me possibilitou um meio de analisar as experiências individuais de algumas mulheres a respeito da educação a elas direcionadas, pois ao reverem as suas fotografias, recordavam com sentimentos e ressentimentos do passado, uma vez que “[...] olhar o retrato é habitar o caminho de volta, mas carregado de subjetividades, de dobras que alteram o percurso e os significados das experiências do passado [...]” (ARAÚJO, 2011, p.48)”.

As fotografias elencadas para fazerem parte deste texto favoreceram para construir em mim e no próprio texto uma representação das relações de gêneros em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, bem como dos vestuários de algumas mulheres e das fases de transição de menina para moça. Como podemos observar na fotografia de Maria Beatriz da Silveira, aos seus 15 anos de idade, na festa de padroeira em Puxinanã no ano de 1967, quando a mesma foi eleita a Princesa da Festa daquele ano, acompanhada “[...] de Juarez Oliveira, um rapaz de Montadas que sempre vinha pras festas em Puxinanã a convite do padre [...]” (Maria Beatriz da Silveira, 2013, 62 anos):



1. Baile de Coroação da Princesa da Festa de Padroeira

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Beatriz da Silveira

Neste caso, percebo na fotografia de Maria Beatriz a postura feminina, a disciplina diante do Outro, o vestido e as luvas que a demonstravam ser uma mulher honrada, delicada e honesta, pois “[...] o vestido que eu usava era lindo, era amarelinho claro, porque as cores extravagantes não eram permitidas para as mulheres de família [...] a gente tinha que manter certa distância ao dançar para não dizer que éramos mulheres fáceis [...]” (Maria Beatriz da Silveira, 2013, 62 anos). Sendo assim, podemos aferir no que se refere à relação de gênero, que este retrato auxilia no pensar sobre o comportamento feminino na cidade de Puxinanã, bem como sobre a forma da mulher se aproximar do homem na dança, porque a dança exprimia também sensualidade, e ajuda refletir sobre os vestuários usados por elas. Podemos nesta fala de Maria Beatriz perceber que, a cor amarela ou “amarelinho claro” representava para muitos puxinanaenses, nos anos de 1960 a 1970, a pureza, enquanto o vermelho representava a paixão, a sexualidade, o prazer.

Retomo aqui um fragmento da letra da música que abri este capítulo, Xote das Meninas de Luiz Gonzaga e Zé Dantas (1953), “[...] meia comprida não quer sapato baixo, vestido bem cintado não quer mais vestir timão [...]”, para que possa observar a partir deste fragmento da letra da música, as mudanças no vestir, no posicionar-se para uma fotografia, como se pode ver nas fotografias abaixo de Maria Hozana dos Santos quando criança aos seus 5 anos de idade e quando moça aos seus 15 anos de idade:



2.



3.

Fotos tiradas na Rua João Pessoa em frente à Casa de Miudezas da época.  
Fonte: Arquivo pessoal de Maria Hozana dos Santos.

A partir destas duas fotografias, vemos as rupturas que ocorriam na cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, pois quando criança (aos 5 anos de idade em 1960) Maria Hozana usava vestido de cor clara e com mangas, de rostos limpos (sem maquiagem), o que representava a pureza de menina, sapatos baixos com meias curtas, de mãos na cintura para mostrar sua delicadeza de criança e sua educação familiar com uma postura disciplinada. Ou seja, o comportamento através do vestuário, da forma de sentar eram representações de que essas mulheres estavam preservando a honra da família.

Não poderia deixar de mencionar a posição frontal que a mesma foi colocada, acredito que pelo fotógrafo da época, que dava visibilidade a parte superior do corpo, mostrando a pureza feminina preservada em sua virgindade, o que diferenciava de quando crianças que o retrato de Maria Hozana nos revela os traços infantis, a beleza angelical de uma criança, a inocência apresentada pelas mãos na cintura e pelo singelo e doce olhar.

Já na foto de seus 15 anos de idade (tirada em 1970) percebi como na letra da música fica claro, as mudanças no vestir-se da fase de menina para a fase de moça, onde podemos ver na fotografia, que segundo Maria Hozana, “[...] usava um vestido bege com bolas vermelhas, era um vestido bem acinturado e sem mangas, eu usava, mas minhas irmãs mais velhas só usavam com mangas [...]” (Maria Hozana dos Santos, 2014, 59 anos), o que nos traz a tona as rupturas ocorridas no modo de vestir em uma década, pois quando a mesma era criança no início da década de 1960 usava vestido de manga e até mesmo a forma de tirar a fotografia teve suas rupturas, pois na foto de seus 15 anos Maria Hozana já não tirou mais uma foto frontal e do corpo todo, mas de perfil focando sua beleza e um aspecto de moça virgem, pura, muito forte em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, o não uso de maquiagem, uma vez que “[...] não era coisa de moça de família, não [...]” (Dona Carmelita dos Santos, 2013, 64 anos), isto é, o rosto limpo e o uso de roupas adequadas representava a moça virgem e quando casada a sua fidelidade conjugal, aspectos que também podemos notar no retrato de 15 anos de Carmelita dos Santos de 1963:



4. Fonte: Arquivo pessoal de Carmelita dos Santos

Nesta foto de Carmelita dos Santos já notamos um aceno às mudanças nos modos de embelezamento feminino, em que o corte de cabelo é um corte curto, o que fugia um pouco dos padrões femininos produzidos, por muito tempo, pelas famílias. Padrões estes em que a mulher deveria “[...] ter os cabelos longos e vestir vestidos com mangas para não ficar vulgar [...]” (Maria Hozana dos Santos, 2014, 59 anos). Ainda é perceptível neste retrato o estilo do vestuário que Dona Carmelita usava:

[...] era um vestido com decote “V”, estampado e sem mangas, fui à primeira de minhas irmãs a usar este tipo de decote e a cortar meu cabelo rebaixado, meu pai reclamou do vestido mandou que eu tirasse, pois ele tinha comprado tecido para fazer um vestido e não a metade. Passei o dia chorando, mas não tirei. Ele dizia: “Carmelita é uma filha atrevida, sempre me desobedece”. Quando cortei meu cabelo curto ele disse: “agora eu não tenho mais seis filhos homem tenho sete” [...] (Carmelita dos Santos, 2013, 64 anos).

Neste sentido, vemos tanto na foto como na fala de Carmelita dos Santos, que muitas mulheres não ficaram inertes às mudanças que ocorriam na cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, sobre o corpo feminino, principalmente, no que se referia ao vestuário e aos cortes de cabelo mais curtos, que com seu “atreuimento” ia burlando as normatizações a ela direcionadas. Mas estes cortes curtos não foram aceitos por todas as mulheres, como podemos perceber na foto acima de Maria Hozana dos Santos que com os mesmos quinze anos de Carmelita dos Santos tiraram fotos em temporalidades diferentes: Maria Hozana tirou a foto em 1970, usava cabelos longos e sua roupa não tinha decote como o de Carmelita, o que nos apresenta a ousadia de Carmelita, que tirou a foto em 1963, uma foto com o cabelo curto, decote “v” e mangas curtas. A ousadia de Carmelita foi representada pela mesma em seu depoimento acima, quando relata que seu pai sempre a repreendia, devido a sua desobediência.

O que me chamou atenção nestas fotos de Maria Beatriz da Silveira, e de Maria Hozana dos Santos, e de Carmelita dos Santos, é que era uma prática cotidiana de muitas famílias em Puxinanã, tirarem retratos de suas filhas no ano em que completavam quinze anos de idade, momento este marcante na vida de uma moça, pois “[...] antigamente nem todo mundo tinha dinheiro pra fazer festa, aí nossos pais pagava pra tirar um retrato e ficar de lembrança dos quinze anos, por que dali em diante deixava de ser criança e passava a ser moça [...]” (Maria Beatriz da Silveira, 2013, 62 anos), seria para muitas delas debutar, isto é “[...] estreir-se na vida social [...]” (FERREIRA, 2000, p. 203).

### 3. “Feche as pernas menina que isso é coisa de homem”: produzindo subjetividades sobre a conduta feminina

Este subtítulo “Feche as pernas que isso é coisa de homem” é uma construção discursiva que algumas famílias puxinanaenses (re) produziram nos anos de 1960 a 1970 para normatizar o lugar da honra e educar suas filhas ao sentar-se, por exemplo, como nos assegura Maria Salomé Sales (2014, 66 anos) que “[...] a educação antigamente era muito rígida, a gente não podia nem se quer sentar de perna aberta que minha mãe diz feche as pernas que isso é coisa de homem [...]”. Fica claro ainda, neste subtítulo, que ao passo que se ia pedagogizando o corpo feminino ia-se também pedagogizando o corpo masculino, pois ao dizer “feche as pernas menina que isso é coisa de homem”, então as famílias construía diferentes códigos de comportamento para suas filhas e para seus filhos, como nos mostra Zélia dos Santos Costa<sup>14</sup> (2014, 69 anos) em sua fala:

[...] na minha casa um tratamento diferente entre nós mulheres e meus irmãos. Eles tinha direito de tudo, de sair sozinhos, de usar o que queria, de falar com todo mundo que ia lá em casa. A gente não: num podíamos sair pra canto nenhum. Pra você ver como era as coisas antigamente, só meus irmãos puderam estudar. Não tenho saudades daquele tempo, é ruim até lembrar, era muito sofrimento [...].

Neste fragmento da entrevista com Dona Zélia há “[...] enunciados que produzem poder no processo de subjetivação nas relações de gêneros [...]” (ARAÚJO, 2011, p.55), onde há uma representação do masculino, uma vez que os irmãos dela podiam fazer certas tarefas que a elas eram negadas como sair a sós, fazerem uso de algo que desejaria e até mesmo o de falar com as variadas pessoas que transitavam em sua casa, o que era proibido a ela e as suas irmãs, pois não podiam sair a sós, apenas acompanhadas, usavam roupas do agrado de seus pais e só falavam com alguém quando se era permitido por seus pais. O poder do pai sobre os filhos, mas de uma forma mais forte sobre as filhas, modelo que parecia ser hegemônico, foi algo que marcou Dona Zélia, marcas de sofrimento, principalmente quando se recorda do seu

---

<sup>14</sup> Zélia dos Santos Costa, 69 anos, casada, aposentada, residente no sítio lagoa grande, zon rural da cidade de Puxinanã – PB .

sonho de estudar que seu pai lhe arrancara, marcas presentes em sua fala, em seus gestos, e em suas lágrimas que deixou cair no instante da entrevista.

A pedagogia dos pais sobre os filhos e as filhas era como forma de manter a ordem, exigida pela normatividade social, a qual tinha como base um modelo de comportamento, pelo qual se exigia a preservação da virgindade e a honra das filhas. Logo, o controle dos pais sobre suas filhas era a oportunidade que eles tinham para preservar a filha pura, virgem, o que de acordo com a moral prescrita na época, tornavam mulheres honradas, honestas e dignas para casar.

A questão da honra era tão forte na sociedade puxinanaense nos anos de 1960-70, que [...] a perda da honra equipara-se com a perda da vida [...] (PERISTIANY, 1965, p.66), como, por exemplo, uma moça quando perdia a virgindade e o rapaz não casava com ela, manchava o nome da família por gerações e a mesma perdia sua vida, pois quando não a trancafiavam, a expulsavam de casa, como nos assegura Dona Maria de Bola Sete<sup>15</sup> (2014, 64 anos):

[...] Quando a moça perdia a virgindade tinha que casar. Quando o rapaz não queria, ele fugia, a moça ficava perdida e era muito difícil ela casar. Caso acontecesse o rapaz casava sabendo de tudo, que ela era perdida. Quem perdia a virgindade ficava presa em casa sem comunicação com ninguém a não ser com a família, até que um dia aparecesse um homem e quisesse casar, mas tinha que saber que ela era perdida e quando não obedecia as ordens dos pais era expulsa de casa e muitas iam direto pra o cabaré de Sebastiana, porque ela acolhia elas na sua casa, é claro. (Maria de Bola Sete, 2014, 64 anos).

Assim, é perceptível que a Casa de Dona Sebastiana era um lugar em que a honra e a desonra eram praticadas, uma vez que o cabaré tanto era usado para o exercício da masculinidade, na medida em que preparava o homem para virilidade, como um prêmio a receber; como era um exercício para as mulheres consideradas desonradas, no caso das mulheres essa prática não soava como um prêmio, mas como uma punição por não terem tido uma disciplina sobre si e se preservarem virgens, puras até o casamento.

Neste caso, vemos que a perda da virgindade seria o mesmo de perder uma vida harmoniosa com a família, não podemos deixar de mencionar os falatórios que recaiam sobre a moça e a família, visto que “[...] por vezes escutei e vi muitos vizinhos falar mal de algumas moças que passavam na rua dizendo aquela é perdida dos homens [...]” (Maria de Bola Sete,

---

<sup>15</sup> Maria José Guimarães Gonçalves, 64 anos, viúva, funcionária pública aposentada, residente na Rua Travessa Rui Barbosa (vulgo “Rua do Priquito”), conhecida por Maria de Bola Sete, pois seu ex-marido tinha o apelido de Bola Sete.

2014, 64 anos). Observamos nestas falas a forte e rígida cobrança da família sobre as suas filhas para a preservação da virgindade, porque é claro nestes depoimentos que uma vez desonrada ela se tornaria uma mulher desonesta, uma mulher fácil, “mulher da vida” como eram representadas e denominadas as mulheres da casa de Dona Sebastiana, acabando por subjetivá-las como impuras, doidivas, sem decência. Logo, a mulher era representada simbolicamente, com virgindade: como um troféu para o homem; sem virgindade: um refugio ou uma “anormalidade”.

Entretanto, quando uma mulher que tinha perdido a virgindade conseguia um rapaz para casar, que não fosse o mesmo que a desvirginou, ele deveria antes de casar ser informado de tal situação, isto é, que sua noiva não era mais virgem, para não ocorrer problemas de devolver a moça e dizer que foi enganado, como nos traz a tona Maria de Bola Sete (2014, 64 anos):

[...] em Puxinanã existiu vários casamentos que o rapaz descobriu que a moça não era mais virgem depois de casarem. Uns devolveram elas, outros escureceram. No caso de seu Toinho de Rosinha ele casou com a irmã de comadre Alice, ela não era mais virgem, ela era mulher perdida dos homens. Ela não era mulher que perdeu a virgindade com um homem só, mas com vários. Daí o marido dela foi devolver ela ao seu pai, Seu Alfredo, mas ele não aceitou ela de volta e ela foi abandonada pelo marido e pelo pai. (Maria de Bola Sete, 2014, 64 anos).

O ato de devolver uma moça a sua família feria a honra tanto do marido como a do pai. Diante disto, percebo que a família teve um papel fundamental na persistência de preservar a honra da família, honra esta sexual, pois residia nas moças com a virgindade e nas mulheres casadas com a fidelidade. A questão da virgindade, assim como o da fidelidade, era muito forte nos valores da honra familiar, pois como vemos neste relato de Dona Maria de Bola Sete, uma moça que perdesse sua virgindade teria que se casar, caso isto não ocorresse ou o pai a expulsava ou ela era rigidamente reeducada até que surgisse algum rapaz que casasse com ela.

O que ocorreu com minha irmã mais velha em meados da década de 1990, quando a mesma ao perder sua virgindade não casou e foi reeducada rigidamente pelo meu pai, pois a minha mãe foi culpada por ele pela perda da virgindade de minha irmã, isto é, era da responsabilidade da mãe educar suas filhas para casar e para zelar pela integridade sexual. Uma educação que envolvia as tramas das relações de gêneros e que ficou arraigado em diferentes temporalidades na sociedade puxinanaense, pois a pedagogização que o corpo de

minha mãe sofrera quando mais nova, foi reproduzido nos corpos de minhas irmãs e também nos dos meus irmãos e, claro, no meu corpo.

Sei que o corpo foi e é produzido por identidades para os gêneros, as quais deixam fortes marcas nos corpos de homens e mulheres, principalmente nos corpos femininos que experimentaram o forte controle das famílias sobre eles e as rígidas regras direcionadas sobre eles (GOELLNER 2007). Como nos expõe Dona Maria Hozana dos Santos (2014, 59 anos):

[...] minha mãe era muito mais rígida do que meu pai, porque não deixava a gente fazer nada a vontade. Os meus irmãos era que podia fazer tudo, saiam sozinhos, sempre tiveram passagem livre. Também, são homens, né? A vida da gente era uma prisão, não saía sozinha, minha mãe dizia que era pra não arrumar namorado antes do tempo [...] (Maria Hozana dos Santos, 2014, 59 anos).

A partir desta fala de Maria Hozana dos Santos, fica claro que algumas mulheres subjetivavam a pedagogização a elas direcionadas, uma vez que como a depoente apresenta em sua fala: “que o homem pode tudo por ser homem”, embora ela estivesse sendo crítica ao associar o lugar da mulher a uma prisão. É notório ainda, que a figura da mãe era representada, em sua fala, como rígida, áspera, severa, mais do que o seu pai, isto porque a mulher também era educada para que quando casada mantivesse a ordem na família, era o efeito da educação que recebia de seus pais, cumprindo as normas e as regras a ela direcionada e por ela reproduzida sobre suas filhas, fazendo-as cumprirem essa normatização como meio de inspirar sentimentos morais e honrosos, preservando assim a honra do marido e pai de suas filhas. As mudanças na “ordem familiar” – fins do século XIX e início do século XX – aproximaram as mães de filhos e filhas, o que Albuquerque Jr. (2003) conceitua de “feminização da sociedade”. Assim, como afirma Araújo (2011):

[...] O corpo era inscrito tanto pelo comportamento como do ponto de vista simbólico. Falar do corpo como guardião da honra masculina era na cultura, até as últimas décadas do século XX, uma forma de criar um vínculo de fidelidade do feminino com o masculino, no qual implicava o funcionamento do poder na ação sobre o outro no campo da moral [...]. (ARAÚJO, p.55).

Nesta perspectiva, a filha virgem trazia em seu corpo a honra do seu pai e da família, esta que era responsável por vigiá-la, discipliná-la e protegê-la. Com a prática da normatização sobre o corpo feminino havia o controle sobre o corpo das filhas e das esposas,

proibindo-as de usar as roupas que para eles eram sensuais e até mesmo a maquiagem ou sair de casa sozinha, como nos revela Carmelita dos Santos (2013, 64 anos):

Meu pai era um homem muito calado, muito na dele, não era um homem de viver chamando a atenção da gente, não. Mas, reclamava quando via coisa errada. Não deixava a gente pintar as unhas e nem usar batom, dizia que usar batom vermelho e pintar as unhas de vermelho era coisa de “mulher da vida”, não era coisa de moça de família, não. Dizia que uma moça direita tinha vergonha de usar batom, pintar unhas e cortar os cabelos bem curtinho. Não usávamos calças porque era coisa de homem só usar. Usava saia rodada de muito tecido, franzidas, não usávamos anágua não, usamos saias de armação pra ficar bem armada. Não deixa usar blusa decotadas, só que usavam roupas curtas e decotadas eram elas [as prostitutas], por isso que hoje em dia gosto de usar batom e pintar minhas unhas de vermelho, porque naquele tempo a gente era proibida. Não deixava a gente mulher sair de casa sozinha, tinha que sair com meus irmãos ou com a mãe.

A partir do relato de Dona Carmelita, aferi que a educação a ela direcionada não fora de diálogo entre os pais e os filhos, que era uma relação onde o poder do masculino era exercido hierarquicamente, quando a proibia de pintar as unhas e de usar batom vermelho (cor da paixão, do desejo), pois a cor vermelha representava a mulher da vida, aquela que quebrou e quebrava com a normatização familiar; a doidivana, a extravagante que usava roupas curtas e decotadas e que serviam de contraponto na educação produzida pelas famílias para pedagogizar suas filhas, buscando deixar claro que quem usava certas roupas como calças, vestidos curtos e decotados e/ou usava maquiagem com cores vibrantes e alegres (vermelho), eram as mulheres de vida fácil, as prostitutas.

Deste modo, as cores adequadas a uma moça seriam as cores mais claras, angelicais, as que denotassem sua pureza, sua virgindade e sua honra. Assim, a pedagogização do corpo feminino em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970 foi recoberto de signos, marcando suas práticas de sexualidades, seus comportamentos, suas falas, seus modos de sentar e de andar, o que refletia diretamente nas suas relações cotidianas e de gêneros.

É perceptível na fala de Dona Carmelita dos Santos (2013, 64 anos) o processo pedagógico que o corpo sofreu pelo vestuário e adereços como batom e esmalte, onde se tinha as roupas adequadas para as mulheres honradas e honestas usarem, pelos rostos limpos que mostravam sua angelical aparência e sua delicadeza, remetendo-se a pureza das mulheres tidas de família, porque como a mesma deixa bem claro em seu testemunho que: “[...] moça direita tinha vergonha [...]” e medo de se “perder” e ficar falada nas bocas miúdas da sociedade. Entendo vergonha “[...]” como preocupação com a reputação, quer como

sentimento quer como reconhecimento público desse sentimento [...]” (PERISTIANY, 1965, p. 30), uma vez que “[...] a falta de vergonha é desonra [...]” (PERISTIANY, 1965, p. 30), porque uma mulher sem vergonha mancha sua pureza sexual. A vergonha “[...] é aquilo que faz uma pessoa sensível à pressão exercida pela opinião pública [...]” (PERISTIANY, 1965, p. 30).

Essa rigidez na pedagogização do corpo feminino e o aspecto da vergonha podem ser representados também na fala de Dona Nenê<sup>16</sup>:

Meu pai não deixava a gente sair não. Uma vez eu e minha prima fomos olhar uma dança que tinha perto de casa, escondido, é claro, quando nós estava lá dançando, Zefinha foi na casa de meu pai que ficava aqui na Rua do Priquito<sup>17</sup>, e ele foi lá onde a gente tava, quando ele chegou pegou na minha orelha e saiu me puxando até em casa, fiquei com vergonha e até hoje eu nunca esqueci. Era assim, não era pra as filhas ter contato com essas coisas não, as mulheres era pra tá em casa. Ele não deixava a gente vestir o que queria, não, era ele quem comprava até o tecido do gosto dele. Meu pai proibia certas amizades pra não mudar o jeito da gente se vestir, de falar, de andar, pra gente não ficar sassaricada e pra o povo não ficar falando, porque quem não andasse direito, falavam da moça. (Dona Nenê de Zé Coco, 2014, 76 anos).

Neste caso, observamos que as famílias através de punições, como os puxões de orelhas dados pelo pai de Dona Nenê por ela está dançando, visto que a dança era considerada nos discursos pedagógicos do corpo, em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, como uma prática associada a difamação da mulher, porque se remetia a sensualidade do corpo, o que era uma afronta à normatização do corpo feminino que buscava preservar a honra das moças pela conservação de suas virgindades. Ainda podemos perceber a rigidez na educação familiar de seu pai, quando Dona Nenê nos apresenta a proibição de não se relacionar com o Outro, visto que seu pai temia que este relação a desvirtuasse da educação a ela destinada, para não por em risco a honra da família. Assim, percebi com o discurso de Dona Nêne de Zé Coco, que os pais além de pedagogizarem os corpos de suas filhas e seus filhos deviam manter o controle, por meio da vigilância, destes corpos, para que os mesmos não trilhassem caminhos tortuosos, desvirtuando-os da educação destinadas a eles e viessem a manchar o nome da família.

<sup>16</sup> Maria Cândido Ferreira, 76 anos, viúva, aposentada, residente na Rua João Pessoa, conhecida por Nenê de Zé Coco, pois seu ex-marido tinha o apelido de Zé do coco.

<sup>17</sup> Rua do Priquito, assim é, ainda hoje, conhecida a Rua Travessa Rui Barbosa, um beco de cerca de 5 metros de largura e 80 metros de comprimento, onde a Casa de Dona Sebastiana (o cabaré de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970) ficava em frente.

#### 4. “Mulher que fala muito, é toda sassaricada”: as práticas de disciplina e de controle sobre o corpo feminino

Quero esclarecer ao leitor que tanto as mulheres como os homens foram pedagogizados por diversos discursos, a diferença é que os homens tinham algumas “vantagens”, comercializadas a eles por meio dos discursos direcionados e de suas práticas de sociabilidades, o que acabava, tanto algumas mulheres como alguns homens, por subjetivarem isto como verdade, que o “homem pode tudo e a mulher não [...]” (Carmelita dos Santos, 2013, 64 anos).

Como fica claro na fala de Maria Salomé que os homens tinham o poder de ser homem, ou seja, de exercer suas masculinidades, o que para a mulher, eram produzidas diferenciações, principalmente, quando se tratava em transitar em vias públicas para não por em riscos os valores morais e da honra da família, como nos apresenta Maria Salomé Sales (2013, 66 anos):

[...] lá em casa ao todo éramos seis, quatro mulher e dois homem. A gente se dava muito bem. Mas, os homem tinha o poder de ser homem, não tinha limites como a gente, eles eram muito machão: quero, posso e mando, aprenderam com meu pai. Tinham liberdade de sair à hora que quisesse. Nós éramos feitas de escravas, pra lavar, cozinhar, engomar e arrumar a casa. Quando a gente saía de casa era com mãe e ela dizia tanta coisa pra gente saber se comportar, andar e falar, que acabávamos nem indo com vergonha. Era muita cobrança da gente [...].

Percebo a partir deste depoimento de Maria Salomé Sales, que vários dispositivos de controle se entrecruzavam em busca de pedagogizar o corpo feminino, entre estes, a vergonha, o medo, as limitações produzidas às mulheres para preservar a honra da família. Assim, a vergonha que Maria Salomé aponta em sua fala era praticada pelas famílias como forma de impedir algum deslize e/ou desvio que as moças porventura viessem a cometer em seu comportamento em vias públicas, desde o andar e o falar como bem nos relata Maria Salomé. As limitações a elas direcionadas, e por algumas naturalizadas, também eram produzidas sobre o corpo masculino, embora estes tivessem certos privilégios como, por exemplo, de saírem a sós, de expor seus desejos de querer, de poder e de mandar.

No entanto, podemos observar a partir das entrevistas realizadas com algumas mulheres puxinanaenses, que o rígido controle familiar em torno delas era imenso, não só no

convívio da casa, mas também nas vias públicas da cidade. Logo, é visível nas falas destas mulheres o poder dos pais e irmãos sobre elas, como é apresentado na fala de Maria Salomé Sales que trouxe por meio de seu depoimento que seus irmãos eram autoritários, que queriam, mandavam e podiam fazer o que bem quisessem, assim como de seu pai. Deixaram aparecer em seus relatos orais à forte vigilância dos pais sobre seus corpos, pois “[...] a vida é então repartida de acordo com um horário absolutamente estrito, sob uma vigilância ininterrupta: cada instante do dia é destinado a alguma coisa, prescreve-se um tipo de atividade e implica obrigações e proibições [...]” (FOUCAULT, 1999, p.10), como nos mostra Marlene Garcia (2014, 67 anos):

[...] a vida naquele tempo era difícil, quando a gente saía de casa, sempre acompanhada, era feita várias recomendações de como se comportar, falar, andar, sentar, para que não falassem mal da gente. Meus pais não deixava a gente fazer nada, sempre tinha que seguir o que diziam, porque era uma ordem [...].

Estes discursos produzidos pelas famílias em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970 foram usados como práticas de leituras que influenciavam o processo pedagógico sobre o corpo feminino, com vias a discipliná-lo, visto que o que o pai dizia era uma ordem, eram práticas de disciplina e controle produzidos sobre o corpo, principalmente, quando se tratava de sair de casa, a vigilância era redobrada. Logo, percebi nos discursos, como o de Marlene Garcia, que havia também um controle da fala das mulheres, quando as recomendavam em se policiar no falar.

Neste sentido, o controle sobre a fala era mais um meio de pedagogizar o corpo feminino e assim preservar a honra da família, porque “[...] meu pai sempre dizia mulher que fala muito, é toda sassaricada, pode ir atrás que tem coisa [...]” (Maria de Bola Sete, 2014, 71 anos). Isto é, os pais tinham receio de suas filhas ficarem mal faladas por algum deslize que cometessem ao conversarem com as pessoas nas ruas e até mesmo em casa, como nos apresenta Maria Hozana dos Santos, 2014, 59 anos:

[...] na minha casa não havia muito diálogo entre a gente, nós mulheres tínhamos que saber nos comportar em casa e na rua, desde a maneira de sentar, de comer e de conversar com as pessoas que chegassem, para não pensarem que éramos moças saídas. Qualquer deslize éramos logo reclamadas ou quando não levávamos umas tapas, para poder repetir meus pais, porque o que eles dissessem era lei [...].

Nesta fala, como também na fala de Marlene Garcia, vemos o forte controle das famílias sobre o falar de suas filhas, para que o outro (os rapazes, as visitas, e outras famílias) não construísse sobre elas o discurso de serem “moças saídas”, em outras palavras, ‘mulheres fáceis’ como as da Casa de Dona Sebastiana. Diante do relato destas mulheres, observo que a família, especificamente, os pais e irmãos (os homens da casa), procuravam por meio de sua autoridade, produzir regras e normas de comportamento às jovens, que acabavam reprimindo suas vontades, seus desejos, seus sentimentos, porque temiam a repressão de seus pais e até mesmo de seus irmãos, visto que ao se sentirem desautorizados, muitas vezes ameaçavam usar de fortes punições para por fim a ousadia e desobediência das moças.

Neste discurso sobre os anos 1960-70, fica claro que algumas mulheres em Puxinanã eram frequentemente “cobradas” a partir de um modelo de feminilidade, que embora viesse sendo reelaborado em várias cidades grandes desde o início do século XX, buscavam manter o controle por meio de uma educação produzida pelas suas famílias, o que para as jovens foi (re) criada uma rígida normatização, segundo a qual eram reprimidas certas vontades femininas em prol dos valores da honra familiar. Assim, ao passo que se ia educando o corpo da mulher como aquele que precisava ser controlado e vigiado, ia-se educando o corpo do homem como aquele que gozava de privilégios como aqueles apresentados na fala de Maria Salomé dos Santos (2013, 66 anos) “[...] posso, quero e mando [...]”. Autoridade também presente na fala de Maria de Bola Sete (2014, 71 anos):

[...] os limites que meu pai e minha mãe colocava pra mim e minhas irmãs eram tantos que nem sei como começar. A gente não podia falar alto na rua pra o povo não falar mal da gente. Não usávamos roupas decotadas e maquiagem para não parecer com uma ‘mulher da vida’. A gente tinha muita vontade de se maquiar, de vestir uns vestidos mais decotados, mas na verdade tínhamos vergonha do povo pensar que a gente não era mais moça. Uma vez eu tava andando na Rua João Pessoa de braços dados com Luzinete minha irmã e meus pais vinham atrás da gente andando. De repente escutei foi o grito dele mandando a soltar os braços, não era coisa de moça, acho que tinha medo de ficarmos mal faladas [...].

As diferenças entre a pedagogização feminina e masculina, direcionadas a estas mulheres, fazia surgir nelas à vergonha de, por algum desvio, serem punidas ou reclamadas publicamente, porque a vergonha era um sentimento a ser sentido sempre como uma forma de controle e punição, que faziam muitas moças cumprirem as normas e regras a elas requisitadas e a obedecer às ordens de seus pais.

Com isso, observamos que “[...] a vergonha é uma emoção inibidora baseada na sensibilidade da imagem de si mesmo em sua produção [...]” (PEDRAZA, 2010, p.16 apud ARAÚJO, 2011, p. 59), ou seja, vemos que Maria de Bola Sete tinha vontade de usar maquiagem e roupas mais decotadas, mas como produziam discursos que tratavam às mulheres que usavam maquiagem e roupas decotadas como “mulheres da vida”, a mesma produziu sobre si a vergonha de assemelhar-se a uma mulher da vida e ficar mal falada. Essas limitações marcavam fortemente os corpos femininos em Puxinanã, como a questão apresentada na fala de Maria de Bola Sete sobre andar de braços dados com sua irmã, pois “[...] o andar, também deveria ser de forma delicada, reforçando a naturalidade de uma ‘essência’ feminina [...]” (ARAÚJO, 2011, p.70), visto que para o pai de Maria de Bola Sete não era representado com ‘bons olhos’ andar de braços dados com outra mulher provavelmente para que as mesmas não fossem pensadas como lésbicas.

Neste caso, a família tomou para si a responsabilidade de proteger e educar o corpo feminino, pedagogizando-o, com pulso, vigilância, controle e higiene, zelando pelos valores morais como a honra, como via de controle social da mulher e de uma vigilância sobre si, o que acabava por emergir o sentimento da vergonha e de medo nestas mulheres, de “sair da linha”, de “ficarem faladas” e passarem a serem vistas como desviantes, pois a pedagogia do corpo feminino era “[...] exercida tanto pela educação familiar como pelas relações cotidianas [...]” (ARAÚJO, 2011, p.44).

## **5. Moças amedrontadas: pedagogia das afetividades**

[...] amor romântico, mas domesticado! Nada de paixões, que violem as leis da moral e da ordem. O amor só seria aceitável se não rompesse com os moldes convencionais de felicidade ligada ao casamento legal e à prole legítima. A abnegação poderia fazer parte do amor feminino, o deslize passional nunca [...] (BASSANEZI, 2002, p.618).

No início do século XX no Brasil, segundo Rago (2002), médicos publicaram manuais de higiene sexual destinados aos homens na intenção de preservar o casamento e o amor conjugal que não podia ser desfeito para não macular os valores morais da família, e consequentemente, da sociedade. Neste caso, os manuais seriam para o homem entender

melhor a “fisiologia da mulher” (RAGO, 2002, p.07) e assim proporcionar-lhes uma satisfação sexual. Mesmo essas aberturas nas práticas sexuais tendo possibilitado um repensar dos lugares da mulher em relação aos do homem, em sua maioria, a mulher continuou submissa ao masculino, e sucumbida à esfera privada, isto é, a casa, sendo mãe, esposa e dona de casa exemplar.

Os manuais continham explicações de como o homem tinha que agir durante o ato sexual com sua esposa, isto ia desde a introdução do pênis, que só podia ser na vagina, ao repouso após o ato do coito. Desta feita, os médicos acreditavam que uma vez o homem conduzindo a esposa ao prazer sexual haveria uma união maior entre ambos e assegurava-se o casamento, que para a mulher, segundo os médicos, era uma experiência de suma importância, visto que as livrariam de supostas doenças – a “clorose<sup>18</sup>” – e até mesmo da masturbação e da prostituição.

Para os homens, o matrimônio traria uma moderação à vida sexual, porque com uma regularidade do prazer, o corpo teria suas funções compensadas, e haveria um “prolongamento da vida” (RAGO, 2002, p.07). De certa forma, o casamento seria um benefício para ambos os sexos, tanto nos aspectos físicos como morais e intelectuais. Para Rago (2002), este falatório dos médicos em relação à satisfação sexual feminina, tinha o objetivo maior de preservar o casamento, e assim a instituição da família, que nos anos de 60 a 70 do século XX na cidade de Puxinanã era concebido como indissolúvel, fato que não podia ser desmanchado para não colocar em risco os valores morais da sociedade e nem a honra da família e do homem.

O ato de controlar não se referia apenas ao comportamento da mulher em relação ao modo de sentar, comer ou conversar, mas também em outros aspectos do cotidiano feminino, visto que além das limitações no espaço da casa, existia o controle em torno delas, especialmente, quando se referia à fase do namoro que talvez tenha sido o mais vigiado, pois as jovens, quando era permitido receberem em suas casas os namorados, não podiam ficar, em momento nenhum, a sós.

Diante disto, geralmente era comum, os jovens casais ficarem nas salas de visitas de suas casas, que além de ser um espaço de sociabilidade, era o ambiente em que as famílias recebiam as visitas, entre elas, os namorados das filhas. Sendo assim, por ser a sala o principal local de sociabilidade da casa, os membros da família também ficavam nesse recinto o tempo

---

<sup>18</sup> Descrita por médicos ingleses e americanos no século XIX como um grave e comum problema entre as meninas adolescentes e que desapareceu por completo dos registros médicos por volta da terceira década do século XX (CORDÁS e WEINBERG, 2002, p.204 - 206, <http://www.hcnet.usp.br/ipq/revista/vol29/n4/pdf/204.pdf>, visitado em 08 de fevereiro de 2015).

todo ao lado do casal conversando, numa espécie de vigilância aos jovens, para que não ultrapassassem os limites e colocassem em dúvida a moral das moças. A sala era o espaço da casa em que as sociabilidades e até mesmo as sensibilidades se satisfaziam, pois era ali que a família “[...] recebia as visitas e também a gente se juntava de noite pra ouvir as histórias que meu pai contava, e quando os namorados da gente vinham ficar conversando com todo mundo [...]” (Maria de Bola Sete, 2014, 71 anos).

Todavia, as próprias mulheres temiam se aproximar dos rapazes mais do que o permitido para que estes não pensassem que eram mulheres afeitas à ‘certas liberdades’ com homens e por isso deixassem de conseguir um bom casamento, como nos relata Maria Salomé Sales:

Os namoros da gente em casa eram sempre com os pais na sala, eles ficavam horas e horas conversando. Os rapazes conversavam mais com nossos pais do que com a gente, mas mesmo que a gente ficasse sozinha, nós tínhamos medo de avançar o sinal e o rapaz ficasse pensando mal da gente, porque de uma hora para outra não desse certo o namoro, nós íamos ficar falada e prejudicava o futuro da gente [...], e mancharia a honra da gente e do meu pai e da minha mãe. Ficava difícil arrumar um casamento que era a vontade de muita moça (Maria Salomé Sales, 2014, 66 anos).

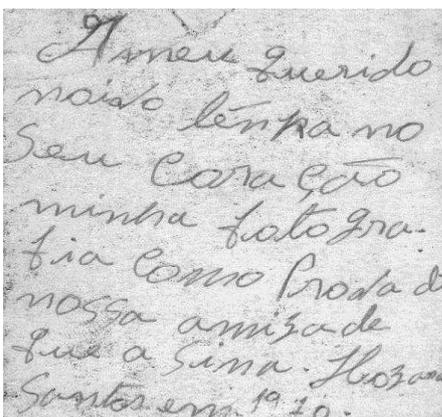
O namoro em alguns casos era de certa maneira um relacionamento que envolvia a família, pois os pais ao ficarem na sala, como nos relatou Maria Salomé dos Santos, era uma maneira de vigiar o casal, de controlar os gestos de ambos e assim manter um controle sobre o exercício dos desejos. Isto era uma prática cotidiana nos anos de 60 a 70, nas pequenas cidades a exemplo de Puxinanã, que as moças ao ficarem a sós com seus namorados temiam em cometer algum deslize e sua virgindade ser maculada, e assim manchar o nome da família com sua reputação ferida, o que faria recair sobre seu pai o fardo de carregar em sua família uma filha desonrada. Percebemos ainda nesta fala de Maria Salomé a aceitabilidade da pedagogização como positiva.

Não posso deixar de mencionar que as escolhas dos namorados para as filhas eram feitas pelos seus pais e quando isto não ocorria tinha que buscar primeiro a permissão do mesmo para namorar, pois o contrário não haveria namoro, como nos relatou Maria Hozana dos Santos (2014, 59 anos): “[...] quando meus pais não gostavam de um rapaz tinha que terminar o namoro e ainda sem dizer o motivo para não arrumar confusão entre as famílias [...]”, isto é, a decisão dos pais influenciava diretamente nas escolhas dos namorados de suas

filhas, e até mesmo de seus filhos, como ocorreu em minha família, no ano de 1996, a expulsão de meu irmão de casa por meu pai e minha mãe não aceitarem o namoro e o casamento dele com a moça que ele tinha escolhido. Sendo assim, os pais procuravam controlar com sua presença as possíveis ações e conversas dos jovens namorados, mesmo vivendo em uma época em que, de certa forma, já não se presenciava nas grandes cidades um controle tão acirrado em torno das mulheres e de suas relações afetivas.

Fica claro que as famílias influenciavam diretamente nas escolhas das relações afetivas de suas filhas e até mesmo de seus filhos, como nos ressaltou Maria Hozana dos Santos ao nos dizer que seus pais buscavam controlar as escolhas amorosas de seus filhos e filhas e mantendo com sua presença na sala uma vigilância sobre os gestos e conversas dos jovens namorados, uma vez que cabia a família zelar pela boa conduta em sua casa e pela reputação de suas filhas, mas que com a pedagogização produzida pelas famílias construiu para a própria mulher o dever de saber comportar-se e assim não permitir certas atitudes libertinas de seus namorados. Essa construção pedagógica tinha seu alicerce no medo que estas mulheres tinham de ficarem mal faladas e tornarem-se mulheres desonestas, doidivas, desonradas como era apontadas as mulheres da vida da Casa de Dona Sebastiana.

A aproximação entre homens e mulheres era inevitável quando se tratava de relações afetivas, porque era e é a partir desta relação que surge uma aproximação para um possível namoro, noivado e, conseqüentemente, o casamento. Logo, o namoro era considerado uma etapa preparatória para a realização do matrimônio, uma fase na qual os jovens e as jovens procuravam se conhecer para um futuro compromisso. Entretanto, vemos por meio dos depoimentos que as jovens não podiam demonstrar seus sentimentos amorosos mediante a vigilância dos pais, o que acabava por construir primeiro uma relação de amizade entre os dois, como podemos constatar na dedicatória de um retrato dado por Maria Hozana dos Santos ao seu noivo e depois marido Aluizio Palmeira dos Santos. Vejamos dedicatória na imagem abaixo:



5. Fonte: Arquivo particular de Maria Hozana dos Santos

Nas palavras dedicadas ao hoje Sr. Aluizio Palmeiras dos Santos<sup>19</sup>, Maria Hozana, diferentemente de outras mulheres entrevistadas sabia escrever e ler, como se pode aferir na dedicatória da fotografia. Mesmo na escrita ela buscava manter um relacionamento puro, romântico e de amizade, em que nas próprias palavras escritas por ela: “[...] A meu querido noivo tenha no seu coração minha fotografia como prova di nossa amizade que a sina Hozana Santos em 1970 [...]” (Maria Hozana dos Santos, 2014, 59 anos), posso observar os sentimentos que as palavras carregavam por meio de certo pudor em deixar bem claro que embora noivos não se falava de amor ou de paixão, mas de amizade que é um “[...] sentimento fiel de afeição, estima ou ternura entre pessoas que em geral não são parentes nem amantes [...]” (FERREIRA, 2000, p.39), o que denota que com a amizade, a fidelidade da mulher para com o homem, já era iniciada desde o namoro, noivado, para ser praticada por ela na vida conjugal.

Neste caso, o que percebemos é que por meio das dedicatórias contidas nas fotografias e trocadas pelos jovens namorados e noivos, podia-se receber e dar elogios a seus namorados e namoradas, que não os faziam quando estavam na presença da família da moça na sala de visita, pois isto era um meio que os/as jovens construíram para burlarem de uma forma sutil os códigos de comportamentos a eles e elas exigidos por suas famílias, e assim nutrir na relação com o outro afetividades que a partir da vida conjugal seriam a floradas e praticadas, sem a vigilância e controle dos pais.

Diante disto, vemos que algumas mulheres buscavam seguir as regras de comportamentos a elas “aconselhadas”, temendo ficarem mal faladas. Neste sentido, acabavam vivendo em meio a proibições, cobranças e vigilâncias, uma vez que as famílias não queriam que ficassem expostas a certos comentários, então procuravam defender a reputação feminina privando-as de atitudes que supostamente podiam prejudicar sua moral e assim ferir a honra de sua família, vivendo sob o sentimento do medo.

Bauman (1925) nos apresenta que “o medo e o mal são irmãos siameses” (BAUMAN, 1925, p.74) os quais carregam uma só experiência em si mesma como, por exemplo, o medo que as moças puxinanaenses tinham de ficarem “mal faladas” vinha atrelado ao mal que estava lá fora na Casa de Dona Sebastiana, as mulheres da vida, ou seja, ficar mal falada resultaria em uma vergonha e desonra para a família, como ressalta Maria Salomé Sales (2014, 66 anos):

---

<sup>19</sup> Aluizio Palmeira dos Santos, 65 anos, casado com Maria Hozana dos Santos, funcionário público aposentado, residente na Rua Tamandaré no centro de Puxinanã – PB.

As mulheres andavam na linha com medo de ficar falada. Os pais tinham medo das filhas errar e quando errava casava na marra. Mas as moças tinha medo de perder a honra [virgindade] e ficar falada. Os meus pais sempre ficava dizendo não faça isso ou não use isso que você vai ficar falada como as mulheres da vida da Casa de Sebastiana, e eu não quero filha minha falada se não boto pra fora de casa de uma vez. Então vivíamos com medo de tudo pra não ficar falada, é tanto que a gente só saia de casa pra ir pra missa e com meus pais ou meu irmãos. (Maria Salomé dos Sales, 2014, 66 anos).

O medo era algo muito experimentado por algumas mulheres puxinanaenses. O medo de errar, de desviar-se, de 'sair da linha', o que favorecia para a absorção do processo pedagógico sobre suas afetividades, pois reprimiam seus desejos, seus sentimentos em detrimento a conservação de sua honra, de sua virgindade como bem esclarece Maria Salomé Sales. Sendo assim, como meio de controle e vigilância feminina as famílias usavam na educação de suas filhas o exemplo das mulheres da vida para educar suas filhas, sempre produzindo regras para elas, mostrado por forma de uma violência de linguagem, construindo proibições e tendo sempre o Outro como o exemplo do mal, do desviante, no nosso caso as mulheres da Casa de Dona Sebastiana, ao passo de impor-lhes o medo de que se sair dos trilhos acabariam naquela vida desonrada. Vejamos o que Peristiany (1965) nos diz sobre honra e desonra:

A honra é o vértice de pirâmide dos valores sociais temporais e condiciona a sua disposição hierárquica. Ignorando outras classificações sociais divide os seres humanos em duas categorias fundamentais: os que possuem honra e os que a não possuem. (PERISTIANY, 1965, p.04)

A partir disto, observo que as sociedades valorizam as condutas morais comparando-as, nos revelando instituições e valores de cada cultura, de cada sociedade, isto é, “a honra é o valor que uma pessoa tem aos seus próprios olhos, mas também aos olhos da sociedade” (PERISTIANY, 1965, p.13), uma vez que a respeito da honra como assegura Araújo (2011) residia no corpo feminino, pois uma mulher era desonrada quando perdia a virgindade antes do casamento, manchando sua pureza e o nome da família.

## 6. A vida conjugal: entre as juras e promessas de amor

Ao casarem as jovens acabavam por serem envolvidas pelas promessas e juras de amor proferido pelo o rapaz na cerimônia matrimonial e na noite de núpcias, uma noite que além de fomentar o desejo, o prazer, fomentava também o medo, pois a moça estaria a partir de agora deixando toda sua vida de solteira e ingressando num meio de novas práticas de pedagogização do corpo da mulher casada, como maneira de honrar o marido e a instituição do casamento. Não posso deixar de mencionar a fala de Nenê de Zé Coco (2014, 76 anos), que trouxe à discussão o receio dela na primeira noite de sexo do casal:

[...] pra gente mulher a primeira noite era muito difícil, ninguém dizia nada de como era o sexo. Pra mim não foi fácil passar dezenove anos de minha vida sendo reclamada quando perguntávamos algumas coisa a minha mãe e quando a gente sentava de perna aberta. Quando casei, num sabia como era um homem nu e tive que, na primeira vez que fiquei sozinha com ele, ao deitar na cama tive que abrir as pernas. Não foi fácil, fiquei muito nervosa [...] (Nenê de Zé Coco, 2014, 76 anos).

Percebo que a pedagogização da mulher, quando solteira, em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, era uma educação cheia de códigos de comportamento que produzia sobre o corpo feminino uma maneira de se comportar, de sentar, de andar, de falar, muito rígida, de forte controle e vigilância, principalmente, a respeito do sexo, isto é, da guarda da virgindade e que em uma só noite alguns aspectos desta pedagogização iam ser rompidos como nos apresenta Nenê de Zé Coco, a dificuldade e o receio de uma moça na noite de núpcias, onde eram quebrados muitos dos códigos a ela ensinados, como não saber nada de sexo e naquele instante ter que praticar o sexo, cheia de dúvidas: sem explicação alguma se apresentava em sua frente um homem nu, aguardando a nudez dela, que ao deitar, teria que abrir as pernas e entregar o seu corpo a ser maculado, o qual por muito tempo foi pedagogizado em manter-se imaculado, virgem e puro.

Dentre essas mudanças que ocorriam com as jovens ao se casarem, estavam à ampliação os códigos de comportamentos, uma vez que além de toda responsabilidade de cuidar de casa, dos filhos, deviam respeitar o marido, principalmente, com sua fidelidade e zelar pelo bem estar do casamento, embora algumas destas mulheres fossem surpreendidas

com a vida sexual extraconjugal de seu marido. Logo, muitas mulheres ao serem surpreendidas com as traições dos maridos, não desejavam mais manter o casamento mediante a quebra das promessas e juras de amor que ele fizera a mesma no dia de seu casamento e noite de núpcias.

Com essa atitude feminina de não aceitar mais o casamento mediante a traição do marido, recorria-se a família em busca de amparo, de apoio a sua decisão, porém, a família por temer a separação e a sua filha tornar-se uma mulher livre para o sexo (prostituição), já que não era mais virgem, não iria mais aceitar certas pedagogias sobre seu corpo ao voltar morar com seus pais, e assim ficaria mal falada. Buscavam reproduzir sobre ela as práticas de uma mulher casada, mostrando a mesma que era dever da esposa “[...] se preocupar com a felicidade conjugal não deixando que nada abalasse a estrutura matrimonial, pois ela deveria se esforçar para manter o ambiente doméstico em harmonia, o que satisfaria o marido [...]” (ARAÚJO, 2006, p.34).

Entretanto, a infidelidade do marido quando descoberta era motivo de sérias discussões e possíveis separações, como nos traz a tona Carmelita dos Santos, que ao se deparar com as traições do seu esposo, estas que ocorreram na Casa de Dona Sebastiana, pensou por várias vezes em se separar, mas foi aconselhada por sua mãe a desistir da ideia para não correr o risco de ficar mal falada, visto que a mulher separada, segundo a mesma, era alvo de comentários maldosos. Vejamos o que nos diz a entrevistada:

[...] quando casei não houve proibições, o problema era que meu marido era levado, gostava de mulheres. Eu não aguentava, começavam as discussões que terminavam em brigas grandes, coisa que nunca vi quando solteira entre minha mãe e meu pai [...]. Meu marido era danado, quando eu menos esperava estava com paqueras e chamegos no cabaré de Sebastiana. Pensei muitas vezes em separação, mas minha mãe vinha e dizia que eu era pra suportar, pois tinha casado e era pra viver, era muito feio uma mulher separada, o povo falava muito. Ela dizia que ruim com ele pior sem ele [...]  
(Carmelita dos Santos, 2013, 64 anos).

Neste relato de Carmelita dos Santos, observamos a forte influência na pedagogização do corpo feminino, a mãe convencendo discursivamente a sua filha que ela deveria suportar as traições do marido para não ficar falada como mulher separada. Vemos a ideia de que em Puxinanã no período já citado a mulher quando casava era para viver ao lado dele, mesmo em meio às aventuras extraconjugais de seu esposo, porque se propagava no universo puxinanaense das mulheres casadas que se era ruim estarem casadas com um marido que as

traia, pior era viver sem ele, e se manter como mulher separada em uma sociedade que vivia sobre distintas produções discursivas sobre o corpo feminino a partir de algumas famílias, isto porque, conforme Bassanezi (1997), no início da segunda metade do século XX, a mulher separada<sup>20</sup> “[...] sofria com os preconceitos, era considerada má influência para as ‘bem casadas’ [...] e tinha sua conduta moral em constante vigilância [...]” (BASSANEZI, 1997, p.636), por isso muitas mulheres sujeitavam-se a continuar nutrido o casamento e atendendo ao apelo da família.

Quando os votos matrimoniais da fidelidade, feitos pela mulher, eram quebrado por ela, o marido era desonrado, o que não acontecia em relação a mulher quando o homem quebrava seus votos. Logo, a questão da fidelidade era algo bastante forte nos valores da honra familiar em Puxinanã, pois quando o marido descobria que sua esposa o traiu a punição era severa como nos revela Dona Maria de Bola Sete (2014, 71 anos):

[...] Antônio Ginur levou chifre, no primeiro casamento dele, com Salonira. Ela botou chifre nele com o delegado Avelino e com Tota Eloi. Minha irmã Luzinete trabalhava na casa deles. Toinho era caminhoneiro e viajava muito. Toda noite Tota Eloi ia pra lá, nas noites que Toinho tava viajando. Salonira mandava minha irmã comprar meio quilo de queijo de manteiga e lata de doce, os ricos só comiam essas coisas, pra ela comer mais Tota. Salonira viu que ia ser descoberto e principalmente com o delegado, que também entrava na casa dela. Quando foi um dia Salonira que queria deixar Tota pra ficar com o delegado porque estava gostando mais dele, disse ao seu marido Toinho que Luzinete minha irmã estava tendo um caso com Tota e estava levando ele pra casa dela a noite. Ela disse a Toinho, tucalha Toinho que tu vê ele entrando aqui em casa atrás dela. Ai nesse dia, Luzinete comprou o queijo e o doce e foi dormir em casa de meus pais. Toinho fez que viajava, voltou e ficou tucalhando, viu quando Tota entrou na casa dele. Quando ele entrou em casa viu Salonira com Tota, e ai ele descobriu tudo, até o caso que ela tinha com delegado. Ele foi [...] expulsou ela de casa só com a roupa do corpo e não deixou nem levar o filhos e filhas e nem pegar nada. Nem o misto<sup>21</sup> ela deixou ela pegar na rua, expulsou ela da rua também, ela foi pegar o misto bem longe e foi embora de Puxinanã. (Maria de Bola Sete, 2014, 71 anos).

<sup>20</sup> Desquite era uma forma de separação do casal e de seus bens materiais, sem romper o vínculo conjugal, o que impedia novos casamentos. O termo desquite fazia lembrar algum rompimento conjugal do passado, período em que o casamento deveria ser perpétuo e indissolúvel. A Lei nº 968, de 10 dezembro de 1949, sancionada pelo então Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, estabelecia a fase preliminar de conciliação ou acordo nas causas de desquite litigioso. Esta Lei foi revogada pela Lei 6.515/1977, conhecida como a Lei do divórcio. (<http://www.soleis.adv.br/separacaojudicial.htm>, visitado no dia 19 de janeiro de 2015).

<sup>21</sup> Segundo as entrevistadas, misto: era um carro que transportava pessoas e animais como galinha, bode, peru entre outros.

Neste sentido, percebemos a partir da fala de Dona Maria de Bola Sete que a expulsão de Salonira de casa era uma forma de dar visibilidade à normatização que foi quebrada por ela, e como um meio de trazer a ele a sua honra, uma vez que a honra era um valor cultural que mediava às relações de gêneros inclusive pelas mulheres, como fica claro nas tramas amorosas presentes na fala de Dona Maria de Bola Sete. Assim, a honra era algo muito zelado na sociedade puxinanaense nos anos de 1960 a 1970, pois além de expulsar sua esposa buscou lavar sua honra tentando matar Tota Eloi, que por um erro acabou por matar outro homem que o acompanhava. Este fato ainda é muito forte na memória dos puxinanaenses, pois a partir deste episódio a vigilância em torno do universo feminino na cidade tornou-se ainda mais forte e rígida, pois os pais temiam que viesse ocorrer o mesmo em sua família.

Contudo, muitas mulheres ao se casarem não estranhavam as responsabilidades a elas exigidas, pois estando no espaço doméstico (a casa) as tarefas de cozinhar, de lavar, de cuidar dos filhos e limpar a casa permaneciam como deveres femininos, visto que os próprios processos pedagógicos produzidos e praticados definiam os afazeres domésticos como obrigação puramente feminina. Porém, em Puxinanã na temporalidade estudada havia homens casados que ajudavam suas esposas quando achava necessário como nos apresenta Maria Hozana dos Santos (2014, 59 anos):

[...] meu marido sempre foi muito bom pra mim, não era daqueles maridos abusados e machão que queriam tudo na hora que pedisse. Muitas vezes ele chegava da feira ou do roçado e ficava esperando eu aprontar a comida, sem reclamar, porque eu ia primeiro a arrumar a casa pra depois fazer o almoço. As vezes ele me ajudava, fazendo café quando eu tinha muita coisa pra fazer, enxugava a louça quando não dava tempo d'eu fazer [...].

A partir da fala de Maria Hozana dos Santos, podemos aferir que os discursos pedagógicos produzidos por algumas famílias definiam os afazeres domésticos como tarefas exclusivas das mulheres, iam sendo aos poucos desconstruídos em poucas famílias, uma vez que a atitude do esposo de Maria Hozana não era algo comum a todos os casamentos, visto que muitos homens casados em sua maioria “[...] exercia sua masculinidade, fazendo se reconhecer como um provedor, forte, durão, viril, conquistador, namorador, conservador e machista [...]” (ARAÚJO, 2011, p.101).

## 7. Fugindo para Casar: as manchas das famílias

Algumas mulheres puxinanaenses – pelo menos as entrevistadas – deixaram bem claro a partir de suas falas a rigidez dos seus pais sobre a pedagogização de seus corpos, principalmente, quando se tratava sobre o namoro, pois era por meio deste que a vigilância e o controle social e moral da família eram experimentados pelas moças para preservar a honra e não manchar o nome da família. Entretanto, algumas destas mulheres entrevistadas nos trouxeram a este debate as proibições de aproximarem-se ou até mesmo de demonstrarem alguma forma de carinho em relação aos namorados ou paqueras, porque estavam em meio a familiares que colocavam limites em suas relações, e houve casos em Puxinanã de que devido a essas limitações algumas moças fugiram para casar, manchando os nomes de suas famílias, pois ficariam nuas em frente aos rapazes antes do casamento, como foi o caso de Maria de Bola Sete (2014, 64 anos):

[...] quando eu tinha 13 anos, Bola chegou pra mim e disse que queria namorar comigo. Ele tinha 30 anos, já era um velho, eu não quis. Então ele me disse se você não namorar comigo vou dizer a todo mundo que você já é minha mulher. Eu só tinha 13 anos, uma criança, nem formada eu era ainda [com relação à menstruação]. Mas passou-se três anos e ele não desistiu de mim não, ficou insistindo e meus pais não queria o namoro porque ele era negro. Daí no dia 14 de maio de 1968, eu fugi com ele, só depois casei, porque meu pai e minha mãe foi onde a gente tava e nos obrigou a casar para limpar o nome da família e ainda fez a gente voltar a morar em Puxinanã pra todo mundo ver que eu tava casada e não era uma perdida [...] (Maria de Bola Sete, 2014, 64 anos).

Neste relato de Maria de Bola Sete, percebo o jogo que Bola fazia com a honra, o medo, a fragilidade do discurso feminino, o qual era menos creditado que o masculino, quando ela nos diz que: “[...] Então ele me disse se você não namorar comigo vou dizer a todo mundo que você já é minha mulher [...]”. A “ameaça” que a mesma sofrera aos 13 anos de idade, como a mesma nos fala, que era uma criança que ainda nem tinha “se formado”, ou seja, menstruado. Uma ameaça muito marcante para uma adolescente que era cotidianamente pedagogizada para preservar a honra da família com sua virgindade e não por em risco os valores morais e nem manchar o nome de sua família, visto que não deve ter sido fácil para ela ficar entre os galanteios do rapaz e a proibição dos pais para ela o namorar, como nos

mostra a partir de sua fala, que a própria família não queria o namoro com este rapaz que ela o chama na entrevista de Bola.

Ao fugir para casar, Maria de Bola Sete estava contrariando as decisões de seus pais e desonrando a sua família e o seu pai com sua desvirginização, por isso os pais da mesma logo trataram em casá-los para manter a honra familiar, limpar o nome da família e não ter uma filha “falada” como uma “perdida”, uma prostitua, uma “mulher da vida”. Caso Bola não quisesse casar, a família procurava de imediato o delegado Sr. Avelino, pois “[...] se o homem não casasse por vontade, casaria ‘na marra’<sup>22</sup> [...]” (Maria de Bola Sete, 2014, 64 anos) para honrar e assumir a virgindade da moça e assim limpar a mancha que ora recaía sobre a família, mesmo que fosse o caso de casar com o negro, antes rejeitado devido a sua cor/etnia.

A fuga para casar com um homem que não agradava a família servia como burla à pedagogização produzida sobre o corpo feminino, como efeito das proibições dos pais em não aceitar certos namoros, e em outros casos, para fugir de uma violência sobre o corpo praticado pela família como foi o caso de Marlene Garcia, prima de primeiro grau do meu pai, que me narrou:

Meu pai morreu quando eu ainda era criança e minha mãe, que não tinha condição de sustentar a gente, porque antigamente era difícil a pessoa conseguir se aposentar como viúva, se casou de novo e fomos crescendo. O meu padrasto era muito rígido, batia muito em mim e na minha irmã, ela casou logo para se livrar daquele sofrimento. Quando Louro se interessou por mim, meu padrasto não deixou a gente namorar, começou a querer fazer as coisas comigo [sexo], me ameaçava, daí eu chorava muito de desgosto, mas eu nunca deixei e contei tudo pra minha mãe. Num dia de noite fugi com Louro para casar e fui embora morar no sítio Canário, na casa dos pais dele. Meu padrasto foi atrás de mim, mas meu sogro não deixou ele me levar não, então foi assim que casei, não tive nem namoro como minha irmã. Quando casei segui todas as regras de uma mulher casada na época (Marlene Garcia apud ARAÚJO, 2006, p.57).

Percebi que Marlene Garcia, por sofrer violências sobre o seu corpo por parte de seu padrasto, buscou na instituição do casamento abrigo por medo desta violência doméstica. Fugir para Marlene Garcia foi o meio de contrariar os interesses de seu padrasto sobre ela, os quais a fazia sofrer. Logo, esta fuga foi para ela uma maneira de limpar as manchas marcadas em seu corpo pela violência e ameaças que seu padrasto fazia a ela, como a mesma nos fala que “vivía em um grande sofrimento”. Assim, o casamento para ela não foi apenas um sonho,

---

<sup>22</sup> “Casar na marra”, termo bastante usado, nos anos de 1960-70 em algumas cidades nordestinas, para referir-se a obrigação de um rapaz em casar com uma moça, por motivos de defloramento de sua virgindade.

mas também a liberdade daquele sofrimento e violência, o que diferenciou esta fuga das outras que ocorreram em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, pois em sua maioria a fuga era por proibições e limitações dos namoros e dos desejos das moças e dos rapazes.

Nesta perspectiva, observei que tanto a fuga de Maria de Bola Sete como a fuga de Marlene Garcia para casar iriam manchar o nome da família e assim a honra dos seus provedores, que logo tratavam de obrigá-los a casar para salvar a honra da família, até porque, como podemos ver em ambos os casos transcritos, porém com suas distinções e especificidades, as mulheres não eram reféns desta fuga, mas “[...] também desejan-tes e participantes do planejamento e da execução dos raptos [...] caracterizado pelo consentimento da moça sob promessa de casamento por parte do raptor [...]” (SANTANA, 2009, p. 3 – 4).

## **8. As mulheres nas Festas: intimidades vigiadas**

A Festa de Padroeira de Puxinanã (Nossa Senhora do Carmo) teve início em 1963 com o conhecido, e falado até hoje, “xerém do padre” e durou até fins dos anos de 1970 com os revezamentos de padres feitos pela Diocese de Campina Grande. A festa era realizada em um grande pavilhão localizado na Rua Rômulo Campos e barracas de quermesses que se estendiam pela Rua João Pessoa, juntamente com um parque de diversões, onde a maior atração era a roda gigante que “[...] tinha um rádio tocando músicas e a gente ia escondido dos pais com os namorados para dar algumas voltas nela, eles pagavam pra gente ir [...]” (Carmelita dos Santos, 2014, 64 anos).

As jovens quando saiam, principalmente para as festas de padroeira que ocorriam em vias públicas, procuravam sempre estar em lugares iluminados, em meio a várias pessoas, onde em grupos ficavam passeando entre as ruas Rômulo Campos e a Rua João Pessoa “[...] porque os pais da gente ficavam de olho com quem a gente conversava, andava e onde a gente tava [...]” (Carmelita dos Santos, 2013, 64 anos), visto que a vigilância e o controle sobre elas eram redobrados pela família quando se tratava de ir às festas, uma vez que os pais mantinham sob sua autoridade por meio da vigilância e controle suas filhas castas.

Todavia, os códigos de comportamentos direcionados às moças não eram tão rígidos quando se tratava dos preparativos das moças para as festas, o que, por exemplo, diferenciava-

se do namoro, em que a vigilância e o controle eram mais severos devido à aproximação do corpo feminino ao corpo masculino. Logo, o namoro transcorria em meio a limitações pela família, mas eram nas festas de padroeiras que as moças buscavam um namorado e que poderia tornar-se seu marido, porém, “[...] aqueles rapazes que bebessem, além das festas comemorativas [...] e jogassem sinucas eram considerados pelos pais como ‘impróprios’ para casamentos [...]” (ARAÚJO, 2011, p.87). Assim, as moças buscavam um rapaz que se adequasse às exigências de seus pais, para que houvesse por eles a aprovação do namoro, como nos narrou Carmelita dos Santos (2013, 64 anos): “[...] meus pais não aceitavam o meu namoro com Genival, pois só vivia de festa e de bebedeira. Dizia que não seria um bom marido e me proibiu de falar com ele [...]”.

Neste sentido, a preparação de uma moça para ir à Festa de Padroeira seguia um “ritual”, o qual era realizado com muita expectativa e animação. Para muitas jovens a preparação para uma festa, como arrumar os cabelos, escolher as roupas que deveriam usar na ocasião, era algo que despertava entusiasmo e expectativa de logo poderem participar dos festejos para os quais passavam boa parte do dia se preparando e planejando como iriam. Como nos expõe Marlene Garcia:

[...] eu e minhas irmãs não via a hora de chegar o dia da Festa de Nossa Senhora do Carmo. Quando a gente terminava os serviços de casa, se ajeitava como podia, porque num tinha dinheiro pra ir pra Campina pros salão se ajeitar, então tomava banho, pintava as unhas, arrumava os cabelos [risos] a gente colocava bombрил pra o cabelo ficar armado e fazia um penteado bem bonito, vestia o vestido mais bonito e às vezes escondido colocava batom [risos] e um pouco de talco branco no rosto, porque meu padrasto não deixava, era pra gente ficar mais bonita e arrumar um paquera (Marlene Garcia, 2014, 68 anos).

Podemos perceber na fala de Marlene Garcia, que a festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Puxinanã, era o acontecimento mais esperado do ano, principalmente, para as moças que tinham oportunidade de mostrar suas belas roupas, bem como, arrumarem namorados, um dos fatores mais importantes para o embelezamento das moças, e para desfilarem no trajeto onde ocorria a festa, entre as Ruas Rômulo Campos e Rua João Pessoa, dentro das regras e normas estabelecidas, com o intuito de despertar os olhares do masculino, deixando escapar breves sorrisos e olhares para que não as confundissem com “moças fáceis”, pois a mulher devia aparentar que homem era que estava dando o primeiro passo para a conquista, visto que “[...] ela pode conquistá-lo dando a ilusão de que está sendo conquistada

[...]” (BASSANEZI, 2002, p. 614), era uma maneira sutil de demonstrar que o homem mantinha sua autoridade sobre elas.

Não podemos deixar de observar ainda na fala de Marlene Garcia as práticas de embelezamento utilizadas por algumas moças em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, onde usava a técnica de fazer penteados nos cabelos usando a palha de aço (popularmente conhecida como “bombril”), pois em Puxinanã neste período ainda não se tinha salões de beleza, apenas barbearia (lugar do masculino). Logo, percebemos a ousadia de Marlene Garcia e de suas irmãs, que mesmo sem ser do gosto de seu padrasto, usavam batom e talco branco, desses que “[...] usa em menino novo, porque antigamente meus pais não podia comprar perfume pra todo mundo, então comprava talco que era mais barato, aí a gente passava no rosto, a gente num tinha maquiagem [...]” (Maria Hozana dos Santos, 2014, 59 anos).

O uso às escondidas de batons e até mesmo de talco, eram práticas usadas por algumas mulheres para além contrariar os interesses dos pais, burlar os códigos de comportamentos e sentirem-se mais belas para flertar e serem flertadas pelos rapazes puxinanaenses ou até mesmo de outra cidade vizinha que ali estivesse na festa. Assim, as moças antes de sair de casa procuravam, conforme suas condições financeiras, se arrumar da melhor forma possível para se tornarem apresentáveis para suas conquistas amorosas. Como era de práxis, o que também nos assegurou Marlene Garcia em seu depoimento, após o término dos serviços domésticos, as moças procuravam se preparar com entusiasmo para ir à festa.

Todavia, nem todas as jovens podiam se preparar com muito entusiasmo para as festas, porque em algumas famílias a rigidez dos pais não as permitia que os preparativos fossem feitos seguindo o “ritual” realizado por muitas mulheres antes de sair de casa, como nos relatou Maria Hozana dos Santos (2014, 59 anos):

[...] pra gente ir pras festa não podia ficar com conversinhas não, planejando como seria, porque se pai visse alguma besteirinha já não íamos mais. Então arrumávamos as roupas e ficávamos caladas esperando. Não tinha esse negócio de pintar as unhas, meu pai não gostava e não deixava a gente pintar as unhas e nem arrumar os cabelos, pra não ficarmos faladas e parecendo com uma mulher da vida (Maria Hozana dos Santos, 2014, 59 anos).

É perceptível o controle social do masculino sobre o feminino, na figura do pai e quando casadas do marido, pois mantinha as filhas sobre um forte código de comportamento, o qual produzia sobre o feminino, limitações e proibições, como vemos na fala de Maria

Hozana dos Santos, que mesmo se tratando de uma festa pública, como a festa de padroeira, seu pai não as deixava se embelezarem para manchar o nome de sua família, pois, segundo ela, para ele a mulher arrumar o cabelo e pintar as unhas, estaria pondo em risco os valores morais de sua família, sendo melhor proibi-las de tal ato de embelezamento para preservar a honra dela e conseqüentemente a dele. O uso da representação construída por algumas famílias sobre as “mulheres da vida”, as prostitutas da Casa de Dona Sebastiana, era sempre usado no processo pedagógico do corpo feminino em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, para manter um controle sobre os corpos de suas filhas e assim também manter a ordem familiar.

São notáveis, as práticas das moças em quebrar com os códigos normativos a elas indicados, burlando as regras e ordens de pais, que na roda gigante ficava a sós com o rapaz e assim poderia, por alguns segundos e minutos, pegar na mão dele e, até mesmo permiti-lhe beijá-la, quem sabe na boca. Enquanto algumas moças burlavam a disciplinarização a elas construídas, no pavilhão acontecia à disputa do Pastoril, dançado por moças vestidas de roupas azuis e de roupas vermelhas, ensaiadas pela “secretária” da igreja católica como atração do Pavilhão de Nossa Senhora do Carmo. Esta dança “[...] era cheia de regra pra não ficar vulgar e mal falada [...]” (Maria Beatriz da Silveira, 2014, 62 anos), pois a vergonha era um viés da disciplinarização que as jovens sofriam. A partir da fala de Beatriz, vejo que a própria instituição religiosa também buscou manter o corpo feminino pedagogizado, o que diretamente influenciava os discursos produzidos pelas famílias das mulheres por mim entrevistadas.

Não posso deixar de comentar sobre as cores usadas no Pastoril, o cordão azul e o cordão encarnado (vermelho), cores escolhidas pela igreja católica e carregava nelas a representação do bem e do mal, do religioso e do profano, da pureza (virgindade), mas também da desonra (mulher da vida, perdida, prostituta). Por exemplo, “[...] no cordão azul tinha moças vestidas de sol, de estrela Dalva, da lua e cantavam canções [...]” (Zélia dos Santos Costa, 2014, 69 anos) as quais representavam as práticas litúrgicas da igreja católica. Já no “[...] cordão encarnado cantavam músicas não religiosas, mundanas [...]” (Zélia dos Santos Costa, 2014, 69 anos) que dentre suas simpatizantes do cordão proferiam canções que (re) produziam a representação do pecado como, por exemplo, as mulheres da vida da Casa de Dona Sebastiana, que eram representadas com roupas decotadas e maquiagens extravagantes, mas sobre o controle e disciplinarização da igreja, responsável pelas apresentações na época.

Além das jovens que dançavam o Pastoril, outras também participavam das festividades sendo estafetas<sup>23</sup>, como podemos notar na imagem a seguir:



6.Foto de Edite nora de Dona Nova  
Arquivo pessoal de Antonia Bernardo

Esse era um dos modelos das roupas usadas pelas estafetas da Festa de Padroeira. O que me chamou atenção foi o uso do espartilho, uma peça que, além de modelar a cintura da moça, dava uma saliência ao busto, o que não era uma prática de vestir cotidianamente, pois [...] a gente só usava certas roupas quando ia para as festas, porque em casa meu pai não deixava [...]” (Carmelita dos Santos, 2013, 64 anos). As moças estafetas ficavam durante a festa, entregando recadinhos e laços vermelhos que os jovens rapazes enviavam as moças, e as moças que trabalhavam como floristas, vendendo flores para arrecadar fundos para igreja, como foi o caso de Maria Beatriz da Silveira (2014, 62 anos), que com a permissão de seus pais participou destas festas algumas vezes como florista e outras como dançarina do cordão azul no Pastoril, quando foi eleita a princesa da Festa da Padroeira de 1967.

[...] eu trabalhei como florista e estafeta nas festas de rua umas seis vezes, mas porque o padre foi pedi ao meu pai. Nestas festas eu fazia muita amizade; minhas amigas aproveitavam para paquerar e ir pro parque na roda

<sup>23</sup> Estafetas: entregador de telegramas (FERREIRA, 2000, p. 292).

gigante. Todo o dinheiro que a gente arrecadava com a venda das flores era pra igreja. As disputas do cordão azul e do encarnado era muito animadas [riso]. A moça que arrecadasse mais dinheiro era eleita no pavilhão como rainha e a segunda colocada como princesa. A gente entregava recadinhos aos rapazes dentro do pavilhão e um laço vermelho que as moças mandavam escondidos dos pais (Maria Beatriz da Silveira, 2014, 62 anos).

Assim, posso aferir a relação da igreja (instituição religiosa na representação do padre) com algumas famílias (instituição familiar representada pelo pai), quando o padre pediu permissão ao pai de Beatriz da Silveira, pois a autoridade dos pais sobre sua filha foi algo fortemente experimentado pelas mulheres. Mas, como se pode observar na fala acima, as filhas mostravam às famílias, ao pai, a sua total obediência, porém, ao analisarmos os testemunhos transcritos neste texto, vemos que as mulheres sutilmente burlavam os códigos de comportamento produzidos, visto que mandavam recados e laços para os rapazes às escondidas, como também iam à roda gigante para namorar longe da vigilância e controle da família.

Contudo, onde e quando foi permitido, pude notar que os preparativos para as festas levavam horas para serem realizados, pois além do cuidado do corpo, tinha a preocupação com a roupa que muitas vezes eram confeccionadas por costureiras da família ou pelas próprias jovens com auxílio de suas mães, que ensinavam desde cedo o ofício da costura à suas filhas, para que elas pudessem, principalmente quando casadas, costurar suas roupas, de seus filhos e filhas e de seu marido. Além de que, toda essa arrumação tinha o intuito de provocar nos rapazes o interesse pelas jovens, e que também soava como uma afronta aos interesses dos pais, o que muitas vezes as instigavam ainda mais. Essa provocação aos rapazes era feita com delicadeza para que eles pudessem mostrar-se o conquistador na relação de gêneros, pois esta prática cabia diretamente ao homem, e a mulher por sua vez, procurava ser educada, tímida – para demonstrar sua pureza – e encantadora, características imprescindíveis para as mulheres que pretendiam casar, embora a escolha de seu futuro marido fosse feita pela família.

## 9. “A mulher trabalhar fora ficava mais liberta”: as burlas

A visibilidade feminina dada em minha escrita e pelas vozes transcritas das entrevistas realizadas com algumas mulheres que vivenciaram as tramas cotidianas na cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, bem como a educação outorgada por suas famílias, tem o intuito de trazer a tona às relações de gêneros que envolveram as experiências destas mulheres que foram no decorrer destes anos, com suas práticas, burlando regras e espaços a elas direcionados, para obter de seus pais e até mesmo de seus maridos, permissões para trabalhar fora de casa com o objetivo de adquirir uma renda extra para ajudar as despesas da casa.

Nesta perspectiva o trabalho feminino para a obtenção de renda e ajudar no orçamento doméstico ou até para comprar acessórios femininos, muitas vezes era executado dentro de casa como as costuras de ganho (costureiras que recebiam encomendas de mulheres de outras famílias), pois muitos pais e maridos não as permitiam trabalhar fora de casa, privando-as de trabalhar no espaço público como foi o caso de Carmelita dos Santos (2013, 64 anos):

[...] meu pai não deixava eu e minha irmãs trabalhar fora de casa, e quando casei não foi diferente, meu marido também não deixava. Mas, meu marido deixava eu costurar pra fora, pra outras mulheres, pra arrumar dinheiro e ajudar em casa. Aprendi a costurar quando eu era solteira, fazia minhas roupas e das minhas irmãs. Depois de casada fui costurando vestidos, saias, blusas para as mulheres que aparecia. Com o dinheiro comprava as coisas pra mim e meus filhos. Meu pai reclamava com meu marido, dizia que ele não podia comigo, que eu fazia o que queria [...] (Carmelita dos Santos, 2013, 64 anos).

Diante disto, percebemos que a execução de trabalhos manuais para conseguir uma renda no espaço doméstico proporcionava certa comodidade à mulher, pois não precisava estar pedindo dinheiro aos maridos para comprar seus acessórios, e que o trabalho em casa servia para os maridos como um meio de vigiar e controlar a esposa na relação com suas clientes. Mas, a atitude do marido de Carmelita dos Santos em deixá-la costurar para fora não soava de bom agrado, pois para o pai dela o seu marido tinha perdido a autoridade masculina sobre a ela, em mantê-la sob seu total controle, cuidando dos afazeres da casa, dos filhos e do marido, pois era dever do marido prover o lar.

Diferentemente de Carmelita dos Santos, havia mulheres que não executavam nenhuma atividade que lhe proporcionasse renda, umas porque suas famílias eram abastadas, outras porque os maridos ou os pais não as permitiam, para não por em risco os valores da honra da família, o que manteria suas filhas virgens e as esposas fieis (ARAÚJO, 2011), como nos trouxe ao conhecimento Maria Salomé Sales (2014, 64 anos):

[...] pai nunca deixou a gente trabalhar fora pra arrumar um dinheirinho, dizia que a mulher não seria a mesma, ficava mais liberta, poderia se perder como as mulheres da vida da casa de Sebastiana. Então, trabalhávamos em casa fazendo os serviços de casa como: lavar, passar, cozinhar. Quando casei o regime foi o mesmo [...] (Maria Salomé Sales, 2014, 64 anos).

A partir da fala de Maria Salomé Sales, é que construímos o subtítulo, porque para muitos homens a mulher trabalhar fora de casa se tornava mais independente, o que o pai de Maria Salomé chama de liberta, o que não seria de bom agrado para o interesse da pedagogização familiar exercida por muitas famílias puxinanaenses, uma vez que estaria à mercê dos galanteios masculinos, o que poderia levá-las a desonrar a família com supostos deslizes que porventura viesse cometer, visto que “[...] a mulher é considerada mais sensível do que o homem devido a uma maior fragilidade [...]” (ROHDEN, 2001, p.118). O processo pedagógico praticado pela família sobre o corpo feminino em Puxinanã, produzia, dentre outros sentimentos, a cautela, o cuidado de si em relação ao outro (o masculino) para não tornarem-se “mulheres da vida” da Casa de Dona Sebastiana, cautela está representada na fala de Maria Salomé, o medo de seu pai a respeito da mulher trabalhar fora e tornar-se mais liberta.

Neste fragmento do relato de Maria Salomé, é notório que na sua família, diferentemente da família de Carmelita dos Santos, estava longe de ocorrer mudanças nos códigos de comportamentos destinados à suas filhas, pela rigidez e severidade da autoridade, observadas também com a atitude do pai de Carmelita dos Santos que cobrava do marido de sua esposa mais pulso no controle da filha, porque a mesma estaria se tornando liberta por estar ganhando dinheiro com as suas costuras de ganho. O que nos mostra que no caso de Carmelita dos Santos, não só havia as burlas praticadas pelas mulheres, mas também para alguns homens havia uma burla ao exigido socialmente, um exemplo foi o consentimento do esposo de Carmelita em deixá-la trabalhar.

Assim, vejo que as advertências familiares em relação ao comportamento feminino nem sempre eram seguidas à risca, pois muitas mulheres com atitudes ousadas iam

redefinindo as regras a elas destinadas. Essa redefinição também era vista nas repartições públicas de Puxinanã, que devido à emancipação política da cidade, foi surgindo condições e possibilidades de uma maior participação feminina em algumas atividades como secretárias, enfermeiras, telefonistas, recepcionistas, como foi o caso de Maria Beatriz da Silveira, que em 1970 procurou o então prefeito o Sr. Pedro Rodrigues Sobrinho e lhe falou do desejo de trabalhar e ter um “salário”, visto que não havia concurso público na época, surgindo esta obrigação a partir da Constituição Federal de 1988:

[...] em Puxinanã não tinha muito trabalho, e para a mulher ai é que era pior. Meus pais não ligava que a gente trabalhasse e ai fui ao Prefeito Pedro Rodrigues e lhe falei um emprego. Isso foi em 1970, quando as coisas já eram mais diferentes e Puxinanã tinha mais emprego pra mulher. Ele então me colocou pra ser recepcionista na prefeitura e lá fiz muita amizade [...]  
(Maria Beatriz da Silveira, 2014, 62 anos).

Deste modo, percebo na fala de Beatriz Silveira que a partir da década 1970 em Puxinanã se aspirava novas reformulações no comportamento feminino e sobre as mudanças que a cidade, como por exemplo, o êxodo rural, uma vez que com as inaugurações de repartições públicas como escolas, bibliotecas, posto de saúde, maternidade municipal, se almejava melhores condições de vida na cidade. Com isto ampliou-se o mercado de trabalho para as mulheres, embora saibamos as suas limitações, pois as mesmas eram alocadas em empregos que fossem considerados das prerrogativas femininas, uma vez que se atribuía às mulheres a ideia de que eram delicadas, amorosas, sensíveis, vigilantes e mais cuidadosas e organizadas, para assumirem funções como professoras, bibliotecárias, enfermeiras, recepcionistas e secretárias. Logo, é notório que o mercado de trabalho para o público feminino em Puxinanã nos anos de 1960 a 1970 era bastante restrito e limitado.

Além destas funções ocupadas por algumas mulheres puxinanaenses, conheci uma mulher que trabalhava em atividades comerciais, Dona Severina Ribeiro Gomes (2013, 81 anos), conhecida na cidade por Dona Vina, que desde cedo ajudou seu pai numa mercearia<sup>24</sup> e após ter casado com o Sr. Sebastião Belmiro Gomes, por quem seus pais nutriam muito gosto, continuou a ajudá-lo nas atividades comerciais:

[...] meu pai tinha uma mercearia e eu sempre o ajudava no balcão, ele nunca se importou, mas eu tinha que me comportar se não num ajudaria mais. Quando tinha feira na cidade as pessoas que tinham uma quitanda e vendiam

<sup>24</sup> Loja onde se vendem, a retalho, gêneros alimentícios (FERREIRA, 2000, p.457).

pão vinham à tarde prestar contas e eu era quem recebia tudo [...]. Depois que casei continuei a vida no comércio ajudando o meu marido, de quem meu pai gostava muito e fez muito gosto pelo casamento, porque dizia que ele era um rapaz de bem, trabalhador e respeitador (Severina Ribeiro Gomes, 2010, 80 anos Apud ARAÚJO, 2010, p.47).

Neste depoimento, vê-se que em algumas famílias já havia uma participação feminina, mesmo que limitada, para o trabalho fora de casa, e no caso de Severina Ribeiro Gomes, como nos demais, houve a aceitação e liberação dos pais e até dos maridos, mas tinham que se comportar e carregar sobre si a honra da família, tendo a mesma que não só dar conta dos afazeres do “emprego”, mas, principalmente, os afazeres de casa, pois era de sua responsabilidade edificar a família, preservando os valores morais de seus filhos e filhas, de seu marido e a sua, uma vez que qualquer desvio cometido por ela mancharia socialmente o nome de todos os familiares.

Vejo ainda, que Severina Ribeiro tinha que se comportar sobre a pena de não mais ajudar no comércio, o que mostra que havia, mesmo com certas rupturas de alguns códigos de comportamentos produzidos para a mulher, uma forte vigilância e controle a respeito da preservação da honra feminina e, conseqüentemente, a da família, visto que alguns homens ainda produziam por meio de discursos os lugares e comportamentos das mulheres. Os valores da honra funcionavam como uma engrenagem que fazia mover a sociedade puxinanaense nos anos de 1960 a 1970 e nela as relações de gêneros, em que os homens construía representações sobre o corpo feminino, a sexualidade, o prazer, a pureza e o amor. Logo, os valores da honra e sua produção discursiva sobre as mulheres deveria proteger a instituição familiar.

No próximo capítulo, discuto os valores da honra nos discursos masculinos, pelos quais acionam os dispositivos da normatividade social como uma estratégia para conservar os códigos morais que ainda dão, em algumas circunstâncias, sustentabilidade ao masculino na sociedade puxinanaense, buscando refletir, no decorrer do segundo capítulo, as representações sobre o corpo, a sexualidade, o prazer, a pureza e o amor, com base em relatos orais de homens que experimentaram nos anos de 1960 a 1970 as teias cotidianas da cidade de Puxinanã.

## Capítulo Segundo

### **“HOJE VOCÊ É TUDO E NADA”: os valores da honra nos discursos masculinos**

[...] homem bravo, gênio forte, falando sempre em mulheres, cabra macho que enfrenta um batalhão, que trabalha de sol a sol, que prefere morrer a ser desonrado [...] (ALBUQUERQUE JR, 2003, p. 19 – 20).

O título deste capítulo foi retirado da transcrição da fala de um dos interlocutores quando o mesmo narrou-me sobre a infidelidade de sua esposa e que no instante em que a expulsava de casa dizia-lhe: “[...] percebi que até hoje você era tudo em minha vida e agora é um nada que destruiu o nosso amor [...]” (Aristides Eloi, 2014, 67 anos). Porém, a dor de ter sido traído devia ser por ele controlada e não externada, pois não era de “bom agrado”, a partir dos discursos de algumas famílias e das práticas de sociabilidades, um homem demonstrar seus sentimentos, pois o mesmo era educado para ser como “uma rocha”, forte e inabalável.

Neste sentido, os valores da honra sobre o corpo do masculino foram sendo construídos por meio de discursos associados a uma pedagogização dos seus corpos, mas com uma vigilância voltada mais para as práticas sexuais do homem e para a preservação dos valores de sua honra, visto que o mesmo deveria “ser homem de verdade”, como assim me diziam fins da década de 1980 e início de 1990. Eram a partir deste e de demais discursos produzidos pela família e pelas práticas de sociabilidades que construíram fortes fronteiras entre o masculino e o feminino, uma vez que enquanto os meninos brincavam de carrinhos, bola de gude, futebol, as meninas cuidavam de suas bonecas para estimular o “instinto” materno, reflexo da educação familiar destinados a elas e a eles.

Assim, ambos os corpos, tanto do feminino como do masculino, foram normatizados e sobre eles produzidos os valores morais da família e os valores da honra masculina, uma vez que a honra também era fator de vigilância, e até mesmo de punição, do filho em honrar seu pai com sua virilidade, pois “[...] ter um filho “viado” era uma morte pra meu pai [...]”

(Didisso<sup>25</sup>, 2014, 68 anos). Logo, é perceptível na fala de Didisso como também nos ressalta Albuquerque Jr. (2003), que para o homem era preferível a morte de que a desonra para o pai em ter um filho “[...] que não gostasse da fruta [...]” (Didisso, 2014, 68 anos) ou para o marido ao ser traído por sua esposa, pois “[...] naquele tempo ninguém brincava com a honra de um homem e saia bem na história [...]” (Aristides Eloi, 2014, 67 anos).

Nesta perspectiva, analiso, neste capítulo, os valores da honra nos discursos masculinos, refletindo as representações sobre o corpo, a sexualidade, a pureza e o amor. Como fontes de pesquisas, utilizo duas cartas amorosas, escritas por diferentes homens à Dona Maria Beatriz da Silveira entre os anos de 1960 a 1970, e as recordações das experiências vividas por alguns homens puxinanaenses neste período, apreendidas em entrevistas. Na discussão a seguir, analiso a produção discursiva sobre o corpo masculino, a qual buscava educar o homem para ser viril e corajoso, que não deveria abalar-se nem mesmo com a desonra contra ele cometida.

### 1. “Homem de verdade”: a produtividade discursiva do homem viril

[...] em ambientes onde a virilidade, também é sinônimo do controle emocional, a ternura e a suavidade são reprimidas e, alguns casos, até completamente suprimidas, pois são vistas como componentes simbólicos de um universo depreciadoramente considerado ‘feminino’ [...] (BARBOSA, 1998, pp. 321 a 343)

Assim, tinha-se uma grande preocupação por parte das famílias em controlar as emoções, a ternura e a suavidade de seus filhos para que os mesmos não pudessem ser associados aos homens afeminados, como podemos observar na fala de Manoel<sup>26</sup> (2014, 71 anos): “[...] na minha casa a gente não podia demonstrar nenhum tipo de sentimento, como tristeza, alegria, nem podia chorar porque meu pai dizia que era coisa de mulher, e filho

<sup>25</sup> Adalgicio André, 68 anos, casado, funcionário público aposentado, residente na Rua Justino Alves de Azevedo, 277, centro, Puxinanã – PB, conhecido na cidade por Didisso.

<sup>26</sup> Manoel dos Santos, 74 anos, casado, desportista aposentado, residente na Rua João Pessoa, centro, Puxinanã – PB.

homem não chorava nem era muito alegre não, pra o povo não dizer que a gente não gostava da fruta [...]”. Sendo assim, estes sentimentos foram culturalmente produzidos e compartilhados pelas famílias em relação às mulheres, visto que para os homens reservava-se a braveza, o gênio forte, a coragem e a valentia. Essas “qualidades” foram sendo construídas como maneira de diferenciar o masculino do feminino, pois ela era representada como sensível, meiga e frágil e eles os protetores da fragilidade feminina.

Não posso deixar de mencionar que na cidade de Puxinanã dizer que um homem “não gosta da fruta”, como nos ressaltou Manoel, era uma maneira de representá-lo como homossexual, e que muitas vezes eram assim denominados por simplesmente serem homens mais sensíveis do que a maioria, o que, necessariamente, não o fazia homossexual, discursos que recaíram sobre mim nos anos de 1990, por eu gostar de ajudar minha mãe nos afazeres na casa, o que era bastante reprimido pelo meu pai, que dizia: “[...] arrumar casa e lavar louça é coisa de mulher [...]”. Essa produção foi tão fortemente arraigada em Puxinanã, que na educação em minha família meus pais já nos vigiavam e por muitas vezes punia-nos com castigos e surras, para que não agíssemos daquela forma, pois era “coisa de mulher”. Escrever sobre isto traz fortes recordações tristes e de dores por lembrar-me das palavras e até mesmo das surras que levávamos como forma de reprimir certos sentimentos para não pormos em risco a honra do meu pai, e assim da minha família.

Como Barbosa (1998) ressaltou acima, há um controle sentimental muito forte sobre o homem, em que se reprimia desde o andar, o falar, até mesmo o choro, a paixão, o amor, visto que “[...] o homem num demonstrava seus sentimentos pra ninguém para não dizer que ele era mole pra enfrentar as coisas da vida [...]” (Manoel, 2014, 71 anos). O que fica claro, a partir da fala de Manoel, é que os distintos discursos reservavam ao homem, o exercício de sua virilidade e masculinidade com retidão e como uma fortaleza, mantendo “[...] seus olhos, sempre secos como a terra rachada pela falta d’água e seus gestos imperativos. Seu tom de voz deveria ser o mais alto de todos para ofuscar e transformar outras vozes em sussurros [...]” (ARAÚJO, 2011, p.110).

Na cidade de Puxinanã, em meados da segunda metade do século XX, os discursos familiares e as práticas de sociabilidades produziam sobre o corpo masculino comportamentos de virilidade aguçada e de homem corajoso, uma educação que preparava o homem a ser o provedor e o trabalhador da família, seria isto o ideal de masculinidade de meados do século passado (ARAÚJO, 2011). Logo, esta produção de discurso, segundo Albuquerque Jr. (2003), estava pautada no discurso regionalista, em que para o masculino era necessário opor-se às

mudanças perscrutadas pelo feminino como forma de preservar os valores da honra da família, assim dizendo, a honra do homem.

Neste sentido, para alguns homens puxinanaenses poder exercer suas masculinidades tiveram que cumprir com as “obrigações” a eles exigidas, isto é, trabalhar para prover o sustento da família, pois nos anos de 1960 a 1970, construiu-se a representação do homem ideal para casar, como nos assegura Tico<sup>27</sup> (2014, 69 anos) “[...] as famílias só aceitavam o casamento de suas filhas com um rapaz trabalhador que pudesse dar o sustento a família que iria formar após casar [...]”. Ou seja, acreditava-se que o “papal” do homem casado era alimentar (daí a ideia de provedor) e proteger (coragem) a sua família, pois era dever do marido e de pai “[...] prover a subsistência material da família, otimizar a reprodução física da ‘raça’ e maximizar o patriotismo da sociedade [...]” (FREIRE, 1979, p. 240), práticas estas pautadas nos discursos higienistas.

Deste modo, as práticas sexuais de homem viril em Puxinanã eram exibidas pelos relacionamentos extraconjugais e pela “reprodução” de filhos do casal, pois cabia ao homem “[...] fazer sexo pra mulher da gente ficar logo grávida porque era o jeito de mostrar a todo mundo que a pessoa era homem de verdade e também pra mulher não botar chifre, né? Porque eu ia muito pro cabaré de Sebastiana desde solteiro e continuei indo depois de casado [...]” (Didisso, 2014, 68 anos). Ficou explícita, no depoimento de Didisso (2014), a preocupação de muitos homens puxinanaenses de representarem-se socialmente como homens viris como forma de manter o controle sobre sua esposa com inúmeros filhos, o que para ele o afastaria da desonra pela traição conjugal e de demonstrar para muitos puxinanaenses que era um homem viril, o qual mantinha sua relação conjugal e suas relações extraconjugais com as “mulheres da vida” da Casa de Dona Sebastiana, relações estas vivenciadas desde solteiro, como ele nos ressaltou.

As experiências de solteiro trazidas por Didisso (2014) para o casamento fazia parte da vida cultural de muitos homens, onde se divertiam em bebedeiras e danças, nas idas e vindas à Casa de Dona Sebastiana, vivenciando as práticas sexuais “libertinas” que eram prescritas pelos discursos higienistas como levianas, visto que “[...] provocava uma série interminável de males domésticos e sociais. Podia induzir a esposa ao adultério [...] insultava a ordem social dissipando sua riqueza pessoal, sua dignidade e suas obrigações trabalhistas [...]” (FREIRE, 1979, p. 241). Todavia, não se aplicava nem a Didisso nem a outros homens a total representação do homem libertino como se via nos discursos higienistas, uma vez que

---

<sup>27</sup> Francisco Claudino, 69 anos, casado, professor aposentado, e ex-prefeito da cidade Puxinanã nos anos de 1977 – 1980, residente na Rua João Pessoa, centro, Puxinanã – PB, conhecido na cidade por Tico.

muitos homens trabalhavam e proviam suas famílias como aferimos no testemunho de Tico (2014) acima transcrito. Vejamos o que nos fala Caulfield (2000):

[...] Um homem honesto era aquele considerado um bom trabalhador, respeitável e leal; ele não desonraria uma mulher ou voltaria atrás em sua palavra. Em contraste, a honestidade feminina referia-se à virtude moral no sentido sexual [...]. (CAULFIELD, 2000, p. 77).

Neste sentido, “[...] relações sexuais, sim, mas com uma condição: dentro do casamento, lugar privilegiado para o amor. O ato sexual sem essa condição era considerado leviano e doentio [...]” (ESTEVES, 1989, p.54), o que representa que a vida extraconjugal era criticada pelos discursos higienistas “[...] por expor de modo temerário ao contágio das doenças venéreas [...], pois as doenças contaminavam as mulheres e degradavam a descendência [...]” (FREIRE, 1979, p.241). Logo, a sexualidade “liberta” das “mulheres da vida” da Casa de Dona Sebastiana, para alguns homens “levianos” esteve associada “[...] às mulheres que não têm problemas em trair os maridos, ou não têm relacionamento fixo, não procuram casamento e buscam sexo e prazer [...] servem somente para diversão [...]” (SELIGMAN, 2000, p.03).

A produção discursiva e a prática de sociabilidade de homem viril ao que tudo indica foram fortemente vivenciadas por muitos homens puxinanaenses, a exemplo de meu pai, que foi educado para exibir socialmente sua virilidade e sua masculinidade com as “noitadas” na Casa de Dona Sebastiana e pela fidelidade de minha mãe. E foi a partir desta educação e de suas práticas de sociabilidades, que o mesmo foi nos pedagogizando para nos tornarmos homens viris, o que para mim não foi muito fácil, pois diferente de meus irmãos, na minha adolescência não gostava de sentar em rodas de amigos, nem de beber e ainda era “virgem”, o que para meu pai era alvo de desconfiança e críticas. Ouvi muitas vezes o mesmo gritar que iria me levar em um cabaré em Campina Grande próximo a Central da Cagepa, empresa de Água e Esgoto da Paraíba, onde ele trabalhava, para que eu pudesse por em prática a minha virilidade “[...] porque filho meu não é viado [...]” (Adelgício André de Araújo, 68 anos, meu pai), uma vez que “[...] o homem solteiro que fosse virgem estava colocando em suspeita sua masculinidade [...]” (ARAÚJO, 2011, p.42).

Eram práticas cotidianas dos pais levarem seus filhos à Casa de Dona Sebastiana nos anos de 1960 a 1970 para que os mesmos pudessem “[...] desfrutar do prazer de fazer sexo [...]” (Aristides Eloi, 2014, 67 anos), uma forma de pedagogizar o filho. Práticas estas

vivenciadas pelo meu pai e postas em prática nos anos 90 sobre a pedagogização dos nossos corpos, para que nós pudéssemos honrá-lo com nossas virilidades. Entretanto, ele entrava em constantes conflitos com minha mãe, pois a mesma não aceitava as atitudes e as palavras ditas por ele referente à minha pessoa. Assim, a virilidade e a coragem do homem também eram vivenciadas nas relações de gênero dentro da casa, onde muitos homens puxinanaenses exerciam por meio de práticas cotidianas o controle dos desejos e atitudes de suas esposas, bem como de seus filhos e, principalmente, de suas filhas, representando a autoridade do masculino sobre o feminino.

Nesta perspectiva, o corpo da mulher era um corpo desautorizado pelo masculino, quando casada à autoridade do marido sobre a esposa, como foi o caso do meu pai sobre minha mãe, o que pude vivenciar, estava voltado para a mulher conservar a honra de seu esposo com a fidelidade, o que as diferenciava das representações do homem, que quando solteiro se mantivesse virgem era colocado em suspeita sua virilidade, como assim pude experimentar da educação do meu corpo, e quando casado se o homem fosse infiel não mancharia a sua honra, pois esta residia sobre sua esposa, pelo contrário fortalecia a representação social de sua virilidade como aferimos acima no depoimento de Didisso (2014).

A pedagogização do corpo masculino se dava por meio de práticas pedagógicas, visto que acabavam por delinear os lugares do público como sendo seus. Essa pedagogização era praticada também pelo processo de subjetivação de seus corpos e posta em prática pela educação familiar e pelas relações de sociabilidades de homens e mulheres, onde para a mulher resguardava-se aos lugares do privado, em que sobre vigilância era preservada sua pureza e sensualidade, mas, como vimos no primeiro capítulo, que algumas destas mulheres burlavam esses códigos a elas direcionados.

## 2. As festas como práticas de sociabilidade

As festas na cidade de Puxinanã nos anos de 1960 a 1970, a Festa de Padroeira e a Festa Junina, eram de práticas de sociabilidades pelas quais havia a vigilância e o controle das famílias, pois tanto as moças como os rapazes ficavam sob os olhares dos pais para que eles e elas não pusessem em risco a honra da moça (a virgindade) e a honra de seu pai. Logo, vemos que recaía sobre as moças o fardo de seguir regras e as normas de comportamentos rígidos, porém, os jovens usavam de sutis astúcias para burlar a normatização produzida sobre seus corpos, ficando de mãos dadas com seus namorados e até mesmo os beijando, mas buscando sempre fugir dos olhares protetores das famílias, como nos apresenta Tico (2014, 69 anos):

[...] Nos anos de 1960 não existia a festa de São João que tem hoje em dia. Em Puxinanã era realizada entre a segunda quinzena de outubro e a primeira de novembro a Festa de Padroeira, além das barracas de jogos e parque de diversões. A festa se concentrava no pavilhão onde havia a eleição da Rainha e da Princesa da festa, tinha a apresentação do Pastoril dividido em duas cores o azul e o encarnado (vermelho), e não podia deixar de ter as paqueras, os olhares e até mesmo as escapadinhas da gente e das namoradinhas, porque os pais das moças ficavam de olho em tudo que fazíamos [risos] pra não sairmos da linha e desonrar uma moça. Mas a gente era danado e sempre conseguia disfarçar, pegar na mão e dar uns cheirinhos nas namoradas sem os pais verem [...] (TICO, 2014, 69 anos).

Não diferente das cidades interioranas brasileiras, na cidade de Puxinanã as festas de Padroeira eram considerados por muitos o evento do ano, pois eram a partir destas festividades que as moças acreditavam na possibilidade de conseguir um namorado e até quem sabe o futuro marido. Entretanto, tinha-se que obedecer às ordens e aos códigos de comportamento prescritos pelas famílias para que a moça pudesse demonstrar sua sensualidade e pureza de uma moça honrada e os rapazes com a postura de um homem trabalhador e de respeito, características fundamentais em meados do século XX, para um bom provedor familiar. Assim, é perceptível na fala de Tico (2014) que os rapazes eram controlados, disciplinados e pedagogizados, de maneiras diferentes das moças, visto que eles “[...] não passavam por essa experiência de disciplinarização [...]” (ARAÚJO, 2011, p.85) que as moças passavam.

Puxinanã recebia muitos munícipes de cidades vizinhas como Juarez, da cidade de Montadas, que dançou a valsa com Maria Beatriz da Silveira no Baile de sua Coroação como princesa da festa em 1970. Eram visitantes da cidade de Campina Grande, Pocinhos, Lagoa Seca, João Pessoa, entre outras, e dentre essas visitas, estavam famílias com seus filhos e filhas, políticos, filhos destes políticos e demais rapazes, o que estimulava moças e rapazes puxinanaenses a planejar roupas, comprar calçados novos em busca de “[...] arranjar uma paquera [...]” (Didisso, 2014, 68 anos), o que não se distancia muito das minhas experiências de adolescência e até mesmo de adulto, pois em cidades pequenas tendem a reproduzirem algumas práticas do passado como forma de preservar a ordem e a boa conduta dos moradores. Em Puxinanã tem como resquícios das décadas de 1960 a 1970 a Festa de Padroeira com algumas continuidades, mas também com rupturas e ressignificações, como pode ser observado no depoimento de Aristides Eloi (2014, 67 anos):

[...] eram festas maravilhosas, muito diferentes de hoje. Era uma forma de a gente conhecer as moças da cidade e de outras que vinham pra festa e assim paquerarmos. Mandávamos recadinhos pra marcamos uma escapadinha do pavilhão. Nossos pais passavam a noite em longas conversas e bebendo. Era festa de tradição com pavilhão, moças bem vestida, com fogos, bandas de orquestra. A gente acordava logo cedo com alvorada. Era a coisa mais linda, hoje é diferente tem pouca coisa de antigamente, nem alvorada tem mais, onde o povo saía na frente das casas e aplaudia aquele festejo todo [...] (Aristides Eloi, 2014, 67 anos).

Observamos a partir da fala de Aristides Eloi, que as festas eram um dos meios onde as práticas de sociabilidades se produziam com as relações de gênero, entre as paqueras dos jovens, as rodas de conversas e bebedeiras das famílias. É clara a comparação que o depoente faz em relação às festas de quando o mesmo era jovem em detrimento as festas de agora. As palavras de Aristides nos apresentam suas memórias e saudades de quando paquerava as moças e conheciam novas pessoas como, por exemplo, na festa de padroeira também se tinha a oportunidade de conhecer e deixar ser conhecido por visitantes de outros municípios. Não podemos deixar de notar nas recordações de Aristides as diferenças que o mesmo constrói em sua fala de como eram as festividades de minha cidade nos anos de 1960 a 1970, onde se tinha as bandas de orquestras que embalavam a festa e as relações dentro e fora do pavilhão como, por exemplo, as burlas de muitos rapazes e moças para fugirem dos olhares vigilantes e do controle das famílias.

Embaralhado com as palavras de Aristides fui muitas vezes levado a representar e a experimentar em pensamentos e sonhos, as festas de Padroeira de Puxinanã, onde acordei por vezes às cinco horas da manhã com sentimento de estar escutando uma alvorada a passar em minha rua. Deixei-me embalar pelas palavras dos meus depoentes como os mesmos eram embalados pelas bandas de orquestras que animavam os pavilhões com o intuito de construir e escrever as representações que os mesmos fazem, por meio de suas memórias, das práticas de sociabilidades por eles vividas e experimentadas nas Festas de Padroeira dos anos de 1960 a 1970. Vejamos o que nos diz Didisso a partir de suas recordações sobre as festas na cidade de Puxinanã:

[...] A festa de padroeira acontecia na Rua João Pessoa e na Rua Rômulo Campos, principais ruas de Puxinanã naquele tempo. A gente ficava em grupo de rapazes, bebíamos e ficávamos falando das moças que subia e descia as ruas com aquelas roupas no joelho, bem arrumadas, cheirosas, sorridentes e elegantes. Tinha vez que quando não tinha ninguém vendo a gente ia e aproximava delas pra conversar e namorar [...] (Didisso, 2014, 68 anos).

É perceptível na fala de Didisso, que a aproximação dos homens e mulheres era possível, mesmo em meio à vigilância de suas famílias, pois por meio de recadinhos comunicavam-se uns com os outros em busca de encontrarem-se fora do Pavilhão e quem sabe a moça permitiria o rapaz pegar em sua mão e até mesmo deixar ser beijada, uma vez que “[...] era uma forma de praticar os desejos e dá uma “atiçada na honra” [...]” (ARAÚJO, 2011, p.86). Assim, eram nas festas de padroeira que as moças e os rapazes puxinanaenses tinham possibilidades de por em prática as intimidades e os desejos vigiados nos namoros nas salas das casas, ou para quem ainda não namorasse era a oportunidade de flertar, de demonstrar interesse por alguém, como nos assegura Esteves (1989, p. 140) que o flerte “[...] era um conjunto de olhares e gestos, significando interesse por alguém [...]”.

Contudo, este flerte se dava a partir da sensualidade e da pureza das moças, pois as moças não podiam tomar a iniciativa de namorar um rapaz para não ser confundida como uma “mulher fácil”, ela tinha que deixar o homem entender que era ele que estava a seduzindo, visto que “[...] o homem era considerado o caçador, enquanto a mulher era considerada a caça [...]” (ARAÚJO, 2011, p. 89). Logo, era pela sensualidade e por seus gestos de mulher pura que muitas mulheres seduziam alguns homens puxinanaenses, o que consideramos como sendo “[...] a teatralização da sedução entre o masculino e o feminino, marcada por educação, na qual o masculino era considerado ativo e o feminino passivo [...]” (ARAÚJO, 2011, p.88),

em que ela deveria deixar transparecer que ele estava seduzindo-a e não ela seduzindo ele, para que não ficasse mal falada, buscando deixar claro o domínio do masculino sobre o feminino.

### 3. A sensualidade e a pureza feminina nos discursos masculinos

Em Puxinanã, “[...] as mulheres seduziam a gente com aqueles vestidos, com o jeito de andar e de falar [...]” (Aristides Eloi, 2014, 67 anos), mas que cabia ao homem o “papel” de conquistar a moça e até mesmo iniciar o namoro, pois isto fazia parte dos códigos de comportamentos e do manual da boa conduta da moça honrada na cidade, visto que, se a moça porventura tomasse a atitude de conquistar e/ou iniciar o namoro, ela se tornava, nas “bocas miúdas” da cidade, uma “mulher da vida”, o que colocava sua honra em desconfiança e manchava o nome de sua família. Porém, em meio a essa sedução feminina o homem deveria controlar os seus desejos para que não caísse na tentação, porque a mulher, “[...] usaria de todos os estratagemas para arrastar o homem para a cópula, para a carne [...]” (SCHOPENHAUER, apud, ARAÚJO, 2011, p.89). Vejamos o que nos diz BAUMAN (2004, p.12) sobre desejo:

[...] Desejo é a vontade de consumir. Absorver, devorar, ingerir e digerir – aniquilar. O desejo não precisa ser instigado por nada mais do que a presença da alteridade. [...] O desejo é um impulso que incita a despir a alteridade dessa diferença; portanto, a desempoderá-la. Provar, explorar tornar familiar e domesticar [...].

Deste modo, o homem a partir de seu desejo, desta vontade de experimentar, de provar, deveria controlar seus impulsos quando se referia à mulher, na relação com o Outro, para não cometer o ato de desonrar a moça e sua família, pois este desejo era contaminado pela sensualidade das moças e pela pureza que as mesmas carregavam em seu corpo, isto é, a virgindade. Assim o desejo que os homens sentiam pelas moças puxinanaenses precisava ser

controlado e preparado, o que envolvia o processo de subjetivação de seus corpos e os cuidados sobre suas atitudes, sobre o seu comportar-se para que os pais das moças não os confundissem com homens libertinos, levianos.

Mesmo neste jogo de sedução, a mulher tinha que exercer sua feminilidade preocupando-se com sua reputação, pois ao “[...] subir e descer a rua da festa, a gente observava todo o jeito delas, como andava, nos olhava, falavam pra ver se não era muito espalhafatosa, se usava roupas compostas e maquiagem, e com quem ela andava, se eram moças direitas, aí a gente investia no namoro [...]” (Manoel, 2014, 71 anos). O que recaía sobre as moças uma maior atenção e vigilância, uma vez que a virgindade era o meio de sua valorização e da honra familiar, pois o aproximar do suposto pretendente se daria a partir de conjunto de “atrativos” que representaria uma mulher honesta e pura, como nos apresenta Aristides (2014,67 anos):

[...] todos admiravam, as pessoas tinham muito respeito, já que naquele tempo as moças se vestiam de roupas compostas, vestidos longos, às vezes quando vento passava era ali que os homens podiam ter o prazer de ver as pernas da mulher e a sensualidade delas [...] (Aristides Eloi, 2014, 67 anos).

Com o depoimento de Aristides Eloi (2014), percebemos que os homens eram seduzidos pelos “atrativos” do corpo das moças, isto é, pelo modo de andar, pelo vestir-se, pelos cabelos, pelos olhares, pelos gestos, pelos movimentos dos quadris e claro pelo seu rosto limpo, o que caracterizava sua pureza, aguçando nos rapazes fortes desejos de prazer como, por exemplo, ao ver o vento levantar o vestido das moças e mostrar suas pernas. Assim, a “fraqueza” de alguns homens puxinanaenses estava na sensualidade e na pureza feminina, pois se deixavam seduzir pelas curvas do corpo feminino escondido embaixo dos vestidos, o que fugia de seu controle masculino, ou seja, de sua autoridade.

Os homens, a partir de Manoel, ficavam na espreita como um caçador analisando sua caça, visto que os mesmos observavam desde o modo de andar, de falar até o de vestir das moças para assim partirem para o “bote”, ou seja, para a conquista, pois aos homens e as mulheres aconteciam o mesmo processo, a paquera, para depois chegar a pedi-la em namoro. O que os diferenciava é que o homem tinha a “liberdade” social de empreender o namoro, já a moça reservava-se a espera em ser “caçada”, isto é, a pedagogização produzida sobre seu corpo era que a mesma tinha de se recatar e aguardar que o homem tomasse a atitude de enamora-la, para que não ficasse “mal falada”.

É notório que os gestos que remetiam a sensualidade e a pureza feminina chamavam a atenção de muitos homens puxinanaenses como nos foi apresentado. Mas o que mais me deslumbra é a representação feita por estes homens, e apreendidas em entrevistas, sobre a sensualidade feminina presentes no andar, no falar calmo e delicado para não considerá-las mulheres afeitas a libertinagens dos homens; e sobre a pureza, como nos revela Manoel, que era por eles observada no modo do olhar “ingênuo” de uma virgem, de suas companhias para assim eles partirem para a conquista, pois em Puxinanã “[...] meus pais sempre dizia: Quer saber se uma moça é direita? Olha como se comporta na rua longe de seus pais e com quem ela anda, aí você vai saber se ela serve pra você casar [...]” (Didisso, 2014, 68 anos).

Assim, cabia às moças dar-se o respeito para que os homens seduzidos pudessem falar-lhe em namoro e isto ocorreria mediante a preservação da honra, ou seja, da virgindade, de conservar-se pura até o casamento, porque “[...] naquele tempo, isto era visto com muito valor, as moças eram admiradas pela sua pureza, delicadeza e sensualidade [...]” (Aristides Eloi, 2014, 67 anos). Logo, vemos que a espreita dos homens com o comportamento na rua das mulheres era bem mais forte do que na casa, como vimos no depoimento do pai de Didisso ao mesmo, que se deve observar o comportar-se da mulher e de suas companhias para enamora-la e, quem sabe, casar.

Fica claro que a sensualidade e a pureza feminina como outrora visto, estava na virgindade, pois analisando as falas dos entrevistados percebo que a sensualidade partia do respeito que a mulher construía através de sua pureza, pois “[...] havia pouca divulgação do corpo da mulher [...]” (Tico, 2014, 69 anos), o que desperta desejos e até mesmo prazeres como vistos na abertura desta discussão. Ainda podemos aferir que a virgindade da mulher era uma questão de honra para seus familiares e para aquele que seria o “escolhido” para casar.

Neste sentido, a sensualidade e a pureza feminina foram também pedagogizados sobre o corpo da mulher, onde a delicadeza e a ternura do andar, a maneira sutil de vestir-se, e a forma ingênua de olhar e falar foi cuidadosamente produzida pelas famílias e pelas práticas de sociabilidades com o intuito de preservar os valores da honra com a honestidade feminina, a qual se associava a honra do homem, o qual era seduzido pelo cheiro, pela beleza das moças e pelas pernas mostradas no levantar do vestido com um vento forte. Aspectos que aguçava o desejo e os namoros e amores proibidos como, veremos a seguir.

#### 4. Amor proibido e às vezes escondido: esse que era gostoso

[...] Em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro. É isso que faz o amor parecer um capricho do destino – aquele futuro estranho e misterioso, impossível de ser descrito antecipadamente, que deve ser realizado ou protelado, acelerado ou interrompido. Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo num amálgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora no Outro, o companheiro no amor [...] (BAUMAN, 2004, p.11).

A culminância do amor se dava no altar com a famosa frase proferida pelos noivos: “até que a morte nos separe”. Porém, quando se tratava dos namoros às escondidas ou de um amor proibido pela família, era jogar-se ao destino de que aos poucos a família aceitaria ou de que uma vez desonrada, o rapaz iria honrá-la novamente casando-se com ela e assim “limparia” o nome manchado, o que também fazia surgir nos jovens o medo de serem vistos ou pegos em atos considerados obscenos para a época e para uma “moça de família”. Sendo assim, o namoro já era sinal de um compromisso amoroso, por isso da aceitação e autorização da família para que os jovens pudessem ou não namorar, mas quando não tinha a permissão, os jovens com astúcias se encontravam às escondidas ou trocavam cartas e poemas amorosos, o que cada vez mais aguçava o desejo em ambos. Com relação a namorar escondido, nos revela Zé Araújo<sup>28</sup> (2014, 70 anos) que:

[...] quando eu namorei Marli os pais dela não aceitavam então ela foi obrigada a terminar o namoro comigo, daí eu disse a ela que dava pra gente namorar e se encontrar escondido, nas festas, na hora da missa, na escola, e que com o tempo eles iam deixar e se não deixasse a gente fugia pra morar junto. Então ela aceitou e pense que namorar escondido era mais gostoso do que liberado pelos pais [risos] [...].

Percebemos aqui as práticas que o jovem casal usava para burlar a ordem dos pais de Marli em não namorar Zé de Justo, encontrando-se às escondidas e ainda a audaciosa proposta de fugir caso não viessem aceitar o namoro dos dois. Uma equação dos dois por um futuro incerto e misterioso, mas que os instigavam e os aguçavam em meio aos medos de namorarem

---

<sup>28</sup> José Freire de Araújo, 70 anos, casado, aposentado rural, residente na Rua Floripes Coutinho, centro, Puxinanã – PB, é conhecido por Zé de Justo, Zé abreviação de seu nome José e Justo era o nome de seu pai.

escondidos e nutrirem um amor proibido, o qual para ele era mais gostoso que aquele normatizado e vigiado pelas famílias.

O namoro era um compromisso sério e firmado perante a aceitação da família, onde a moça não deveria ficar em nenhum momento às sós com o rapaz, porque as carícias e beijos só deveriam ocorrer depois do casamento, isto é, manter os corpos distantes um do outro era a maneira pela qual a família buscava preservar a sua honra no corpo de sua filha, mantendo-a virgem. Porém, o forte controle e a rígida vigilância faziam muitas vezes o jovem casal às escondidas “[...] dar umas escapadinhas pra nos beijar, abraçar e uns amasso pra gente sentir o corpo um do outro pra saber como era, porque na casa dela não dava nem pra pegar na mão que os pais não deixavam [...]” (Dema<sup>29</sup>, 2014, 68 anos).

Aferimos com o relato de Dema, que o proibido aguçava curiosidades e desejos. Desejos de beijar, de abraçar e de “sarrar<sup>30</sup>” (como é popularmente conhecido por nós) e a curiosidade sentir o corpo desse Outro, do companheiro no amor, mas que deviam manter o controle para não ferir e macular a honra da moça, o que indicava que o rapaz seria o homem ideal para ser seu esposo, pois a respeitava, a protegia, e acima de tudo era romântico. Embora o mesmo, por meio do processo de subjetivação de seu corpo, tivesse que controlar seus desejos, os quais foram educados para ter uma vida sexual livre e ativa: “[...] não é sem razão que muitos pais levavam os filhos rapazes para os prostíbulos para mostrar o que era “ser homem” [...]” (ARAÚJO, 2011, p.72) como o meu pai tentou fazer comigo nos anos de 1990.

Nesta perspectiva, percebemos que o corpo foi historicamente produzido por subjetividades praticadas através do comportar-se de homens e de mulheres, desde o sentar, o falar, o vestir, como também pelo desejo e pelo prazer, visto que o corpo era subjetivado, mas outras formas de subjetivação eram inventadas como as novas maneiras de burlar a produtividade discursiva sobre seus corpos como, por exemplo, os encontros às escondidas onde as intimidades proibidas eram postas em práticas. Porém, a produção discursiva era tão fortemente construída que mesmo as escondidas não se praticava o sexo, porque:

[...] amar não era se abandonar. É bom não esquecer que os adultos dos anos 60 foram educados por pais extremamente conservadores. [...] A ideia de que os casais, além de amar, deviam ser sexualmente equilibrados. [...] O culto a pureza que idealizava as mulheres reforçava a distância entre os casais [...] As mulheres, desejosas de passar de noivas a casadas e mães, submetiam-se à restrições [...] (DEL PRIORE, 2011, pp. 83 – 84).

<sup>29</sup> Ademar da Silva, 68 anos, casado, proprietário de uma oficina de carros, residente na Rua Justino Alves de Azevedo, 275, centro, Puxinanã –PB, conhecido por Dema da Oficina.

<sup>30</sup> “Sarrar”: Se esfregar em outra pessoa, geralmente insinuando sexo. (<http://www.dicionarioinformal.com.br/sarrar> visitado em 02/02/2015).

Neste sentido, mesmo com as astúcias dos jovens em burlar as ordens dos pais e os códigos de comportamentos produzidos em Puxinanã, tinham o receio e a vergonha de manchar o nome da moça e de sua família, buscavam controlar, por muitas vezes, seus desejos. A vergonha era uma maneira de controlar socialmente os jovens, principalmente, os jovens que deviam manter a própria disciplina sobre si mesma, visto que “[...] a mulher que chegasse a ter desejos sexuais antes do casamento poderia ser acometida de problemas de saúde ou ‘desvio sexual’, como a prostituição [...]” (ARAÚJO, 2011, p. 57).

Embora houvesse prudência nos encontros às escondidas, vimos que a pedagogização dos corpos, tanto do feminino como do masculino, em Puxinanã nos anos de 60 e 70, ia sendo aos poucos burlada pelas carícias e pelos beijos às escondidas dos namorados e até mesmo pelo namoro proibido, pelas trocas de cartas e recadinhos, mesmo sob a vigilância e o controle da família. Logo, foi a partir destes encontros proibidos que muitas mulheres e até mesmo alguns homens puderam conhecer a si mesmo e ao Outro, o que em alguns casos perdia-se o controle dos desejos e acabava por incitar a prática do sexo antes do casamento, a chamada desvirginização da mulher, e o rapaz era obrigado a casar na “marra”<sup>31</sup>.

## **5. Entre casar ou fugir: o defloramento da moça**

Preservavam-se culturalmente os valores da honra por meio da virgindade feminina, o que acabou por construir como contraponto destes valores a mulher desonesta, “mal falada”, deflorada (ESTEVES, 1989), desvirginada. Aspectos que eram lamentáveis para uma moça de família, visto que diante da produtividade discursiva e das práticas de sociabilidade puxinanaenses, a mesma agora se tornara uma “mulher fácil”, uma “mulher da vida”, ao menos que o seu “deflorador” a honrasse com o casamento, pois “[...] uma mulher sem virgindade não tinha como zelar e respeitar a honra do pai ou do marido [...]” (ARAÚJO, 2011, p.71).

A partir de Esteves (1989), percebemos que a virgindade era a representação da família honesta e honrada. O que podemos aferir nas palavras de Aristides Eloi é que havia

---

<sup>31</sup> Nos anos de 1960-70 em Puxinanã denominavam os casamentos forçados, ou seja, obrigados pelas famílias como casar na “marra”.

uma preocupação por parte dos pais em acompanhar todo o processo do namoro como forma controlar e vigiar a virgindade da filha, uma vez que a honra era o maior orgulho do homem. Sendo assim, quando ocorria o ‘descontrole’ dos desejos pelos jovens, através da prática do sexo antes do casamento, o rapaz era logo “obrigado” a casar, pois “[...] o defloramento era considerado um crime, tinha cheiro de sangue, mas não deveria ser punido com as próprias mãos [...]” (ARAÚJO, 2011, p. 72), e sim devia casar “na marra” como era conhecido os casamentos em que “[...] o rapaz “tirava a virgindade” da moça [...]” (Didisso, 2014, 68 anos). Como ainda nos diz:

[...] Naquela época, as moças eram todas virgens, e por isso os pais assistiam os namoros. Não podia demorar muito tempo de namoro, os pais insistiam em perguntar quando seria o casamento. Se fizessem algo errado com as namoradas [sexo], era obrigado a casar ou tinha que fugir para bem longe com medo de represália [...] (Didisso, 2014, 68 anos).

Entretanto, como nos apresenta nosso depoente, muitos rapazes preferiam fugir a casar-se forçado, até porque caso ousasse em continuar na cidade poderia ser acometido de represália se não viesse a casar. Com a fuga, o rapaz acabava por difamar a moça, que ficava “falada” e até mesmo entrava para a prostituição como nos assegura Aristides Eloi (2014, 67 anos): “[...] tinha algumas delas que se o namorado não casasse ou casasse e da porta da igreja fosse embora, algumas mulheres iam para o cabaré porque ninguém queria mais uma mulher usada [...]”. Como foi o caso de Emília que Zé de Justo nos narrou:

[...] quando Emília perdeu a virgindade com um amigo meu, os pais dela obrigou ele a casar e ele disse: eu caso, mas num vivo com ela. Daí o pai dela disse: é uma honra pra mim você, casar seu cabra safado! E fizeram o casamento dos dois, mas da porta da igreja ele foi embora e nunca mais voltou em Puxinanã e o pai dela expulsou de casa [...] (Zé de Justo, 2014, 70 anos).

Quando um rapaz deflorava uma moça e não a honrava com o casamento a mesma ficava “mal falada” e muitas entravam para a vida da prostituição como foi o caso de Emília, visto que a mesma foi morar e trabalhar na “Casa de Dona Sebastiana” como uma “mulher da vida”, como iremos nos aprofundar no próximo capítulo. A honra para o homem, a partir dos relatos aqui transcritos, estava no corpo da moça virgem e pura; e quando casada, da fidelidade dela ao seu esposo, mesmo quando o mesmo não correspondia com a sua

fidelidade. O homem era criticado socialmente como “safado”, no instante que não assumia seu nome de homem honrado em cumprir com os códigos de comportamentos deles exigidos, uma vez que quando “[...] tirasse a honra de uma moça era uma regra, uma ordem até mesmo de seus pais em assumir o que fez e, casar com a moça [...]” (Aristides Eloi, 67 anos).

Observo que o fugir do masculino era uma prática que contrariava os interesses da boa conduta e da ordem social, pois manchava a honra da moça e de sua família. “Casar amarrado” era a maneira pela qual os pais com a honra de sua família ferida pressionavam o rapaz a casar, visto que cabia ao homem “[...] manter a honra da moça, assumindo que tirou sua virgindade e ao mesmo tempo manter o seu nome como honrador dos compromissos sociais e morais [...]” (ARAÚJO, 2011, p.95). Porém, isso não ocorria em todos os casos, uma vez que percebemos nas falas de nossos depoentes que algumas das “mulheres da vida” da “Casa de Dona Sebastiana” adentraram na prostituição devido a sua desvirginização, e com a expulsão de casa feita por sua família, buscavam amparo no cabaré como observamos no caso de Emília, que não teve o seu casamento mantido com a fuga de seu “esposo”. Esses acontecimentos levavam estas moças a sentir o amargo de amar, enquanto outras se deleitavam nas escritas de cartas e de poemas a elas enviadas por homens apaixonados.

## **6. Cartas e Poema: a representação da intimidade nas escritas masculinas**

Com a rígida vigilância dos pais sobre suas filhas e com os fortes códigos de comportamentos direcionados aos jovens, muitos rapazes buscavam por meio da escrita de cartas e de poemas burlarem as prescrições e o controle das famílias para aproximarem-se das suas amadas e conquistá-las com o “jogo de palavras sedutoras”, as quais expressavam os interesses e desejos para com a moça, buscando construir nas suas escritas representações sobre o amor, a beleza, a sedução e o prazer, pois “[...] trata-se de escrita de si, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta [...]” (MALATIAN, 2012, p.197).

As cartas aqui apresentadas fazem parte do arquivo pessoal de Maria Beatriz da Silveira, as quais nos possibilitam analisar a representação que alguns homens faziam sobre o corpo feminino, a sensualidade das moças, o vestir-se, o embelezar-se, o namoro, o desejo e o

amor, nos ressaltando as intimidades reprimidas pela vigilância e controle das famílias. Vamos ler a carta enviada à Maria Beatriz por um jovem rapaz da cidade de João Pessoa que esteve em 1968 na cidade de Puxinanã a passeio:

João Pessoa, 26 de julho de 1968.

Amável Beatriz:

Aproveito a ida do colega a Campina Grande, para lhe remeter esta carta, a qual talvez lhe surpreendendo, esclarecerá o que na realidade existiu em mim, no período em que nos avistávamos. Seus olhares nunca me negaram um nítido convite à aproximação e talvez ao namoro, a não ser que eu tenha me enganado, coisa que acho difícil. Deveria a muito tempo ter-lhe falado pessoalmente, mas não vi nenhuma oportunidade definida; sempre que a avistava era acompanhada com amigas e não gosto de falar com uma moça pela primeira vez, na presença de outras.

João Pessoa, 26 de julho de 1968.

Amável Beatriz:

Aproveito a ida do colega a Campina Grande, para lhe remeter esta carta, a qual talvez lhe surpreendendo, esclarecerá o que na realidade existiu em mim, no período em que nos avistávamos.

Seus olhares nunca me negaram um nítido convite à aproximação e talvez ao namoro, a não ser que eu tenha me enganado, coisa que acho difícil. Deveria a muito tempo ter-lhe falado pessoalmente, mas não vi nenhuma oportunidade definida; sempre que a avistava era acompanhada com amigas e não gosto de falar com uma moça pela primeira vez, na presença de outras. Nesta parte considero-me tímido e aprecio esta minha timidez, pois a "fala namora" a moça" para mim, é coisa fina e delicada, por isso sempre me procurei antes de realizar tal ato.

Agora que realizei que estive em Campina Grande sinto-me culpado e arrependido e ao saber que não voltarei mais, a timidez habitou minha alma e o remorso me curva a cabeça.

Meu consolo é saber que "nunca é tarde para se feliz". Na realidade se tiver de ser miminho, não há desistência que não se faça. E agora se despede

Nesta parte considero-me tímido e aprecio esta minha timidez, pois o "falar namorar à moça" para mim, é coisa fina e delicada e por isso sempre me precavi antes de realizar tal ato.

de você, se realmente me deseja como namorado, nos cumos a ausência e caminhar para um futuro onde nos encontrarmos e nos uniremos até que a morte nos separe.

Achei em você um tipo agradável, alegre e sorridente, juntando assim, as qualidades de uma verdadeira companheira que afagará as amarguras de uma vida masculina.

Espero sentir o prazer de apertar suas acariciadoras mãos, afagar os seus louros e encantadores cabelos e fitar os seus lindos e meigos olhos; só assim viveréi num ambiente tranquilo e feliz, onde meu espírito permanecerá num mundo de alegria, beleza e amor.

Talvez não acredite: são precisamente duas horas e quarenta minutos da madrugada do sábado; estou de serviço, só, a pensar em você; espero que leia esta mais tarde e que ao respondê-la, não esqueça de que minha única consolação no momento, é ter quase a certeza de que os minutos que aqui passo a olhar as paredes do quartel serão os minutos que passarei a admirar seu lindo rosto, seus atraentes olhos e seus encantos caldosos que farrão em raras da natureza.

Não tema a distância que há entre nós, pois se realmente quiser me amar, venceremos a distância e caminhar para um futuro onde nos encontrarmos e nos uniremos até que a morte nos separe.

como interrupção do nosso amor, pois "o amor vence tudo".

Aqui se despede seu futuro namorado, permita que essa seja considerada o- gulloramente.

João de Deus

(Nunca mais)

Agora que soube que viajou a Campina Grande sinto-me culpado e reprimido e ao, saber que não voltas mais, a tristeza habita minha alma e o remorso me curva a cabeça.

Meu consolo é saber que "nunca é tarde para ser feliz". Na realidade se tiver de ser minha, não há distância que nos separe. E agora só depende de você, se realmente me deseja como namorado, venceremos a ausência e caminhar para um futuro onde nos encontrarmos e nos uniremos até que a morte nos separe.

Achei em você um tipo agradável, alegre e sorridente, juntando assim as qualidades de uma companheira que afagará as amarguras de uma vida masculina.

Espero sentir o prazer de apertar suas acariciadoras mãos, afagar os seus louros e encantadores cabelos e fitar os seus lindos e meigos olhos; só assim viveréi num ambiente tranquilo e feliz, onde meu espírito permanecerá num mundo de alegria, beleza e amor.

Talvez não acredite: são precisamente duas horas e quarenta minutos da madrugada do sábado; estou de serviço, só, a pensar em você; espero que leia esta mais tarde e que ao respondê-la, não esqueça de que minha única consolação no momento, é ter quase a certeza de que os minutos que aqui passo a olhar as paredes do quartel serão os

*muitos anos que passarei a admirar teu lindo rosto, seus atraentes olhos e seus amáveis cabelos que jamais me sairão da memória.*

*Não tema a distância que hora nos afasta, se realmente tendes a me amar, venceremo-la como também a outros obstáculos que se nos apresentar como interrupção do nosso amor, pois “o amor vence tudo”.*

*Aquí se despede seu futuro namorado, permita que assim me considere orgulhosamente.<sup>32</sup>*

Ao analisar uma carta devemos levar em conta o seu caráter subjetivo e que segundo Perrot (1991) as cartas representavam a vida privada associada aos códigos de comportamentos e a boa conduta na relação de gênero, as quais nos apresentam e nos revelam as intimidades de moças e rapazes reprimidas pelas famílias e pelas práticas de sociabilidades, em que (re) produziam a pedagogização do corpo feminino e do corpo masculino, em que os valores da honra recaíam sobre a mulher com sua virgindade e fidelidade e sobre o homem com a virilidade.

Busquei analisar duas cartas escritas por distintos homens para me aproximar da representação dos valores da honra que alguns homens por meio das entrevistas iam construindo a partir de suas experiências e recordações das suas relações amorosas com algumas mulheres puxinanaenses. Assim, é notório na carta acima transcrita que o autor nutria desejos de intimidade e de namoro para com Maria Beatriz da Silveira, apresentado por meio de suas palavras sentimentos e anseios de um amor que porventura poderia não ser correspondido.

Já no segundo parágrafo da carta, o mesmo nos mostra que os homens, como ele, eram seduzidos pela sensualidade e pureza das moças, visto que era a partir desta sedução que o homem se encorajava em partir para a conquista da moça, mas que por muitas vezes por timidez do rapaz não ocorria a aproximação, como fica claro na carta. E no quarto parágrafo pude aferir o projeto de casamento que o autor construía com sua escrita à Beatriz. Mas, o que mais me chamou a atenção na carta é a construção dos “atrativos” femininos que o seduzia, como o tipo agradável que Beatriz transparecia com sua alegria e seu sorriso, que para ele e muitos outros homens puxinanaenses eram as qualidades ideais para iniciar o namoro e quem

---

<sup>32</sup> O nome do autor desta carta foi por mim suprimido, pois não tenho autorização para expor.

sabe casar. Percebo que as relações entre alguns homens e algumas mulheres eram inspiradas pelas escritas românticas.

Para o autor da carta, a mulher teria a responsabilidade de tornar o homem feliz eliminando de sua vida as amargas regras e normas produzidas sobre o corpo masculino. Logo, a felicidade conjugal estaria no corpo feminino com sua fidelidade ao marido, tornando o “lar” um lugar agradável e tranquilo, onde as intimidades de homem e mulher se satisfariam com as carícias nas mãos, com afagos dos cabelos e com os olhares mútuos de desejos, vivenciados segundo o autor pela beleza e o amor feminino.

Para um homem, como no caso do autor, era uma honra namorar e até mesmo casar com uma moça honesta, o que muitas vezes os orgulhavam em ter em seus braços a pureza de uma virgem, revelada por meio do rosto limpo e olhares atraentes, mas o mesmo deveria se controlar para manter a postura de um homem respeitador e não “avançar o sinal” para não ser confundido com um homem leviano e assim perder a amada.

Ao escrever uma carta o homem criava e alimentava a expectativa de receber a resposta da mesma. Como nos ressalta Malatian (2012, p. 197):

[...] o ato de escrever cartas [...] criava e sustentava um desejo de reciprocidade, pois o envio de uma carta trazia implícito ou explícito um pedido de resposta na conversação realizada à distância. Mas, comportava como todo diálogo, silêncios, rupturas, retomadas ao sabor dos interesses e afeições [...].

As cartas possibilitavam aos rapazes e moças saborear os desejos, os interesses e as afeições que um nutria pelo outro, os quais eram reprimidos por meio de discursos e da subjetivação dos corpos como, por exemplo, o desejo do autor da carta em ter Beatriz para ele, como sua namorada e como esposa. O uso de “doces” palavras nas escritas da primeira carta representa a prática de sedução de alguns homens sobre o feminino, mas buscando manter o controle de seus desejos, pois “[...] a masculinidade deveria ser exercida pelas práticas de controle dos sentimentos e de dominação sobre o feminino [...]” (ARAÚJO, 2011, p.121), para não transparecer a “suposta” fragilidade masculina.

Nas relações entre homem e mulher, o mesmo foi pedagogizado para “impor-se” com palavras e gestos imperativos e repletos de autoridade, mesmo quando se tratava de uma conquista, fazia parte da sua educação de homem viril e corajoso manter o controle sentimental. Entretanto, quando se tratava de escrever cartas às moças, percebo que a inibição de sentimentos como o amor, a tristeza, a alegria, a timidez, construídos sobre seus corpos

pelo processo pedagógico, ganhavam nas escritas do masculino “vida”, visto que estes sentimentos eram por eles expressados sem restrições e para alguns sem receios.

Assim, os sentimentos marcados nos corpos de homens e de mulheres apresentados neste texto são experiências distintas que busquei apreender em entrevistas e nas escritas masculinas os discursos sobre as intimidades que lhes eram impedidas, para produzir sentido às narrativas. É perceptível na carta apresentada acima e na que agora vos apresentarei o desejo do masculino em tornar público os sentimentos ali escritos, como forma de mostrar aos demais a sua vitória na conquista, e o troféu que era a moça, isto é, sua pureza, sua virgindade. Ainda sobre a carta, podemos perceber que havia homens diferentes, os quais escreviam cartas, poemas, se apaixonavam e apresentavam através da escrita algumas práticas do romantismo diferente dos meus interlocutores.

Convido-lhe a ler a segunda carta comigo, para que possas vislumbrar as intimidades representadas nas palavras escritas à Maria Beatriz da Silveira:

*Alagoa Nova 27 - 3 - 62.*

*Inesquecível e amada Beatriz.*

*Sendo esta só para dar-te notícias e ao mesmo tempo saber as tuas. Querida não sabe como eu seria feliz se achaste hoje sentindo o doce mil de teus lábios e o inesquecido calor teu corpo. Querida a coisa mais ruim é a gente amar a uma moça com forças que vem do coração porque quando passa duas horas esquecido passa 1 mês lembrando do porte tão atraente como você querida.*

*Não te esqueço um instante e também quero saber se serei capaz de ir passar o São João com você.*

*Querida eu fiquei assim porque te achei um pouco fria minha filha, vamos se animar para Deus nos ajudar e para nós sermos sempre feliz e gozando o amor enloquecente e finalmente podermos em fim unirmos em um feliz laço matrimonial.*

*Querida peço-te mil desculpas de não ter te escrito há mais tempo. Mais hoje me ví queimado pelo fogo do amor e não pude me negar de te escrever.*

Alagoas, Nova 27-3-62.

Imagável e amada Beatriz:

Sendo esta só para dar-te notícias e ao mesmo tempo  
 ler as tuas. Querida mãe, cobres como seria feliz se me  
 bastasse hoje sentando a dois mil de tua boca e o esqueci-  
 dor do teu corpo.

Querida a coisa mais ruim é aguentar uma a  
 uma moça com feições que sem do coração porque quando  
 uma duas há esquecido para o fim lembrando do por-  
 to aguentar como você querida.

Não te esqueço um instante e também quero saber  
 e serei feliz de lá passa o S. João se com você.

Querida eu fiquei assim porque to a ver um pouco  
 na minha filha, vamos se animar para seus nós  
 fadas e para nós somos sempre felizes quando o  
 amor entregue-se ao fim de tudo. Não sei se  
 mimamos em um lugar tão bom.

Querida peço-te mil desculpa de não te escrever  
 mais tempo. Após hoje me sei gerenciar pelo o jogo  
 de amor e não pude me negar de te escrever.

Estimada Beata vou terminar com forte  
 abraço e vários beijos de quem se acha por  
 apaixonado. Não diga a ninguém de minha paixão  
 que só é pra por você meu amor.

Assina seu futuro noivo.  
 Paulo Pedro.

Mãe:

Estimada Beata vou terminar com forte abraço e vários beijos de quem se acha por  
 você apaixonado. Não diga a ninguém de minha paixão que só é por você meu amor.

Assina seu futuro noivo.

Observei que nesta carta as intimidades e o desejo estão mais presentes, até mesmo  
 por este já namorar Maria Beatriz, e que com a vigilância e controle da família da moça não  
 pudera expor seus sentimentos, desejos e interesses para com ela, até porque não era do feitio  
 masculino deixar transparecer seus sentimentos, visto que os mesmos eram pedagogizados em  
 reprimir seus sentimentos e mostrarem como uma rocha, forte e corajoso. O que fica bastante  
 presente nas palavras do autor, quando ele pede para que Maria Beatriz não torne público a  
 sua paixão por ela, o que poderia ferir sua honra de homem másculo, de homem viril, já que a  
 paixão o deixava na posição de dominado.

Nesta última carta, há na escrita uma audácia do autor, uma vez que, diferentemente da  
 primeira carta, encontramos no texto fragmentos que ora não se usavam com moças de

famílias, tais como: “gozando o amor enloquecente”; “Mais hoje me vi queimado pelo fogo do amor”. Sendo assim, devido ao uso de palavras que feriam a honra da moça Beatriz, ele finaliza pedindo a mesma que não diga a ninguém de sua paixão para com ela. O que para Foucault (1992), seria um pacto de confiança e confiança, ou seja, o aprisionamento do Outro. Primeiro porque caso fosse “descoberta” esta carta, poderia ser usada como forma de obrigar a casar com a moça; e segundo porque o mesmo não desejaria expor seus sentimentos publicamente, o que seria demonstrar sua fragilidade perante o feminino.

É perceptível o encorajamento que os homens tomavam para escrever cartas às suas pretendentes e até mesmo namoradas, expondo-lhes seus desejos e interesses como o sentir do “[...] doce mil de teus lábios e o inesquecido calor do teu corpo [...]” (Fragmento da segunda carta transcrita). Cartas, as quais porventura viessem a cair em ‘mãos erradas’ poderiam por fim a um romance tão desejado ou dar motivos para os pais da moça apressar o casório como ocorreu com Zé Araújo (2014, 70 anos), que em entrevista falando de como foi seus namoros, me apresentou que:

[...] quando namorei Marli, que hoje é minha mulher, eu escrevi uma carta que não tenho mais porque acabou se perdendo quando vim morar na rua. Nela tinha escrito as minhas vontades de beijar ela, de abraçar e porque eu não esquecia um só momento da noite da novena na casa de meu pai e que ficamos um pouco só nos beijando e nos abraçando [risos]. Meu filho, sabe o que aconteceu? A carta foi descoberta pela mãe dela que mostrou ao marido e no mesmo dia eles foram falar com meu pai pra fazer a gente se casar, que não aceitava ficar com uma filha desonrada. E olhe que não aconteceu nada além de beijos e abraços [...] (Zé Araújo, 2014, 70 anos).

Com este depoimento de Zé Araújo, entendemos o receio do autor da carta à Maria Beatriz falar de seus sentimentos e desejos, que além de ferir a honra viril, também poderia ocasionar o casamento “amarrado”, “obrigado”, como assim denominavam os casamentos que eram feitos às pressas para limpar a mancha da desonra da moça e de sua família, como ficou claro na fala de Zé de Justo, que casou às pressas por ter tornado público as intimidades, desejos e interesses que nutria por Marli.

A partir desta última carta podemos aferir como os homens representavam os valores da honra masculina sobre o corpo feminino e sobre si, em que os sentimentos da tristeza, da alegria, do amor, da paixão e os gestos de delicadeza não só contribuía para a formação feminina, mas também para a dos homens, pelos quais eles seduziam as suas namoradas e pretendentes com suas palavras escritas. Como nos diz Aristides Eloi (2014, 67 anos):

[...] O amor, sempre é maravilhoso e sempre tinha as trocas de cartas e de poemas enviados por nós às amadas, pois como muitas vezes os pais não deixavam nos aproximar era um namoro na sala com os pais presentes, usávamos as cartas e poemas para mostrar as moças como a gente via a beleza delas e o que sentíamos [...].

Todavia, essas escritas masculinas tinham o interesse de conquistar o feminino, mas que não deveria ser “publicizados”, visto que “[...] para a formação masculina, não deveria haver nenhum sentimento que colocasse sua virilidade em dúvida, como por exemplo, o choro [...]” (ARAÚJO, 2011, p.75). Logo, os homens usavam as cartas como práticas de burlarem os códigos de comportamentos a eles direcionados e que junto a estas cartas escreviam versos poéticos que demonstravam com mais afincos seus sentimentos para com as moças. Atraídos pela escrita de um sujeito apaixonado por Maria Beatriz vamos captar os sentimentos dos versos do poema a ela destinado, no fim da segunda carta:

*Olhe:*

I

*Pelo os teus olhos querida eu tenho em minha  
Vida quíзера sempre beija-los com os dedos meus agarrá-los  
Embora sejas isto uma ilusão*

II

*As aves também se mudam  
Do campo para o deserto  
Se ama também de longe  
Quando não se pode amar de perto*

III

*Quero esquecer-te mais em vão não posso  
E bem vejo que não posso esquecer tua  
visão movendo levarei dentro de meu  
peito lembrança de tu meu amor  
que sem você seria desfeito*



A bela

Beatriz

Reposta urgente ouviu minha filha

Percebi que entre cartas e versos alguns homens iam construindo por meio de suas escritas as suas representações do corpo feminino, do amor, da paixão, do desejo, da intimidade, das lembranças, dos beijos e dos abraços dos casais marcadas como fica claro no poema nos corações apaixonados dos jovens rapazes. Na escritura das cartas e deste poema há sentimentos, emoções de sujeitos apaixonados e receosos. O receio na segunda carta partiu da frieza de Maria Beatriz para com o autor e de por em risco os valores da honra masculina em não ser de bom grado para um homem expor seus sentimentos, os quais deviam viver e experimentarem reprimidos em seu corpo. O receio também se representava pela vigilância e pelo controle das famílias sobre suas filhas, interditados socialmente pelas práticas de sociabilidades.

Na segunda carta enviada a Maria Beatriz, observei, ainda, a representação feita pelo autor sobre o corpo feminino ser um corpo atraente, o qual arranca suspiros de desejos em tê-la em seus braços, como também visto na primeira carta que a beleza, o tipo agradável de mulher, os longos cabelos e belos olhos de Beatriz eram atrativos do amor que afogaria o forte

processo de disciplinarização do corpo masculino em manter o controle de seus gestos, sentimentos e afeições.

Nas cartas é perceptível que as palavras escritas expressam desejos e interesses destes jovens, mas que a linguagem usada por eles não era socialmente aceita devido à moral, à boa conduta das famílias puxinanaenses. Foram palavras pensadas e escritas e por meio deste embaralhamento das palavras construíram suas identidades como amantes, apaixonados, homens viris de sentimentos ocultos, que por meio de suas escritas confessavam suas emoções, demonstrando à amada a sensibilidade de perceber o brilho do seu olhar, o doce mel de seus lábios, o calor enloquecente de seu corpo, traduzindo em palavras os sentimentos que nutria pelo o feminino.

Contudo, os/as jovens usavam de cartas, poemas e bilhetes para demonstrarem seus sentimentos um pelo outro, quando isto não ocorria por meio da escrita, era por meio da sedução, dos olhares, dos gestos, mas também por oferecimentos de músicas feitos pelos rapazes às moças por meio da “[...] difusora de seu Raimundo que ficava ao lado do mercado público na Rua João Pessoa, onde os rapazes e as moças ficavam conversando vigiados pelos seus pais [...]” (Aristides Eloi, 2014, 67 anos).

## **7. Músicas oferecidas à amada: a difusora de Seu Raimundo**

Funcionava ao lado do mercado público situado na Rua João Pessoa a difusora de Seu Raimundo, assim conhecida por todos na época, e recordada pelos depoentes, como uma forma de demonstrar a uma moça o seu interesse em namorá-la e escolhiam músicas que pudessem representar para ela o seu sentimento, o seu desejo. Era por meio da difusora que muitos homens usavam das práticas de sedução, dos desejos. Assim como alguns homens escreviam cartas à sua amada, outros praticavam seu romantismo por meio do ofertar música a pretendente. Como nos relatou Didisso (2014):

[...] ofereci uma música a minha amada, a música de Waldick Soriano, Vestida de Branco, cantava assim: “Peço a Deus que seja logo o nosso juramento. Peço a Deus que seja logo o nosso casamento. Quero ver-te na capela toda vestida de branco. Carregar-te nos meus braços é o que eu

desejo. Quero ver o senhor vigário enlaçar as nossas vidas. Consagrar o nosso amor peço a Deus que mande os anjos neste dia de alegria cantar em nosso louvor. Seguiremos bem juntinhos com ternura e com carinho a brindar o nosso amor. E os anjos virão cantando entre as mais lindas flores a canção de amor [...]”. Eu ofereci a Carmelita para dizer a ela como eu gostava dela e tava feliz que íamos se casar [...] (Didisso, 2014, 68 anos).

Percebi que muitos rapazes usavam a difusora de Seu Raimundo Serafim como meio de difundir, falar a moça, e propagar socialmente os sentimentos, sem que pusesse em dúvida sua virilidade, pois como fala Didisso, a música lhe serviu de porta voz para seus sentimentos e desejos, de sua felicidade, os quais muitas vezes foram reprimidos no processo pedagógico de seus corpos. Observei ainda que as músicas por eles escolhidas buscavam remeter-se ao que naquele instante eles e elas estavam a vivenciar ou vivenciando em romances, como a “ansiedade” de Didisso em se casar e ter a mulher amada em seus braços.

A difusora quando ligada atraía muitas pessoas “[...] vindas da rua e dos sítios para escutar e oferecer músicas para suas namoradas e esposas [...]” (Zé Araújo, 2014, 70 anos). Assim as emoções trazidas pelas músicas construía as relações de gêneros por meio das ondas sonoras da difusora, a qual funcionava para muitos rapazes e moças, e até mesmo para os pais, como práticas de sociabilidade, onde as intimidades eram sentidas pelas letras das músicas oferecidas, embora fosse uma intimidade vigiada e controlada pela presença da família, já que em muitos oferecimentos não se dizia o nome da moça por respeito e receio, como nos ressalta Didisso (2014, 68 anos):

[...] nos sábados à noite, seu Raimundo ligava a difusora e nossos pais iam palestrar e beber, e nós íamos juntos e lá nos encontrávamos com amigos e com as nossas paqueras. Como os pais estavam por perto olhando, a gente oferecia músicas pra elas, não dizíamos o nome, oferecíamos assim: está música vai alguém que está sentada em tal canto e vestida com tal roupa, ai ela ficava sabendo que era pra ela [...] (Didisso, 2014, 68 anos).

Assim, o ofertar música era uma maneira de os rapazes burlarem a forte vigilância dos pais para com suas filhas e filhos, ao passo de também ser uma forma de aproxima-se dos sentimentos da amada, expondo-lhe, através da música, os seus sentimentos e desejos, como nos apresentou Didisso (2014), que buscava por meio do sigilo flertar com a moça. Entretanto, as músicas tocadas e oferecidas na Difusora de Seu Raimundo não só representava

o amor, o desejo, a paixão dos rapazes pelas moças, mas também a dor de ser um homem traído por sua esposa como nos relatou Maria de Bola Sete (2014, 71 anos):

[...] quando ele descobriu a traição da sua primeira mulher, não contou conversa: expulsou ela de casa só com a roupa do couro [apenas a roupa que vestia] e foi beber para afogar as mágoas na Casa de Sebastiana e ofereceu com o nome dela e tudo mais a música Amor Fingido de Silvinho que dizia “Fingi, você não sabe porque a dor que estais sentido sei que preferes morrer. Falaram mal de mim quisera acreditar. Agora pede clemência arrependida quer voltar. Agora é tarde, há de pagar o seu pecado, pois um amor fingido nunca deve ser perdoado. Fingindo, fosse cumprir o seu destino. Esnobando seu amor por cabarés e cassinos. Fingida está para sempre, mas a culpa foi sua deixaste de ser mãe para ser mulher da rua. Mas se um dia voltares não te darei o meu carinho. As mulheres são falsas prefiro viver sozinho [...]”. Foi muito triste para ele, mas hoje tem outra família, mas toda vez que escuta esta música ele disse que se lembra de tudo o que passou com ela. Como mesmo diz: esta música é tudo que sinto ainda por ela [...].

A partir do relato de Maria de Bola Sete percebemos que a Difusora não só servia para difundir os amores e romances dos casais, mas para propagar a honra lavada de um homem traído com a expulsão de sua esposa de casa. Com o discurso da depoente, aferi que os bares e também a Casa de Dona Sebastiana eram espaços que os homens podiam mostrar sua dor sem serem reprimidos, pois eram lugares de propriedade masculina. Achei muito interessante em meados do século XX um homem encorajar-se em demonstrar a muitos puxinanaenses a sua dor e o seu sofrimento de ser um homem traído, mas também a visão de um homem honrado por sua atitude de não perdoá-la e tê-la expulsado de casa. Porém, a frase que mais chamou a atenção foi que mesmo ter passado todas as dores de uma traição, ele deixa bem claro que esta música é tudo o sinto por ela.

Logo, é notório na fala de Aristides Eloi que alguns homens buscavam nas “mulheres da vida”, com as idas à Casa de Dona Sebastiana, não só prazeres, mas um meio de “afogar suas mágoas”, suas “amarguras de uma vida masculina”, como nos foi apresentado na escrita da primeira carta, aqui transcrita, a Maria Beatriz da Silveira, vivendo entre os códigos de comportamentos a eles produzidos e as práticas sexuais de homens desejosos de prazer e de “refúgio”. Ao admitir a traição, o afogar as mágoas, nos apresenta sua fragilidade, aspecto tão cuidadosamente ocultados pelos homens, para não porem em desconfiança sua masculinidade, sua virilidade, (pontos presentes nas escritas das cartas, pois ao pedir a Beatriz, que não mostrasse a ninguém o que ora lhe remetia, o medo de “manchar” sua reputação de másculo), uma vez que até hoje ao ouvir a música relembra da traição. A letra da música, que cantara

em meio à entrevista, soava-me como um desabafo do passado, que vive em sua memória, recordando tudo o que passara com sua primeira esposa, seus sentimentos ali representados.

## 8. Entre as regras e o prazer: as práticas sexuais dos homens em Puxinanã

[...] Os rapazes normalmente procuravam em suas aventuras prostitutas ou mulheres com quem não pensavam em firmar compromisso, como as chamadas garotas fáceis, galinhas ou biscates que lhes permitiam familiaridades proibidas às moças para casar [...] (BASSANEZI, 2002, 609).

A honra de um homem, a partir da família nuclear, estava associada à virgindade da mulher, à sua pureza, quando não mais a tinha, e ela não era casada, a mulher era vista como “mulheres fáceis”, “mulheres da vida” e ficava ao desfrute de homens libertinos e levianos, como podemos observar na fala de Aristides Eloi (2014, 67 anos): “[...] a gente não podia fazer as coisas que desejava com as namoradas por causa das regras e da família, só depois do casamento, então procurávamos as mulheres da vida da Casa de Sebastiana [...]”. Sendo assim, estas mulheres passavam a ser um “objeto” usado para os homens praticarem seus desejos sexuais, que por certo respeito aos códigos de comportamento não podiam avançar o sinal com suas namoradas.

Na cidade de Puxinanã no início da década de 1960, recém-emancipada politicamente, não se encontravam signos da modernidade como nas cidades grandes, ou seja, não tinha energia elétrica e nem saneamento básico como água tratada, assim, com base nos discursos higienistas (FREIRE, 1979), o corpo do masculino e o corpo do feminino era um “[...] corpo tímido, acanhado, ainda para ser civilizado e higienizado [...]” (ARAÚJO, 2011, p.81). Como na maioria das cidades pequenas a energia em Puxinanã era a motor, e Seu Antônio Santos (in memória) era o responsável para ligar e desligar o motor que abastecia as vias públicas e as casas com luz: “[...] às dez horas da noite ele colocava na difusora de Seu Raimundo o aviso que iria apagar as luzes, e era o horário de todos entrarem pra dentro de casa, pois depois das dez a polícia não deixada ficar nas ruas que era perigoso, principalmente, para as mulheres de

família [...]” (Didisso, 2014, 68 anos). Em Puxinanã todos o conheciam como “Toinho do Motor”.

Como podemos observar no relato de Didisso (2014), depois que se apagavam as luzes poucas pessoas transitavam nas ruas, o que nos dá a entender que os homens a partir das dez horas saíam para desfrutarem dos prazeres na Casa de Dona Sebastiana, com as mulheres da rua do cabaré (Rua do Priquito), assim também chamadas as “mulheres da vida” que moravam em um espaço produzido por fronteiras discursivas onde os homens se satisfaziam com os deleites das prostitutas do cabaré.

A localização do cabaré nas ruas periféricas da pequena cidade era uma forma de controle e de espacialização da prostituição na cidade “[...] sob a alegação de que a prostituição era necessária para defesa das mulheres honestas e que seu isolamento em zonas específicas protegia a moralidade pública [...]” (CAULFIELD, 2000, p. 168). Logo, o espaço da prostituição na cidade de Puxinanã era denominado como rua do cabaré, a casa das noitadas, como nos apresenta Zé Araújo:

[...] o cabaré também era chamado pelas mulheres de família de a casa das noitadas, onde se bebia, ouvia música e fazia sexo. O problema que era uma casa pequena e as vezes tínhamos que ir para o muro que era arrodado de aveloi, uma planta que não deixava brecha pra ninguém ver o que se fazia. As mulheres eram fogosas, e por isso vinha muitos homens e fazia fila pra entrar na casa [...] (Zé Araújo, 2014, 70 anos).

Assim, era naquele espaço que os rapazes praticavam o ato sexual, uma vez que a cidade estava de luz apagada e no silêncio, o que não podiam fazer com suas namoradas. O muro da casa de Sebastiana ficava ao lado do Beco de Seu Limeira (patrimônio público conservado até hoje nos moldes da época), onde muitos rapazes “[...] se escondiam para as namoradas não ver a gente entrar na Casa de Sebastiana [...]” (Manoel, 2014, 71 anos). Quando era o período de festas na cidade, Dona Sebastiana trazia mulheres de Campina Grande que vinham “ajudar” no atendimento do cabaré, como nos ressalta:

[...] havia na cidade uma casa de prostituição, a Casa de Sebastiana, mulher simples, muito respeitada pelo povo, que morava numa casa pequena, com apenas um quarto, que funcionava diariamente com a presença de suas companheiras, sendo que nos dias de festa e de feira vinham de Campina Grande duas ou três prostitutas para ajudar a atender os visitantes [...] (Tico, 2014, 69 anos).

Como podemos perceber os homens mantinham certo respeito para com Dona Sebastiana, até porque os homens que frequentavam o cabaré deviam buscar ser discretos o máximo possível para que suas namoradas ou esposas não descobrissem suas “escapadinhas”, porque “[...] a honra do homem só quem manchava era aquela nomeada de ‘mulher direita’[...]” (ARAÚJO, 2011, p.82). Assim, a “mulher da vida” não colocava a honra de um homem em risco, pois ela era uma mulher considerada desonesta, sem pudor, desvirginada, e eram “usadas” para aliviar os “instintos sexuais”, porém “[...] a gente não vivia indo toda semana porque a gente tinha medo de pegar doença porque aqui não tinha médico [...]” (Didisso, 2014, 68 anos). Ir ao cabaré em Puxinanã mesmo com o receio de contrair doenças sexualmente transmissíveis, devido à precariedade da assistência médica na cidade, era uma forma de mostrar para os demais que era “homem de verdade”, uma prática tão forte que pude vivenciar ainda em minha adolescência, nos anos de 1990, quando meu pai levou meu irmão mais velho ao Cabaré na cidade de Campina Grande.

As idas e vindas dos homens da Casa de Dona Sebastiana seguia certo ritual de discrição para não ser considerado um homem desonrado e que não tinha controle sobre os seus desejos e não seguia as regras e normas sociais e a boa conduta das famílias. Quando não podiam ir ao cabaré buscavam outras formas de por em prática seus desejos sexuais, ou seja, a masturbação, usando “[...] as mãos a gente se aliviava do desejo sexual porque pegava não das moças, namorávamos com elas, mas não podíamos fazer sexo com ela, aí a gente dava um jeito de sentir o prazer [...]” (Tico, 2014, 69 anos). Observemos que os homens podiam se masturbar enquanto à mulher era prescrita sobre o seu corpo a preservação da virgindade e o não ser de boa conduta a “mulher de família” ter desejos. Enfim, a vida sexual de alguns homens era conduzida pelas práticas sexuais na Casa de Dona Sebastiana, por meio da masturbação e nos laços matrimoniais.

Meu pai, por muitas vezes, frequentou a Casa de Dona Sebastiana. Como o mesmo me contou “[...] que se arrumava todo e ia se encontrar com Maria de Dão [...]” “uma mulher da vida” que o mesmo nutria uma grande afeição e que no próximo capítulo transcreverei fragmentos da entrevista que fiz com a mesma. Ainda com relação ao meu pai, pois foi a partir de seus discursos que fui pedagogizado, “[...] a gente não fazia com a mulher de casa o que fazia com uma mulher da vida [...]”. Isso me foi dito por ele e fiquei a pensar que os códigos de comportamento produzidos sobre homens e mulheres eram rígidos que nem mesmo casados o casal podia por em prática seus desejos sexuais, pois o sexo no casamento foi por muito tempo descrito como o meio de procriar e não de ter prazer feminino, esta

sensação se buscava nos “cabarés”. Então muitos homens buscavam as “mulheres da vida” para se satisfizer sexualmente e “[...] sentir prazer sexual que não se tinha em casa [...]” (Aristides Eloi, 2014, 67 anos).

Contudo, tinha-se que frequentar o cabaré com cautela para não despertar nas mulheres ciúmes e manter sua honra de homem bem casado, pois sua mulher satisfeita com a vida conjugal não o trairia, o que manteria a sua honra intacta. Porém, nem todos os homens de Puxinanã tiveram sucesso na discricção de suas escapadinhas à Casa de Dona Sebastiana, os quais tiveram como “recompensa” a traição de suas esposas, uns deixaram a esposa e a expulsou de casa como foi o caso de Salonira, apresentado no primeiro capítulo. Outros silenciavam o ocorrido e continuaram mantendo sua vida matrimonial, mas não escaparam das “bocas miúdas” da cidade em que os chamavam de “corno de goteira”.

### **9. A traição como uma desonra para o homem: a representação do “corno de goteira”**

[...] a dor de vivenciar a infidelidade feminina se manifesta, por ser um sentimento individual, mas construído socialmente e culturalmente. São sentimentos regidos por códigos culturais. O homem ao publicizar a ‘sua desonra’, pode provocar nos seus pares, com maior ou menor intensidade, a solidariedade, mas também, a reprovação e a vergonha, sentimentos desprezíveis na economia masculina [...] (ARAÚJO, 2011, p.110).

As práticas de pedagogização no casamento tinha o intuito de defender a honra da família. Porém, quando uma mulher burlava as regras para elas construídas, traindo o seu esposo, o homem logo deveria buscar retomar sua honra e a honra de sua família: muitos expulsavam suas esposas e outros “[...] fingia não ter acontecido nada, como Antônio do Motor que levou chifre e nada fez. O povo dizia que ele era corno de goteira [risos], ficava na chuva enquanto o outro se deitava com sua esposa. Em Puxinanã tinha muitos corno de goteira [...]” (Manoel, 2014, 71 anos).

A representação que alguns homens puxinanaenses faziam dos homens traídos é que os mesmos deviam limpar sua honra manchada com a infidelidade de sua esposa, visto que a

vergonha tomava o corpo do masculino traído como podemos aferir no testemunho de Tico (2014):

[...] apesar do escândalo provocado na cidade, o homem traído, com vergonha, pegava a mulher e devolvia aos pais e viajava para fora, para esquecerem-se do ocorrido com ele. Outros ficavam na cidade, mas, mal ia as festas e se comunicava com os outros, por vergonha [...] (Tico, 2014, 69 anos).

Como a infidelidade feminina estava associada à questão da manutenção da ordem familiar, que se tinha “[...] a necessidade moral de controlar, vigiar a sexualidade [...]” (ARAÚJO, 2011, p.115) da esposa para zelar pela honra da família, conseqüentemente, a honra do marido. Sendo assim, o processo de pedagogização dos corpos do masculino e do feminino poderia ser subjetivado e burlado por eles, em que a infidelidade soava como uma afronta aos códigos de comportamento e a boa conduta das famílias puxinanaenses.

Nas falas dos depoentes é perceptível a representação que os mesmos fazem da traição como uma desonra para o homem. Todavia, observei também que outros homens traídos e muito apaixonados pelas esposas silenciavam o acontecido e continuavam as juras de amor e “fidelidade” ditas um para o outro no dia do casamento, como nos relata Zé Araújo (2014):

[...] naquele tempo já existiam homens traídos, muitos deles sabiam que eram cornos, mais permaneciam com a mulher que era muito apaixonado por ela e o mais interessante era que o corno ainda entregava sua mulher na festa para o amante dançar com ela [...] (Zé Araújo, 70 anos).

Percebemos que a traição feminina escandalizava muito mais do que as infidelidades dos homens praticadas na Casa de Dona Sebastiana, pois para eles funcionava como uma ruptura das juras que o corpo feminino fizera e devia conservar. Entretanto, os homens também rompiam os códigos sociais, pois uma vez tendo o conhecimento que fora traído por sua esposa, pelo amor que tinha por ela, “abafava” o caso e continuava o casamento, fato que contrariava os códigos sociais dos anos de 1960-70, o qual “cobrava” uma postura do marido em separar-se de sua esposa.

Contudo, se tinha em Puxinanã homens que, como Zé Araújo nos ressaltou, deixavam-se levar pelos sentimentos da paixão e continuavam com suas esposas infiéis, quebrando e burlando os códigos morais que produziam o masculino forte como uma rocha e dotado de razão, que não podia deixar as emoções o controlar, mostrando sua virilidade e sua

autoridade. Algumas mulheres que foram expulsas de casa por cometer o ato da infidelidade foram buscar refúgio na Casa de Dona Sebastiana, as quais por meio de entrevistas nos relataram as práticas cotidianas do cabaré, os desejos, as seduções e as burlas sobre a honra, nos dando uma representação dos códigos de comportamento experimentados por elas e por alguns homens dentro da Casa de Dona Sebastiana, o que discutirei no próximo capítulo.

## Capítulo Terceiro

### “A FLOR PROIBIDA”: os códigos de comportamento na Casa de Dona Sebastiana

[...] a flor proibida que levava os homens ao perdição, mas Sebastiana cobrava muito da gente para nos cuidar, sempre tá limpa, tinha hora pra tudo, a vida não era tão fácil não, nem médico tinha em Puxinanã pra nos dar remédio [...] (A Flor Proibida<sup>33</sup>, 2014, 76 anos).

O título deste capítulo foi retirado da transcrição do depoimento de uma “mulher da vida” conhecida por muitos homens puxinanaenses como A Flor Proibida. Assim, no terceiro capítulo busco analisar os códigos de comportamento feminino e masculino na Casa de Dona Sebastiana, problematizando os desejos de sedução e as burlas sobre a honra, tendo como aporte as memórias de algumas mulheres e alguns homens, que viveram as tramas cotidianas na Casa de Dona Sebastiana nos anos de 1960-70, e que puderam experimentar as prescrições direcionadas por Dona Sebastiana para manter a “ordem” na casa.

Fui levado, neste capítulo, a usar pseudônimos para se referir as “mulheres da vida” que entrevistei, visto que não obtive autorização destas, para expor suas identidades. Sendo assim os pseudônimos escolhidos foram indicados por elas mesmas nas entrevistas, pois, segundo elas, eram assim que alguns homens as conheciam na Casa de Dona Sebastiana: A Flor Proibida; Morena e Sartadeira.

---

<sup>33</sup> A Flor Proibida, 76 anos, trabalhou na Casa de Dona Sebastiana, como “mulher da vida”, hoje é viúva, aposentada rural e pensionista, e residente em Puxinanã - PB.

## 1.Lugar do Prazer: historicizando a Casa de Dona Sebastiana

Nos anos de 1950, no Distrito da Paz<sup>34</sup>, o qual foi elevado à cidade em 1962, havia um bordel conhecido por muitos como o “cabaré da pedra<sup>35</sup>”, que ficava “[...] ali na rua da pedra onde mora Valdir, era um cabaré. Só tinha quenga<sup>36</sup>. Mas eram pobres, as ricas vieram depois quando Sebastiana abriu o dela [...]” (Morena<sup>37</sup>, 2014, 72 anos) que tinha como proprietária “[...] uma mulher de Campina Grande que não lembro o nome dela. Eu não conheci esse povo não, sou do tempo de Sebastiana [...]” (Sartadeira<sup>38</sup>, 2014, 74 anos). Este cabaré funcionava nos dias de feira, no caso na segunda-feira (como até hoje ocorre à feira pública na cidade), porém nenhum/a dos/as depoentes souberam dizer o nome da proprietária do primeiro cabaré da localidade, que posteriormente, viria ser a cidade de Puxinanã.

Com o falecimento da “tal” proprietária do “cabaré da pedra” no fim da década de 1950, as mulheres que moravam no prostíbulo voltaram para sua cidade, Campina Grande. Em meio a isto, ocorria no Distrito da Paz, embates políticos em prol da emancipação política e elevação do distrito à cidade, o que ocorrerá em 28 de janeiro de 1962. Puxinanã, agora cidade, foi aos poucos se transformando. O primeiro prefeito constitucional, José Hipólito, buscou calçar as ruas. Em seguida, o prefeito Pedro Rodrigues ao assumir o cargo, em 1966, construiu a maternidade (Nossa Senhora do Carmo, em homenagem a padroeira da cidade); em 1970 inaugurou escolas como: Escola Municipal Presidente Costa e Silva, Escola Municipal Quintino Leônico e a Escola Municipal Plínio Lemos; também construiu a sede da prefeitura municipal (localizada na Avenida 28 de janeiro, 20, centro da cidade); e vieram junto a estas transformações da cidade, as mudanças nas relações sociais de homens e mulheres.

Neste período, chega ao Distrito da Paz a Senhora Maria Sebastiana da Silva, uma mulher com aproximadamente 38 anos de idade, segundo Dona Nenê de Zé Coco (2014, 76 anos), expulsa de sua casa, na cidade de Esperança - PB<sup>39</sup>, por seu marido, por ter sido pega

<sup>34</sup> Distrito da Paz era o nome da localidade que após a emancipação política de 1962 ficou denominada de Puxinanã.

<sup>35</sup> Recebeu este nome por ter a sua sede e seus quartinhos (pequenos quartos) construídos sobre os lajedos (pedras) no final da Rua Rui Barbosa no Distrito da Paz pertencente a Comarca de Pocinhos – PB nos anos de 1950.

<sup>36</sup> Quenga: expressão muito usada nos anos de 1960 em Puxinanã para se referir a “mulher da vida”.

<sup>37</sup> Morena, 72 anos, trabalhou na Casa de Dona Sebastiana, como “mulher da vida”, era uma das mulheres mais novas da casa, hoje é casada e aposentada por idade, reside na cidade de Puxinanã.

<sup>38</sup> Sartadeira, 74 anos, trabalhou na Casa de Dona Sebastiana, como “mulher da vida”, hoje é casada, aposentada e residente em Puxinanã.

<sup>39</sup> Cidade do interior da Paraíba, fica a 23,6 km da cidade de Puxinanã e 158,6 km da capital João Pessoa.

em adultério. A mesma tendo que deixar para traz duas filhas pequenas, pois “[...] seu ex-marido não deixou ficar com as filhas, daí ela veio pra Puxinanã tentar a vida no cabaré da pedra [...]” (A Flor Proibida, 2014, 76 anos). Logo, não tendo para onde ir veio morar e trabalhar no “cabaré da pedra”, visto que conhecia uma das mulheres do referido cabaré. Porém, como o “cabaré da pedra” tivera fechado pouco após sua chegada, a mesma “[...] abriu na sua casa na Rua Travessa Rui Barbosa um cabaré e ali atendia os homens. Com o passar do tempo eles foram indo mais vezes, como também outras mulheres, quando se tornavam perdidas e os pais não aceitava mais elas em casa, iam morar com Sebastiana [...]” (Sartadeira, 2014, 74 anos).

Assim, deu-se início o funcionamento da Casa de Dona Sebastiana, que acolhia em sua casa algumas mulheres “perdidas<sup>40</sup>” que eram expulsas por suas famílias, que não tendo onde morar nem como sustentar-se financeiramente viam o cabaré como uma “esperança” de vida. Entretanto, a Casa de Dona Sebastiana era uma residência pequena, “[...] uma casa comum daquele tempo, no quarto dela tinha uma cama e outra na cozinha pra gente ficar com os homens, mas tinha dia que tinha muito homem ai à gente ia pra o muro mesmo e na sala ficavam as bebidas [...]” (Sartadeira, 2014, 74 anos). O muro da Casa de Dona Sebastiana dava acesso ao Beco de Seu Limeira<sup>41</sup>, e muitos homens por vergonha de serem vistos entrando no cabaré, usavam este beco como via de entrada e saída, o que despistava as suas namoradas e até mesmo sua família, quando casado, como nos relatou Dona Maria de Bola Sete (2014, 71 anos):

[...] só via os homens passar e entrar na Casa Sebastiana, eu morava em frente. Eles entravam por um beco que saía na farmácia de Seu Limeira e dava com essa rua, que não gosto de nem dizer o nome, onde os homens entravam por um muro de aveloz e ninguém via alguns que eram mais saídos, vinham por cima, pela Rua mesmo e entravam pela porta da frente. Este beco que se chamava Beco de Seu Limeira dava na casa dela e os homens entravam por um portão de madeira que Sebastiana fez no muro de aveloz, aqueles que não queriam que vissem eles [...].

---

<sup>40</sup> Mulheres perdidas: expressão usada para denominar as moças que “perdiam” a virgindade antes do casamento e não mais eram aceitas por suas famílias.

<sup>41</sup> O Beco de Seu Limeira é, ainda hoje, uma pequena e estreita estrada de chão (areia). Tinha este nome por terminar no muro da casa de Joaquim Limeira de Queiroz, um ilustre comerciante da época e grande influente político da cidade.

Assim, alguns homens com suas práticas de irem a Casa de Dona Sebastiana “às escondidas” para que suas namoradas, noivas e até mesmo esposas não fossem conhecedoras de suas idas ao cabaré. Logo, com estas práticas esses homens burlavam os valores da honra no que se refere a fidelidade da sua parceira, uma vez que eles davam suas “escapadinhas” para desfrutarem dos prazeres do sexo, visto que muitos rapazes devido aos códigos sociais e morais de Puxinanã não mantinham relações sexuais com suas namoradas antes do casamento, porém sabemos que tiveram casos de burlas destes códigos.

A respeito dos homens casados que frequentava o cabaré, muitos iam à busca “[...] do que as mulheres deles não faziam, porque achavam que era pecado fazer algumas coisas [risos] [...]” (A Flor Proibida, 2014, 76 anos), por isso entrarem na Casa de Dona Sebastiana nas surdinas, que, para facilitar o acesso a sua casa, Dona Sebastiana colocou um portão de madeira no muro de aveloz.

A Rua Rui Barbosa<sup>42</sup> fica na periferia da cidade, o que no período de 1960-70 não era tão habitada como hoje. Apenas tinha o cabaré e duas outras casas, como nos apresenta Morena (2014, 72 anos):

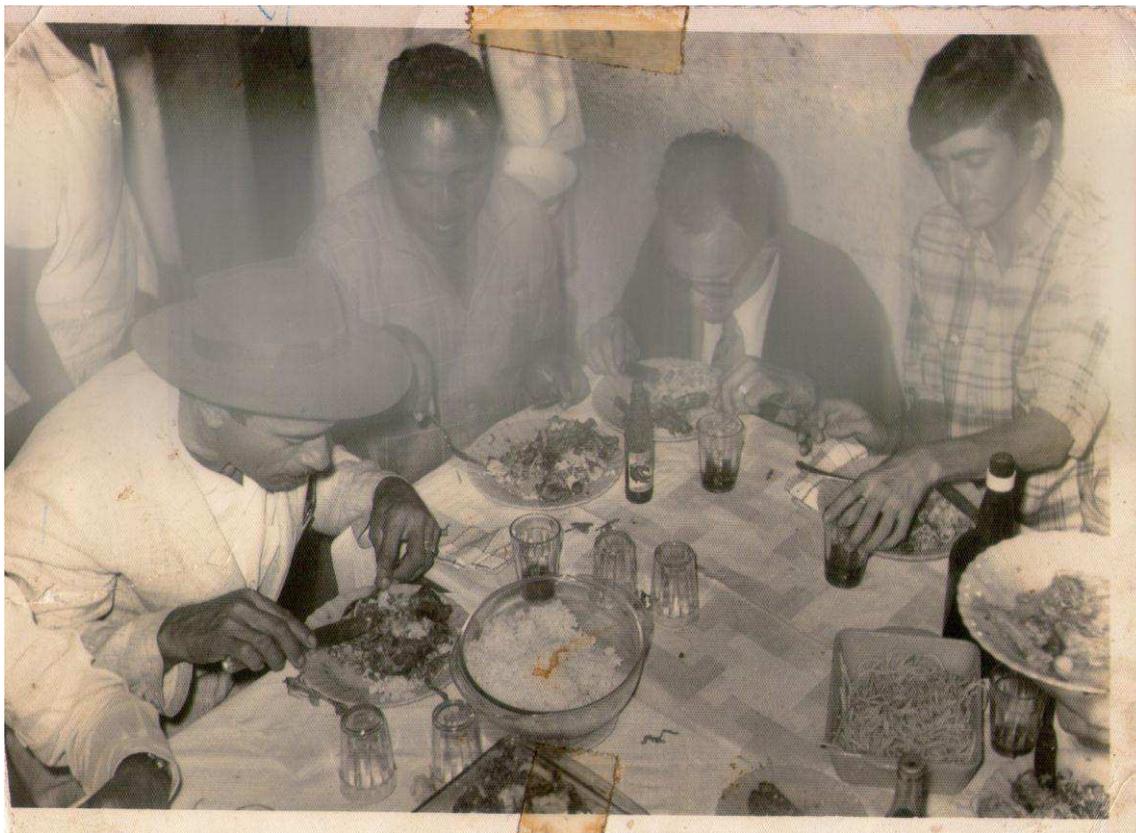
[...] pronto. As casas que tinham eram três: casinhas ali [apontava com a mão mostrando onde ficavam as referidas casas], a de Sebastião Berto, a de Maria de Bato e a de Sebastiana, onde tem o pé de pau ali [tornou apontar] era o cabaré, [risos], era a casa do cabaré mesmo. Na segunda-feira, que sempre foi o de dia de feira daqui, o dia todinho era de movimento pra gente [...]

Como nos apresenta Morena, a “Rua do Priquito” no início da década de 1960 não era muito habitada, apenas nos dias de segundas-feiras se tinha um fluxo maior de pessoas, uma vez que os comerciantes e alguns moradores da zona rural vinham à feira realizar suas vendas e compras e aproveitavam para ir ao cabaré, onde “[...] almoçavam, bebiam, dançavam, fumavam e uns faziam sexo, outros iam apenas pra acompanhar os amigos, beber e palestrar [...]” (Morena, 2014, 72 anos).

Como se pode observar na imagem a seguir, que segundo Morena (2014, 72 anos) “[...] é a única foto que tenho da época da Casa de Sebastiana, porque eu mudei muito de casa e de rua, porque moro de aluguel, aí nas mudanças foi perdendo e se rasgando. Nesta foto são homens de fora que vinham pra feira, aí ia almoçar lá e depois ficava pro forró [...]”:

---

<sup>42</sup> Conhecida em Puxinanã, por “Rua do Priquito”, devido a existência passada do cabaré.



7. Foto de homens almoçando na Casa de Dona Sebastiana  
Arquivo pessoal de Morena

Assim, nos dias de segunda-feira a Rua Rui Barbosa era bastante frequentada tanto por homens puxinanaenses como por visitantes a negócio, como fica claro na fotografia acima e no relato de Morena, isto ocorria devido a Casa de Dona Sebastiana: “[...] lembro como hoje, esses homens eram feirantes. Este de blusa listrada, [apontando para mostrar-me], era o filho deste de terno e gravata, ele tinha acabado de casar e veio com pai negociar na feira. Eles não eram daqui de Puxinanã. Eram de Campina Grande [...]” (Morena, 2014, 72 anos).

Mesmo sendo uma rua bastante visitada, principalmente, por homens, a falta de habitação na “Rua do Priquito” devia-se também porque ali teria um cabaré como relatou:

[...] a gente, eu e minhas irmãs, tínhamos muito desgosto. Porque a gente pedia ao pai da gente pra tirar a gente daquela rua e ele não tirava. A gente não recebia piada diretamente, mas a gente escutava o pessoal falando da rua do cabaré, que hoje o povo chama de Rua do Priquito. E então por a gente escutar aquilo e saber que morava lá e o povo desvalorizava a Rua, eu me senti minha vida inteira discriminada, pois diziam que ali

era a rua das perdidas e quando casei Bola fez uma casa na mesma rua pra gente morar, aí que desgosto foi maior [...] (Maria de Bola Sete, 2014, 71 anos).

Observei neste discurso de Maria de Bola Sete, as tristes lembranças de residir em rua associada a práticas sexuais da Casa de Dona Sebastiana, pois alguns puxinanaenses, como ainda hoje, falavam (e falam) das moças que moram nesta Rua, que eram moças “perdidas”, “mulheres da vida”, o que hoje dizem com as moças: “[...] que não são mulheres para casar, olha onde elas moram [...]” (Maria de Bola Sete, 2014, 71 anos). Vivenciei esta angústia na minha prática docente entre os anos de 2010 a 2012, quando ministrava aulas de História em turmas do ensino médio, e buscando explicar alguns conteúdos para meus alunos e alunas, os/as instigavam a debaterem sobre suas histórias de vidas, e foi a partir disto que me deparei nas marcas simbólicas que a Casa de Dona Sebastiana deixara nos valores da honra daquelas moças residentes na “Rua do Priquito”, fato que me instigou ainda mais a pesquisar sobre os valores da honra na cidade de Puxinanã nos de 1960 a 1970.

## **2. Indo a feira e/ou ao cabaré? As burlas masculinas**

A Casa de Dona Sebastiana ficava em rua paralela a principal rua da cidade: a Rua João Pessoa<sup>43</sup>. Nesta rua ocorriam as feiras públicas na segunda-feira – como até hoje ocorre – eram distribuídos pela rua os bancos de verduras, frutas, legumes, carnes e roupas, aonde os fregueses iam a partir das seis horas da manhã realizar as compras, porém “[...] nós da Casa de Sebastiana não podia ir pra feira na mesma hora que o povo de família, só a partir de onze da manhã é que saíamos pra comprar nossas coisas. A gente cumpria tudo o que Sebastiana mandava fazer, pra depois não ter problema [...]” (Sartadeira, 2014, 74 anos). Neste relato de Sartadeira, é notório o preconceito e a discriminação que as “mulheres da vida” sofriam por estarem numa vida que segundo os discursos familiares era uma vida desonesta e assim a punição era a marginalização social destas mulheres, que não tinha o direito de realizar suas compras no mesmo horário que as consideradas “mulheres de família”

---

<sup>43</sup> Nome dado em homenagem ao ex-presidente da Paraíba João Pessoa, rua principal da cidade na década de 1960.

Nas segundas-feiras tinha também a chamada “feira de gado”, onde os proprietários de bois, vacas, galinha, galo, bodes e porcos – mesmo tendo o nome de “feira de gado” vendiam e compravam outros animais – iam negociar seus animais e após seus negócios iam para a Casa de Dona Sebastiana, onde:

[...] a gente bebia, dançava com as mulheres de lá e dependendo se a gente tivesse dinheiro suficiente a gente fazia sexo com elas. Você sabe, naquele tempo num tinha dinheiro fácil, não. Eu mesmo ia toda semana, às vezes só pra tomar uma caninha e conversar com os amigos. Eu morava no sítio e eu vinha sozinho pra rua aí minha mulher nem ficava sabendo, ela só vinha na rua nos domingos pra ir pra missa comigo e voltava na hora que terminava [...] (Dema, 2014, 76 anos)

É notório no discurso de Dema as burlas praticadas por alguns homens ao frequentarem a Casa de Dona Sebastiana, uma vez que usavam da vinda à feira para se satisfazerem com bebidas, danças, e até mesmo com sexo, mesmo sendo casado como, por exemplo, Dema, buscava em outro “lugar” prazer, pois os motivos que levavam os homens ao cabaré “[...] era o prazer sexual, mas também tinham as festas na Casa, o famoso forró, que eu gostava de frequentar. A luz era de candeeiro<sup>44</sup> e tinha muitas bebidas [...]” (Aristides Eloi, 2014, 77 anos). Ainda é claro na fala de Dema a prática sexual mediante ao pagamento, o que não deixava de ser uma relação de compra e venda, neste caso, do corpo feminino, do sexo, do desejo, do prazer. Chamou-me atenção quando o mesmo relatou que só transitava nas vias públicas da cidade de Puxinanã com sua esposa para vir à missa dominical, ato muito comum e praticado naquele período pelas famílias, o que seria a manutenção masculina da honra, andar na rua com uma mulher considerada direita, enquanto na Casa de Dona Sebastiana era às escondidas.

A partir destes discursos, pude aferir que o cabaré era um lugar heterotópico, onde havia danças e bebedeiras, o que fazia com que muitos outros homens e rapazes frequentassem a Casa, alguns em busca de diversão, outros de prazer. Outro ponto, presente no discurso de Aristides Eloi, é que nos anos de 1960 algumas casas na cidade de Puxinanã eram iluminadas com “luz de candeeiro” como a Casa de Dona Sebastiana, o que era diferente na cidade

---

<sup>44</sup> Candeeiro: aparelho de iluminação, alimentado por óleo ou gás inflamável, com mecha ou camisa incandescente; lampião (FERREIRA, 2000, p.125).

vizinha Campina Grande<sup>45</sup>, pois “[...] em Campina já tinha luz elétrica, porque às vezes eu ia às festas de forró pé-de-serra lá, pense num tempo bom [...]” (Aristides Eloi, 2014, 77 anos).

Assim, vejo que o dia feira era um dia importante, não só para os homens, porque além de negociarem na feira, encontravam no cabaré boas conversas, bebidas e ainda dançavam com as “mulheres da vida” e quem sabe, de acordo com suas posses financeiras, praticar sexo com elas; como também para as mulheres da Casa de Dona Sebastiana, inclusive para a dona do cabaré, pois era na segunda-feira que tinha o maior movimento, porém “[...] a Casa de Sebastiana abria na sexta-feira, no sábado, no domingo, na segunda-feira e na terça-feira, nos dias que Seu Raimundo ligava à difusora e os homens saíam para beber e conversar [...]” (Didisso, 2014, 69 anos).

Além de usarem a ida a feira como escapatória para ir ao cabaré, alguns homens relataram-me as práticas por eles usadas para suas esposas não desconfiarem e/ou descobrirem suas idas à Casa de Dona Sebastiana, pois:

[...] muitas vezes quando eu ia pra casa depois de ter ido lá, no cabaré, como eu bebia eu mastigava folhas de goiabeira para tirar o gosto da cana e quando fazia sexo com Morena, eu tomava banho no barreiro que tinha no sítio Canário, antes de entrar em casa para não dar pista que tinha ido lá. Porque você sabe mulher é bicho danado, se não fizer as coisa direito elas descobre e não tem pra onde correr [risos] (Didisso, 2014, 67 anos).

As burlas praticadas por alguns homens para “despistar” a vigilância de suas esposas e assim escaparem das cobranças de fidelidade fica mais clara no relato de Didisso, uma vez que o mascar folhas de goiabeira<sup>46</sup> para não demonstrar que teria tomado bebida alcoólica e o banhar-se no “barreiro”<sup>47</sup> para limpar o corpo dos prazeres do cabaré. Logo, essas burlas eram praticadas por alguns homens residentes na zona rural de Puxinanã. Já alguns da zona urbana usavam como meios de darem suas “escapadinhas” ir “[...] jogar sueca na casa de um amigo, mas era pra eu ir pra Casa de Sebastiana. Eu dizia que ia dar uma volta na rua pra desaparecer e conversar com os amigos lá Difusora, mas eu ia mesmo era pro cabaré. A gente quando é novo num pensa muito não no que faz [...]” (Zé Araújo, 2014, 71 anos)”.

<sup>45</sup> Campina Grande é uma cidade do interior da Paraíba que fica cerca de 113,45 km da capital João Pessoa.

<sup>46</sup> Goiabeira: planta frutífera, que tem nas suas folhas um gosto acentuado e um forte aroma de bom agrado. Busquei experimentar a mastigação de tal folha para sentir o que Didisso me dissera em entrevista.

<sup>47</sup> Barreiro: depósito natural de sais minerais (água), muito procurado pelos animais (FERREIRA, 2000, p.89)

Não podia deixar de mencionar o certo arrependimento das práticas de Zé Araújo, apresentado no seu discurso, quando o mesmo diz que quando novo não refletia sobre suas atitudes e o que elas poderiam ocasionar para ele e para aqueles que com ele convivia. Entretanto, para não parecer que o entrar e o sair da Casa de Dona Sebastiana fosse algo desregrado, ou seja, não se davam da forma que os homens desejassem, existia no cabaré normas e regras tanto para as “mulheres da vida” como para os homens que lá iam à busca de divertimento e de sexo.

Entretanto, nem sempre alguns homens conseguiam com suas práticas enganar suas esposas nas suas idas e vindas do cabaré, pois “[...] a gente ia escondido, mas quando a bomba estourava, alguns dos casamentos chegaram a acabar. No meu caso tinha muita confusão quando chegava em casa. Uma vez minha esposa foi até o cabaré para me procurar e ver se eu estava por lá [...]” (Aristides Eloi, 2014, 77 anos). Aristides Eloi, em seu relato, apresenta as relações matrimoniais desfeitas por causa da presença do marido na Casa de Dona Sebastiana, ressaltando as confusões em seu casamento por ele frequentar o cabaré. É relevante em sua fala, a representação da mulher destemida que ia ao cabaré na busca de encontrar seu esposo. Essas narrativas apontam as relações de poder, nas quais as “esposas” eram “temidas”, pois havia receio de que elas descobrissem as idas dos maridos ao cabaré, brigassem, acabasse o casamento.

### **3. Códigos de sociabilidade: o feminino e o masculino sob as normas de Dona Sebastiana**

Além das paixões, do sexo, dos prazeres, que eram muitos, na Casa de Dona Sebastiana havia também normas e regras de sociabilidade para as “mulheres da vida” e para os homens que frequentavam o cabaré, porque “[...] a gente era quenga de respeito, não provocava as mulheres casadas e quando saía de casa e passava pelos homens na rua baixamos a cabeça e íamos para o outro lado da rua, para não ter confusão, e porque a gente tinha vergonha. Sebastiana era rígida [...]” (Morena, 2014, 72 anos). É perceptível que sobre o corpo feminino desonrado produzia-se uma forma de pedagogização a elas destinadas, vigiadas e controladas por Dona Sebastiana que não queria problemas com os homens e suas famílias.

A maneira de comportar-se em vias públicas, o ato de baixar a cabeça, representava além do respeito, o medo de por algum gesto, como um simples sorriso, acarretar problemas

para Dona Sebastiana, visto que a polícia, na pessoa do Sargento Acelino, “[...] ficava de olho na gente para manter a ordem na cidade. E olhe que ia pra lá à noite [risos] [...]” (Sartadeira, 2014, 74 anos). A vergonha de ser uma “mulher da vida”, uma mulher desonrada, e que não mais andaria de cabeça erguida, pois não carregava em seu corpo a honra de uma moça virgem ou da fidelidade matrimonial de um casamento.

O funcionamento da Casa de Dona Sebastiana nos dias de: sexta-feira, sábado, domingo, segunda e terça-feira ocorria porque eram os dias de festas, feiras na cidade de Puxinanã e também dias de encontros na Difusora de Seu Raimundo. Porém, ir à Casa de Dona Sebastiana tinha hora para entrar e sair, como me relatou A Flor Proibida (2014, 76 anos):

[...] na segunda-feira a gente atendia a partir de uma da tarde até às seis da noite. Já nos outros dias eram a noite, começava de dez da noite e ia a três horas da manhã, nunca passava dessa hora. Os homens nem podia chegar cedo demais nem sair tarde. Sebastiana botava regra na gente e neles, e se não obedecêssemos ela colocava pra correr. Caso algum homem não nos respeitasse, ela chamava o Sargento Acelino pra resolver, sempre tinha uma boa amizade com a polícia [...]

Manter certa “decência” no comportar-se era um aspecto muito vigiado por Dona Sebastiana, pois além de manter o controle de sua casa, auxiliava a polícia a conservar a “ordem” na cidade, uma vez que buscava sustentar elos amigáveis com as autoridades tanto policiais como políticas, visto que “[...] o prefeito ia ao cabaré, não como os outros homens, só ia uma vez perdida, quando tinha festa [...]” (Morena, 2014, 72 anos). Então manter a “ordem” no cabaré era algo muito zelado por ela, desde o horário de frequentar a Casa como a forma de relacionar-se com as “mulheres da vida”, pois se algum dos homens burlasse as normas de sociabilidade logo era resolvido com a presença da polícia.

Não era tão fácil adentrar ao cabaré, pois “[...] Sebastiana não deixava, nem que desse dinheiro, os rapazotes<sup>48</sup> entrarem na casa dela, porque a polícia dava hora de se recolher e ela não queria problema nem com a polícia e nem com as famílias de Puxinanã [...]” (Sartadeira, 2014, 74 anos). Outra norma estabelecida por Dona Sebastiana era que só entrava na sua casa homens com dinheiro “[...] não vendia nada fiado e só podia fazer sexo com alguma da gente se pagasse antes, ela era danada e esperta [...]” (A Flor Proibida, 2014, 76 anos). A esperteza de Dona Sebastiana fez com que, dentre os homens que frequentavam sua casa, estivessem

<sup>48</sup> Rapazote: Rapazola, rapaz adolescente ou muito jovem (FERREIRA, 2000, p.581).

alguns donos de propriedades em zona rural, de comércios e políticos, outros eram agricultores e visitantes da cidade. Fato que mesmo em horários de não funcionamento do cabaré “[...] tinha homens que vinham e deixava dinheiro com Sebastiana pra sustentar a gente e iam embora, os homens tinham que sustentar a gente mesmo porque a gente satisfazia eles [...]” (Sartadeira, 2014, 74 anos). Fica claro nestes discursos que só bebia, dançava e praticava sexo na Casa de Dona Sebastiana o homem que pagasse antes. Estas táticas de Dona Sebastiana se deu também de suas experiências no “cabaré da pedra” onde iniciou sua vida de prostituição fins dos anos de 1950.

As regras por ela produzidas remetiam-se até mesmo no vestir dos homens, pois “[...] a gente só entrava lá se tivéssemos bem vestido e de chapéu. Ela dizia que a casa dela não era “casa de mãe Joana” não, que todo faz o que quer [...]” (Chico do Bú<sup>49</sup>, 2015, 76 anos). Assim, Dona Sebastiana mantinha sua casa como um lugar de boa aparência, um “bordel respeitável”, pois ir ao cabaré bem vestido e usando chapéu era uma postura de respeito ao lugar e à Dona, além de demonstrar pelo vestir que era um homem que condições financeiras favoráveis, visto que não tinha muita oportunidade de trabalho em uma cidade recém-emancipada politicamente.

Manter o controle na Casa não era uma tarefa fácil, pois tinha que agradar tanto os homens, os quais mantinham a casa e o seu sustento e de suas “funcionárias”, como as “mulheres da vida”, já era a partir das práticas sexuais destas mulheres que ela lucrava. Quando sabia que teria alguma festividade na cidade logo tratava:

[...] em trazer suas amigas de Campina Grande para ajudar nos dias de muito movimento, principalmente na Festa de Rua, e ela não queria que achasse que sua casa era uma bagunça, porque que vinha muito homem. A gente não gostava muito não, pois quando elas vinham, os homens só queriam elas. Mas, Sebastiana era muito rígida e a gente não podia dizer nada porque quem mandava ela era, mas também se alguma de nós não quisesse fazer nada com algum homem, ela não obrigava a gente, e se o homem ficasse insistindo ela botava pra fora da casa [...] (Morena, 2014, 72 anos).

Dentro do cabaré tinha-se uma espécie de hierarquização, pois todos e todas que ali frequentavam ficavam sob as normatizações de Dona Sebastiana, desde o fato de uma “mulher da vida” não querer manter relações sexuais com algum homem, como os ciúmes que

---

<sup>49</sup> Francisco Sales do Bú, 76 anos, casado, aposentado, residente na Rua João Ferreira dos Santos, 10, centro, Puxinanã – PB.

emergiam quando ela trazia prostitutas de Campina Grande para auxiliar no atendimento dos homens no cabaré. A rigidez das práticas cotidianas de Dona Sebastiana acabava por pedagogizar tanto os corpos desonrados das “mulheres da vida”, através das disciplinas, as vigiando e controlando-as, como o corpo masculino que deviam controlar seus desejos quando uma mulher não aceitasse praticar sexo, e ainda obedecer às normas produzidas por Dona Sebastiana e destinadas a sociabilidade de ambos os corpos.

Havia concorrência, dentro da Casa, entre as “mulheres da vida” residentes no cabaré com as que vinham da cidade de Campina Grande, pois estas eram vistas com certo “despeito” pelas puxinanaenses, porque as que vinham de fora acabavam por ganhar mais dinheiro dos que as de casa, uma vez que “[...] a gente aproveitava quando vinham as mulheres de Campina Grande, porque era novidade, as daqui ficam “putas da vida” [...]” (Aristides Eloi, 2014, 77 anos). Embora mesmo com as normas e a vigilância de Dona Sebastiana a “concorrência” no cabaré gerava conflitos entre as mulheres e até mesmo entre as “mulheres da vida” de Puxinanã com os homens, devido estes procurarem os carinhos, desejos e o prazer sexual das mulheres campinenses trazidas para o cabaré.

Entre esses “despeitos” e “concorrências” em uma das noites de festas teve um episódio de conflitos entre duas mulheres que levou a morte de um dos homens que frequentava a Casa de Dona Sebastiana e a intervenção da polícia, como nos relatou A Flor Proibida (2014, 76 anos):

[...] Maria Zanolha, nunca se deu bem com essas mulheres que Sebastiana trazia de Campina Grande pra o cabaré. Toda vez ficavam insultando umas as outras. Até que no dia da abertura da Festa da Padroeira, era umas duas horas da manhã, ela teve uma discussão com Amélia, uma das mulheres que veio com Sebastiana, essa mulher partiu pra cima de Maria e deu nela. O homem que tava com Maria não gostou, foi tomar satisfação com essa Amélia. Daí, meu filho, foi um pega prá cá pá que só vendo, entraram outros homens no meio. Esta briga foi pra o meio da rua e acabou que um desses homens foi morto, então veio à polícia. A sorte de Sebastiana e da gente é que a morte do homem não foi dentro da casa, se não a coisa era feia pra gente [...].

O que pude aferir com este discurso, é que mesmo com a forte vigilância e controle de Dona Sebastiana algumas “mulheres da vida” e alguns homens burlavam suas normas estabelecidas, o que gerava certos conflitos entre elas, entre eles e entre elas e eles, fato que levava a uma fragilidade dos códigos de sociabilidade no cabaré produzidos por Dona

Sebastiana e que essas burlas geravam violências, das quais levou a morte de um homem que “[...] brigavam por elas, porque eram mulheres bonitas [...]” (Nenê de Zé Coco, 2014, 76 anos). Por isso a necessidade de Dona Sebastiana manter a polícia ao seu lado, visto que mesmo mediante a uma morte, que sabiam que a briga tinha-se iniciado dentro do cabaré, faziam vistas grossas e “protegiam” a Casa de Dona Sebastiana, que mesmo com o ocorrido manteve-se em pleno funcionamento.

#### **4. Entre a sedução, o desejo e a religiosidade: as festas e a Casa de Dona Sebastiana**

As Festas de Padroeira em Puxinanã aconteciam no mês de novembro, embora a data em que se comemora o dia de Nossa Senhora do Carmo – padroeira da cidade –, para os católicos, seja no dia 16 de julho, mas “[...] se fazia a Festa de Padroeira no mês de novembro, porque o mês de julho em Puxinanã é um mês muito frio e chuvoso [...]” (Aristides Eloi, 2014, 77 anos). Era com estas festas que a Igreja Católica arrecadava recursos para manter-se, pois “[...] o dízimo e as ofertas nas missas não rendiam muito lucro, daí precisava fazer o pavilhão, onde a gente arrematava galinhas para ajudar a igreja. Tinha também as garotas candidatas a Rainha da festa, quem juntasse mais dinheiro era eleita [...]” (Chico do Bú, 2015, 76 anos).

A festa de padroeira acontecia na Rua Rômulo Campos em frente a “Rua do Priquito”, isto é, a Rua da Casa de Dona Sebastiana, do cabaré. Então como “[...] a festa da igreja tinha hora pra acabar, terminava umas dez horas da noite, era a hora que começava o forró na Casa de Sebastiana, e muitos homens deixavam suas esposas em casa, arrumava uma desculpa e saía pra o cabaré [...]” (Didisso, 2014, 69 anos). Assim, a vida cotidiana de alguns homens estava entre a sedução, o desejo e a religiosidade, ora alguns homens estavam em casa com suas esposas e família, ora estavam nos deleites com as “mulheres da vida”, ora estavam nas festas de padroeira, ora estavam nos forrós da Casa de Dona Sebastiana.

Os forrós na Casa de Dona Sebastiana aconteciam a noite, após o término das festividades religiosas, o que possibilitava à participação dos homens em ambas as festas, era uma forma uma tática de Dona Sebastiana em manter o fluxo de sua clientela, pois os frequentadores de sua casa tinham certa “obrigação” para com suas esposas e famílias de acompanhá-las nas festas promovidas pela igreja, como um ato de respeito à igreja e a seu laço matrimonial, nos apresentando o “poder da igreja”, já que até hoje, as festas profanas são

realizadas após a religiosa. As festas na Casa de Dona Sebastiana “[...] eram feitas na sala, onde ficava os tocadores de forró pé de serra e a gente bebia e dançava a noite toda. Era bom viu, muito bom [...]” (Chico do Bú, 2015, 76 anos).

Era no encerramento das festividades de padroeira que se marcava um Baile de Coroação da garota que arrecadara mais dinheiro para a igreja como Rainha. Este baile acontecia no:

[...] no pavilhão onde havia a disputa das jovens para ser rainha. Trabalhavam como garçonetes que faziam campanhas de arrecadação de dinheiro na festa, para serem eleitas. Essas garçonetes eram formadas por dois partidos: o azul e o encarnado (vermelho). Nos quinze dias de festividades os familiares das moças candidatas tanto da rua como do sítio, convidava os amigos e políticos da cidade e até mesmo das cidades vizinhas, como Lagoa Seca, Pocinhos e Campina Grande para participarem e assim ajudarem com dinheiro para elegerem suas filhas, Rainha da Festa. O que chamava atenção do povo era a arrematação de galinhas feita pelo leiloeiro, que muitas vezes eram arrematadas por um alto valor, só para ajudar a igreja. Na última noite da festa era eleita a Rainha, aquela que arrecadasse mais valor em dinheiro. Depois marcava a festa de coroação da Rainha e Princesa, com uma festa dançante, considerada a maior festa do ano [...] (Tico, 2014, 72 anos).

Havia, segundo o relato, uma dedicação das famílias em prol da arrecadação de recursos para a igreja, pois se mobilizavam e iam à busca de auxílio com amigos puxinanaenses e até mesmo de outras cidades. É perceptível nos discursos que retratam a Festa de Padroeira que a figura da “mulher da vida” não aparece como participante das festividades, uma vez que “[...] Sebastiana não deixava a gente nem poderia ir olhar. Dava uma vontade de ir, mas ficava esperando em casa eles chegarem. Mas enquanto eles não chegavam à gente ficava dançando umas com as outras, era divertido [risos], a gente se divertia mesmo assim [...]” (Morena, 2014, 72 anos).

O desejo de participar dos eventos públicos da cidade como as festividades da padroeira é claro no relato de Morena. Quando perguntei a mesma se ela tinha algum arrependimento logo me respondeu com os olhos cheios de lágrimas: “[...] você não sabe o tanto sofri porque eu podia estar ali com meus pais e minhas irmãs, mas podia mais estar no mesmo lugar que elas. Foi duro. Até hoje lembro e tem hora que choro, pois a única irmã que tenho viva não fala comigo por causa da vida que eu tinha [...]” (Morena, 2014, 72 anos). Emocionei-me com essas palavras, pois no instante da transcrição da entrevista as lágrimas rolaram pelo meu

rosto, pois não devia ser fácil para ela que foi “[...] expulsa de casa porque perdi a virgindade e ele não quis casar comigo e foi embora pra o Sul. Meu pai [suspiros] me botou pra fora de casa e não tendo pra onde ir entrei nesta vida. Uma vida muito discriminada e sofrida, mas não tive muito que fazer [...]” (Morena, 2014, 72 anos).

Com as memórias destas mulheres pude perceber as fortes manchas em suas vidas de um passado marcado por dores, mágoas, arrependimentos, mas também momentos de alegrias, desejos e prazeres como, por exemplo, quando se divertiam umas com as outras dentro do cabaré em conversas e danças. Embora passados cerca de 50 anos as cicatrizes presentes nas memórias de Morena não sararam completamente, pois ao relatar que sua irmã ainda hoje não mantém contato com ela devido ela ter sido uma “mulher da vida”, faz a cicatriz reabrir, como uma dolorosa ferida, a cada vez que se lembra de seu passado como no momento das entrevistas. Não posso deixar de ressaltar a forte discriminação que estas mulheres sofreram, a exemplo de não poderem participar de festas públicas por serem consideradas “mulheres desonradas, desonestas”.

Com relação às festividades juninas<sup>50</sup> ocorridas em Puxinanã nos anos de 1960, estas eram realizadas cada família em sua residência no caso da zona urbana e nos terreiros das casas da zona rural, onde “[...] ficava nas portas das casas, fazia uma fogueira bem grande e ficavam todos ao redor bebendo e comendo milho, pamonha e canjica, era muito bom [...]” (Maria de Bola Sete, 2014, 71 anos). Como as Festas de São João eram realizadas particularmente, tinham-se as festas juninas da Casa de Dona Sebastiana, onde se:

“[...] fazia uma grande fogueira na frente da casa porque só tinha a casa da gente e mais duas na rua, aí não tinha muito problema, não. A gente ficava lá conversando e bebendo, mas tinha a noite de forró que os homens vinham aí era dentro de casa, não ficávamos na rua não, tudo que fazíamos era dentro de casa, pra não ter confusão, tínhamos medo [...]” (A Flor Proibida, 2014, 76 anos).

Neste sentido, aferi que o cotidiano das “mulheres da vida” era marcado por manifestações de afetos, desejos, prazeres, amizades, dores e angustias, mas também uma vida exposta a uma violência simbólica que atravessava as relações sociais destas mulheres, tanto com Dona Sebastiana quanto com os homens que iam ao cabaré. Assim, as relações sociais tanto eram permeadas pela vida religiosa, ou seja, missas dominicais, família e festas

---

<sup>50</sup> Festejos realizados em homenagem ao santo católico São João.

religiosas, como também pela sedução, desejos, bebedeiras, forrós e paixões da Casa de Dona Sebastiana. Vidas estas transitadas por alguns homens, pois “[...] naquele tempo tinha muito homem safado, que deixava a mulher em casa e ia à procura de “mulheres da vida” [...]” (Aristides Eloi, 2014, 77 anos).

Se tratando de outras festividades ocorridas, me foi apresentado por Aristides Eloi (2014, 77 anos) que:

[...] em Puxinanã naquele tempo a gente comemorava o carnaval nas ruas João Pessoa e Rômulo Campos, no mesmo local da Festa de Padroeira. Era uma festa onde a gente se fantasiava e saía jogando serpentina. Todo ano um casal se fantasiava como rei e rainha da festa e eles comandavam a festa. As “mulheres da vida” não participava da festa, porque era uma festa feita por algumas famílias [...].

Fica claro que as relações sociais e de gênero, foram praticadas pelos desejos, seduções e religiosidades, presentes nas várias festas e lugares. Embora o carnaval, seja uma festa popularmente conhecida como “a festa da carne”, esta era praticada por alguns homens puxinanaenses e suas esposas, as quais eram consideradas “mulheres direitas”, como nos apresentou Aristides no seu depoimento acima. Não posso deixar de mencionar a questão da “mulher da vida” não participar de uma festa como o carnaval, onde o desejo e a sedução eram, (e ainda são) bastantes presentes. Ainda é claro no discurso que a cada ano um casal diferente fantasiava-se de rei e rainha e comandava a festa, como se pode observar na imagem a seguir o casal fantasiado de rei e rainha da festa carnavalesca:



8.Foto do Carnaval de 1967 em Puxinanã.

Nesta imagem é perceptível o gesto da autoridade masculina, desde a maneira de sentar, sua postura, o “cajado” de rei, centralizador do poder de comandar toda a festividade ao lado de uma rainha bem vestida, de rosto limpo, com vestido estampado, mas longo, usando um chapéu e não uma coroa como o rei, pois a coroa representava a autoridade do masculino sobre o feminino, que mesmo sendo uma “rainha” devia submissão ao seu esposo, o “rei”.

## **5. O Corpo desonrado: o cotidiano das “mulheres da vida” na Casa de Dona Sebastiana**

As práticas femininas vivenciadas na Casa de Dona Sebastiana eram para lidar com as transformações que seus corpos tinham experimentado pelo exercício do poder de sua família em “[...] virar as costas pra mim porque traí meu marido. Não me deram oportunidade de refazer a minha vida em casa e me botaram pra fora [...]” (Sartadeira, 2014, 74 anos), como por outras maneiras de controle social e da produção de novas subjetividades como “mulheres da vida”. Assim, exercendo ou não diferentes práticas de feminilidade, a dor sentida pela desonra de seu corpo era fortemente experimentada e deixaram marcas culturalmente produzidas, pois a identidade de “mulher da vida” associava-se a mulher sem dignidade, sem respeito e sem vergonha.

A produção deste enunciado sugere que as mudanças em meados do século XX em Puxinanã, contribuíram para que a condição de “mulher da vida” fosse educada para praticar outro tipo de feminilidade, fazendo seu trânsito da prática feminina de moça virgem ou esposa fiel para produzir outras representações agora de corpo desonrado, impuro e maculado pelo desejo e prazeres do sexo. Além destas transformações no corpo e na vida social que as “mulheres da vida” tiveram que “suportar”, foram reeducadas pelo processo pedagógico de Dona Sebastiana que “[...] determinava hora pra dormir e acordar pra lavar roupa, lençóis, arrumar a casa para mais tarde atender os homens outra vez [...]” (Morena, 2014, 72 anos). Ainda sobre cumprir regras e horários:

[...] hora de acordar, já é dez hora da manhã, aí a gente levantava forrava a cama. Lava o rosto, tomava o café e ia limpar a casa. Maria Oião (Zarolha) ficava pra lavar as coberta. Cada uma lava as suas roupas. Morena lava a louça. Sartadeira

vazia e limpa o muro. Não tinha isso de dizer que num fazia não, Sebastiana dava uns gritos e a gente no instante fazia [risos]. De tarde a gente descansava e se ajeitava para de noite atender os homens na Casa [...] (A Flor Proibida 2014, 76 anos).

O cotidiano da Casa de Dona Sebastiana era muito semelhante ao dia a dia de muitas outras casas: começa com o ritual de levantar-se da cama lavar o rosto tomar o café e logo após cumprir com os afazeres domésticos de uma casa, desde o lavar roupa, cozinhar, limpar a casa e o muro, para que a noite estivesse tudo em “ordem” para o funcionamento do cabaré. Os códigos de comportamento na Casa de Dona Sebastiana eram rígidos e cuidadosamente zelados pelas “mulheres da vida”, pois tinham medo de perder o único lugar que as tinha acolhido depois de terem suas vidas transformadas com a desonra não reparada com o casamento como me relatou:

[...] a gente era bem comportada, nos vestia muito bem. Éramos elegantes, muito bem arrumadas, a gente mesma era quem costurava nossas roupas. Sebastiana comprava os tecidos com o dinheiro arrecadado das noites. Também comprava batom vermelho, pó de arroz e enfeites pra gente [...] (Morena, 2014, 72 anos).

O comportamento era algo muito cobrado por Dona Sebastiana, visto que sendo rígida com as “mulheres da vida” “davam” tecidos e “maquiagem” para que as mesmas confeccionassem suas vestimentas e mantivessem-se limpas e bonitas, como exigências para satisfazerem os critérios do modelo desejado, pois eram os aspectos mais apreciados pelos homens que iam ao cabaré: “[...] tinha muito mulher bonita, bem arrumada e cheirosa. Eram lindas, lembro como hoje [...]” (Didisso, 2014, 69 anos). Logo, as “mulheres da vida” para conservarem-se limpas e cheirosas usavam “[...] sabão de pedra e colônias que Sebastiana dava pra gente, num tinham isso de xampu nem perfumes caros não. A gente usava o que tinha [...]” (Sartadeira, 2014, 74 anos).

O controle e a disciplina eram algo bastante vivenciado pelas “mulheres da vida” na Casa de Dona Sebastiana, em que tinham que cumprir com os afazeres do cabaré e ainda viviam “trancafiadas” em casa, “[...] as mulheres da Casa de Sebastiana não falavam com ninguém na rua, nem com a gente que morava em frente à Casa delas. Elas só viviam de dentro de casa [...]” (Maria de Bola Sete, 2014, 71 anos), pois:

A gente não podíamos sair nem na calçada da casa e quando precisa sair, éramos proibidas por Sebastiana de falar com qualquer pessoa. Não olhava nem de lado pra depois ninguém ir dizer a ela e eu ser colocada pra fora porque não tinha lugar pra ir, já tinha entrado nesta vida por isso, porque não tinha pra onde ir (Morena, 2014, 72 anos).

A partir disto aferi que o corpo desonrado era pedagogizado, vigiado e punido à “honrar” com seu comportamento e obediência o nome de Dona Sebastiana que era uma “[...] mulher simples, muito respeitada pelo povo. Se vestia muito bem e era uma mulher muito, mais muito bonita [...]” (Tico, 2014, 72 anos). Sendo assim, a Casa de Dona Sebastiana era um lugar onde tanto honra e como a desonra se satisfazia por meio da obediência das “mulheres da vida” a Dona Sebastiana e por ser um lugar de “mulheres desvirginadas”, impuras e doidivanas, mas também pela honra masculina em praticar sua masculinidade e sua virilidade e com esta prática desonrar as juras de fidelidade matrimonial feitas à sua esposa.

## **6. Honra praticada: a virilidade masculina no “bordel”**

Ir à Casa de Dona Sebastiana para um homem representava para o “universo masculino” sua virilidade em manter seu casamento e ainda frequentar um “bordel”. Porém, essa preocupação com a virilidade masculina dava-se porque alguns pais buscavam com suas idas e vindas do cabaré educar seus filhos para a vida sexual com o intuito de o rapaz preservar a honra da família e do pai em seu corpo, uma vez que “[...] muitos pais de família levava seus filhos pra Casa de Sebastiana quanto completava dezoito anos para tomar gosto pela fruta [risos], porque era uma desonra pra um pai ter um filho que não desse no couro [...]” (Chico do Bú, 2015, 76 anos).

O medo de infligir algum código social fez com que Dona Sebastiana construísse em sua Casa um conjunto de regras e normas de sociabilidade para que não fosse penalizada como, por exemplo, não aceitar que os menores de idade frequentasse o cabaré. A permissão de entrar na Casa de Dona Sebastiana só era dada apenas “[...] quando um rapaz completava

seus dezoito anos, aí alguns pais os levava para fazer sexo pela primeira vez. Eu mesmo fui assim. Lembro como hoje fiquei nervoso, mas Morena me ajudou em tudo, porque naquele tempo a gente não sabia das coisas, não [...]” (Didisso, 2014, 69 anos).

Muitos destes homens e rapazes foram pedagogizados por discursos que produziam uma prática de masculinidade direcionada pelo ideal do “homem com H maiúsculo”; “ser homem de verdade”, e que “[...] frequentar o prostíbulo era uma exigência para ser reconhecido como macho [...]” (ARAÚJO, 2011, p. 82), onde por meio das práticas sexuais extraconjugais, no caso dos casados, exibiam suas virilidades e para os jovens rapazes honravam seu pai e assim o nome de sua família.

Ouvi muito estas expressões “ser homem com H maiúsculo”; “ser homem de verdade” serem gritadas aos meus ouvidos não só pelo meu pai, mas também por minha mãe, que buscava pedagogizar meus irmãos e a mim a partir da reprodução dos discursos do meu pai, pois vivia em uma vida religiosa, onde o sexo não se era falado, o que era pecado praticar antes do casamento. Fui coroinha<sup>51</sup> dos meus 11 aos 14 anos. Era uma educação em que não se podia falar o que se pensava, pois: [...] lembrei-me de quando aos meus 13 anos de idade, em 1996, quando ouvi minhas irmãs falando de menstruação e intervi a conversa explicando o que tinha aprendido na 7ª série do ensino fundamental, como apanhei<sup>52</sup>, como fui repreendido que aquilo era conversa de mulher e eu não podia falar dessas ‘coisas’ [...].

É perceptível tanto no discurso de Chico do Bú como no de Didisso, que a iniciação sexual de muitos dos rapazes puxinanaenses nos 1960-70 foi experimentada na Casa de Dona Sebastiana, no cabaré. Essa prática pedagógica foi perpetuada por algumas famílias até os anos de 2000, visto que meu pai desejava levar-me a um cabaré para que eu pudesse iniciar minha vida sexual, porém não aceitei devido a uma vida religiosa que eu tinha. Mas, a “pressão” psicológica era tão forte, que para não ir a um cabaré “perdi” minha virgindade com minha namorada, hoje esposa, pois tinha aprendido que o sexo era sagrado e devia ser praticado após o casamento e com a pessoa que amava. Neste sentido, a honra de um homem esteve por muito tempo na sua virilidade sexual e assim eram, e de certa forma ainda são, pedagogizados os corpos masculinos pelas produções discursivas a eles destinadas.

Tanto as festividades religiosas como os forrós da Casa de Dona Sebastiana serviam como via dos rapazes frequentarem o cabaré, pois “[...] eles tinham vergonha de vir na segunda-feira. Só vinham de noite, nos sábados ou nos domingos, porque a noite no escuro nem a gente via eles nu nem eles a gente. Porque nesta vida que eu vivia, a gente tinha que ter

<sup>51</sup> Coroinha: menino que nas igrejas ajuda nas missas e ladainhas (FERREIRA, 2000, p. 187).

<sup>52</sup> Apanhar: Expressão coloquial usada na minha cidade para se referir a surrar.

respeito [...]” (Morena, 2014, 72 anos). A vergonha de olhar o corpo nu era fruto de uma forte prática pedagógica sobre os corpos do feminino e do masculino, que mesmo em um lugar onde a sexualidade era praticada com certa “liberdade”, o respeito, o pudor, prevalecia.

Entretanto, nem todos os jovens e homens tinham tanta vergonha assim, “[...] porque tinha uns que eram muito fogosos, principalmente os homens que trabalhavam e moravam nas casas da linha trem. Aqueles [risos] se deixassem iam todos os dias [...]” (A Flor Proibida, 2014, 76 anos), uma vez que moravam sozinhos e trabalhavam na Estação de Trem Floripes Coutinho, a qual foi desativada fins de 1970. Muitos destes “ferroviários” iam à Casa de Dona Sebastiana em busca de ‘desafogar’ seus desejos, sem ter a preocupação de serem descobertos por suas famílias já que eram de outras cidades como: Itabaiana<sup>53</sup>, Campina Grande e Alagoa Grande<sup>54</sup>, como relatou Zé Inácio<sup>55</sup> (2015, 80 anos):

[...] eu, Raul e Manoel trabalhava na Estação de Trem. O nome da Estação de Trem era Floripes Coutinho, porque ele mandava em tudo em Puxinanã antigamente. Eu morava aqui em Campina e vinha em casa de quinze em quinze dias. Já os outros só iam uma vez por mês porque era longe. A gente aproveita muito, ia pras festas, ia pra Casa de Sebastiana, que era o cabaré de Puxinanã. A gente nem ligava muito porque a família da gente nem ficava sabendo das coisas. A gente aprontou muito. A gente só vivia lá no cabaré [risos]. Num tinha mulher com a gente na Estação, aí pra lá, beber, dançar e namorar. Mais era bom. Depois que fechou a Estação, acho que em 1971, aí cada um da gente foi embora e mais nunca vi meus amigos. Ainda levei meu menino mais velho lá no cabaré pra ver como era as coisas [...]

Percebi com este relato, que os homens da Estação de Trem não tinham certa preocupação em preservar os valores morais de suas famílias com suas idas ao cabaré, pois as mesmas não eram sabedoras de tais práticas e a “[...] a honra do homem só quem manchava era aquela nomeada ‘mulher direita’ [...]” (ARAÚJO, 2011, p. 82), pois as “mulheres da vida” da Casa de Dona Sebastiana não colocavam a honra destes homens, e de outros que frequentavam o cabaré, em risco, visto que elas já eram desonradas. Ainda, no discurso de Zé Inácio é claro a prática de levar o filho ao cabaré para “ver como era as coisas”, ou seja, para iniciar sua vida sexual.

<sup>53</sup> Itabaiana cidade do interior paraibano que fica 72 km da capital João Pessoa.

<sup>54</sup> Alagoa Grande cidade do interior paraibano que fica 111 km da capital João Pessoa.

<sup>55</sup> José Inácio da Costa, 80 anos, casado, aposentado, ex-funcionário da Estação de Trem Floripes Coutinho na cidade de Puxinanã, residente no bairro do centenário na cidade de Campina Grande.

Assim, as práticas sexuais de homens com muitas mulheres eram bastante praticadas como nos apresentou Zé Inácio que ia várias vezes a Casa de Dona Sebastiana, pois no cabaré se tinha e podia fazer o que no namoro era proibido, como nos ressalta Del Priore (2011, p. 166):

[...] os rapazes procuravam aventuras [...] com as quais desenvolviam todas as familiaridades proibidas com as ‘moças de família’. Sua virilidade era medida pelo número e desempenho nessas experiências: ‘ir à zona era preservar a menina de sociedade, o que o namorado não podia fazer com a namorada fazia lá. Tinha que ser lá, não podia ser com a namorada. [...] Outro horror era o ‘mulherengo’, já comprometido, mas insaciável nos seus apetites [...]

A partir Del Priore (2011), posso aferir que os homens casados que frequentavam a Casa de Dona Sebastiana, como os depoentes desta dissertação, eram homens “mulherengos<sup>56</sup>”, uma vez que não se satisfaziam com práticas sexuais do matrimônio e buscavam no cabaré “desafogar” seus desejos, aproveitando para reconhecer-se como homem viril. Já muitos rapazes, além de iniciarem suas vidas sexuais, frequentavam o “prostíbulo” como meio de praticar os desejos mais ardentes, aquilo que devido aos códigos morais não se podia praticar com uma “moça de família”, preservando assim a honra, isto é, a virgindade da moça. Com as idas ao cabaré acabavam por se familiarizar com as diversas práticas sexuais e ensinamentos que as “mulheres da vida” faziam como nos apresentou Didisso (2014), quando relatou que Morena o tinha ensinado a prática sexual devido a sua inexperiência.

Entretanto, nem todos os rapazes buscavam ou eram levados por seus pais a Casa de Dona Sebastiana para darem início a sua vida sexual:

[...] meu concunhado Pedro casado com Bezinha casou sem nunca ter tido contato com uma mulher. A primeira vez que ele fez sexo foi com Bezinha na noite do casamento. Ele não ia para o cabaré, não. Conhecia outros homens, amigos meus e depois se tornaram cunhados, porque casei com a irmã deles, que nunca foram no cabaré: Chico, João e Antônio porque eles não achavam certo, deixar a esposa em casa e ir procurar mulher fora de casa. Eles também só deitaram com uma mulher na noite do seu casamento. Eu dizia a eles que não sabia o que estavam perdendo [risos], pois lá era onde a gente aprendia

---

<sup>56</sup> Aquele que é muito dado as mulheres (FERREIRA, 2000, p. 475).

tudo. O povo até falava mal, mas era o jeito deles [...] (Didisso, 2014, 69 anos).

Assim, para alguns rapazes ir ao cabaré era uma prática de preservação da honra da masculinidade, para outros eram uma desonra aos valores morais da família como no caso dos amigos de Didisso que preferiam não frequentar a Casa de Dona Sebastiana se resguardando para a noite de núpcias, o que não era visto com bons olhos, uma vez que recaía sobre eles a cobrança social e as produções discursivas dos homens frequentadores da Casa, que lançavam a estes rapazes desconfianças de suas sexualidades. Chamou-me atenção no discurso de Didisso que os rapazes que iam ao cabaré tinham com essa prática dentre outros aspectos o de aprendizado, visto que seus corpos eram ensinados pelas “mulheres da vida” a praticarem sua virilidade, sua honra, ou seja, era o corpo desonrado pedagogizando à honra no corpo masculino.

Eram por estas práticas, por estes aprendizados, que meu pai em fins dos anos 1990 queria que meu corpo passasse, para que com tais experiências pudesse praticar minha virilidade, minha sexualidade, porque foi no cabaré de Dona Sebastiana que ele teve sua iniciação sexual, ou seja, o seu corpo foi pedagogizado para a prática sexual. O que para as “mulheres de família” seria algo tudo novo na noite de núpcias, para estes rapazes que frequentava a Casa de Dona Sebastiana já tinha passado pela experiência da “primeira vez”, e agora estava na posição de “pedagogizador” do corpo feminino para a prática sexual. Uma prática que muitas vezes realizava os desejos do homem, os quais lhe davam prazer.

## **7. “O que elas não fazia, a gente fazia”: as práticas de sedução e de prazer das “mulheres da vida”**

Como visto nos capítulos anteriores, os códigos sociais que orientavam as relações de gêneros eram fortemente vigiados, para que homens e mulheres não os transgredissem. Logo, estes códigos pedagogizava os corpos masculinos e femininos, principalmente, quando se tratava de namorar, noivar, casar e conseqüentemente as práticas sexuais e de sedução, pois “[...] eu tinha uma raiva porque sempre achei bonito usar batom, mas meu marido nunca

deixou, dizia que era coisa de “mulher da vida”. O pior que depois de um tempo descobri que ele vivia indo pra o cabaré. Eu não podia usar, mas ele ia atrás das quengas que usava [...]” (Carmelita, 2014, 66 anos).

O uso de batom, roupas justas e decotadas; o pintar as unhas, não eram práticas aceitas em algumas famílias puxinanaenses como a de Carmelita, uma vez que os discursos direcionavam essas práticas para a “mulher da vida”, proibindo suas filhas e esposas fazerem uso de tais práticas, o que para algumas:

[...] era uma desvantagem pra gente porque passava o dia todo tomando conta de casa e dos filhos, cozinhava e limpava. Aí quando a pessoa tomava um banho não podia usar nem se quer um batom, nem roupa de cor extravagante. Então, iam atrás das mulheres da Casa de Sebastiana que se arrumava e se pintavam toda. Aguentar essas coisas não foi fácil, mas fazer o quê? A gente tinha que obedecer, mesmo que não gostasse. Eu mesmo dizia as coisas e ele dizia que com ele era assim, se não quisesse fosse embora de casa [...] (Maria de Bola Sete, 2014, 71 anos).

Percebi no discurso de Maria de Bola Sete que algumas mulheres viam as práticas de sedução das “mulheres da vida” com uma desvantagem para elas, pois como eram “proibidas” de usarem certos adornos para seduzir seu marido, pois tinham medo de tal atitude ser vista como uma afronta às ordens de seu esposo. Enquanto estas mulheres cuidavam na limpeza da casa, da alimentação de toda família, as “mulheres da vida”, além de cumprirem também com os afazeres da Casa de Dona Sebastiana, “[...] passava a tarde toda ajeitando os cabelos, pintando as unhas, vendo a roupa de usar a noite. Quando chegava a noite, tomava um banho se perfumava toda, botava um batom vermelho e uma roupa decotada e ia para a sala da Casa receber os homens. Eu era tão bonita [...]” (A Flor Proibida, 2014, 76 anos).

Fica claro no discurso acima, que as cores como o vermelho, era destinado “as mulheres da vida”. Para as mulheres honradas reservavam-se cores como rosa, lilás, azul claro, as quais representavam leveza, pureza, a fragilidade feminina, diferentemente das cores vibrantes como o vermelho do batom, que representava paixão, sedução, desonra. Assim, “[...] as cores produziam a visibilidade das diferenças identitárias de gêneros [...]” (ARAÚJO, 2011, p.63), pois para homens eram direcionadas cores mais sérias como o azul escuro; o cinza; o preto, as quais representavam sua moral, sua sexualidade e virilidade. Logo, “[...] o agenciamento pedagógico das cores foi pintado nos corpos, como marcas para definir a

preferência sexual, o comportamento, os gestos, o andar, o vestir, o falar e o lugar social para as relações de gêneros [...]” (ARAÚJO, 2011, p.63).

Com isto, as “mulheres da vida” usavam cores “extravagantes” como forma de seduzir os homens, o que para Maria de Bola Sete soava como uma desvantagem em relação às “prostitutas”, visto que não tinha permissão para usar tais cores nem mesmo para o seu marido. Contudo, as práticas de sedução das “mulheres da vida” não estavam apenas no vestir ou usar “maquiagem”, mas também o “[...] jeito de andar, de dançar, de conversar, muitos homens se apaixonavam por elas. Elas eram mulheres muito bonitas [...]” (Aristides Eloi, 2014, 77 anos). O que é notório na fala de Aristides Eloi é que os homens que frequentavam a Casa de Dona Sebastiana eram seduzidos pelos gestos das “mulheres da vida”, principalmente, a conversa, uma vez que no primeiro capítulo foi apresentados discursos de mulheres como Marlene Garcia, Maria Salomé e Nenê de Zé Coco, que relatou, entre outros pontos, a questão de seus maridos e de seus pais não terem diálogo em casa. Porém, no cabaré a conversa com as “mulheres da vida” era para eles algo que os seduziam, como nos afirma Aristides Eloi.

Todavia, não era apenas as danças e conversas que atraíam os homens para a Casa de Dona Sebastiana, mas também “[...] o prazer sexual [...]” (Aristides Eloi, 2014, 77 anos), porque:

[...] o que as mulheres deles não fazia, a gente fazia. Por isso eles vinham atrás da gente toda semana com saudades dos beijos e de como a gente fazia sexo. Lembrei de Raul que me dizia que eu era a flor proibida dele, porque a mulher dele não podia saber nunca do que a gente fazia. Naquele tempo a gente fazia tudo, beijava na boca e fazia sexo de todo jeito. Você acredita que tinha uma mulher de um tio seu, que dizia a ele que não beijava na boca não, que Jesus foi traído com um beijo, e ele vinha era atrás da gente. As mulheres daquele tempo tinham medo de fazer as coisas, aí os homens vinham era atrás da gente [...] (A Flor Proibida, 2014, 76 anos).

Fica claro no discurso acima, que as práticas sexuais das “mulheres da vida” eram diferente das praticadas pelas mulheres casadas, uma vez que “[...] a sexualidade ainda era vivida como um pecado [...]” (DEL PRIORE, 2011, p.171), como o gesto de não querer beijar o marido por ser “pecado” como nos apresentou A Flor Proibida em seu depoimento. Algo que me chamou a atenção no relato da depoente foi ela me apresentar que as “mulheres da vida” faziam “sexo de todo jeito”, ou seja, várias posições sexuais, pois praticavam sexo “[...]”

na cama, na cozinha, no quarto e em pé no muro. Tinha vez que de costa se segurava no muro de agave e ele ficava atrás de mim. Meu filho, tá entendendo como era? [risos]. Por isso que eles vinham atrás da gente porque as mulheres deles só faziam de um jeito só [...]" (Sartadeira, 2014, 74 anos).

Embora Del Priore (2011) nos apresente que nos anos de 1960:

[...] As relações no cotidiano dos casais começaram a mudar. Carícias se generalizavam e o beijo mais profundo – o beijo de língua ou french Kiss –, antes escandaloso e mesmo considerado um atentado ao pudor, passava a ser sinônimo de paixão. Na cama, novidades. A sexualidade bucal, graças aos avanços da higiene íntima, se estendeu a outras partes do corpo. As preliminares ficaram mais longas. A limpeza do corpo e o hedonismo alimentavam carinhos antes inexistentes. Todo corpo a corpo amoroso tornava-se possível. No quarto, a maior parte das pessoas ficava nua. Mas no escuro. Amar ainda não era se abandonar. É bom não esquecer que adultos dos anos 60 foram educados por pais extremamente conservadores [...] (DEL PRIORE, 2011, p.177).

Em Puxinanã, segundo os discursos de Sartadeira e de A Flor Proibida, os homens que iam ao cabaré eram em busca do prazer sexual não encontrado nas práticas sexuais com suas esposas, visto que as depoentes deixam claro que as esposas de seus “amantes” não buscavam inovar suas práticas sexuais como foi apresentado por Sartadeira que: “as mulheres deles só fazia de um jeito”. Assim, as relações cotidianas de alguns casais puxinanaenses, nos anos de 1960, diferentemente, do que nos apresenta Del Priore, não sofriam mudanças no que se refere à prática sexual entre eles. Porém, nas práticas sexuais destes homens com as “mulheres da vida”, na Casa de Dona Sebastiana, é notória a mudança, quando Sartadeira relata com detalhes uma das posições sexuais que praticava com os homens, onde o homem ficava por trás referindo-se ao sexo anal, o que para algumas mulheres casadas era inaceitável tal prática sexual, isto porque o seu corpo não fora educado para isso, como apresentado por Del Priore no final da citação acima.

Muitos dos homens que frequentava a Casa de Dona Sebastiana bebiam das bebidas “preparadas” que:

[...] a gente preparava com a cana. Misturava na cana o cozido de cravo, raspa da catuaba e canela em pau. No final quebrava amendoim e botava dentro. Quando os homens tomavam ficavam doidos pra fazer as coisas [risos]. Tinha uns homens

que não gostava, aí tomava a cachaça pura mesmo. Os tira gosto era galinha, codorna, carne, a gente que fazia [...] (Morena, 2014, 72 anos).

As práticas de seduzir das “mulheres da vida” eram variadas, pois envolviam desde o comportamento como: o falar, o andar, o dançar, o vestir; às bebidas por elas “preparadas”. Uma das práticas para o prazer que me chamou atenção foi: “[...] de vez em quando a gente fazia banho de assento com pedra hume<sup>57</sup> para ficar com a vagina mais apertada, porque com a sensação de ficar apertada, retomaria a ideia de estar virgem outra vez, o que daria mais prazer. Quem ensinou isso a gente foi Sebastiana, que tinha aprendido e mandava a gente fazer [...]” (A Flor Proibida), 2014, 76 anos). Assim, pude aferir que na Casa de Dona Sebastiana os homens encontravam o que em suas casas não tinha ou não se podia praticar devido aos códigos sociais que exigiam altos valores morais e de honra das famílias puxinanaenses, o que por muito tempo “impediu” que as mudanças nas relações cotidianas dos casamentos, as quais Del Priore (2011) nos apresentou acima, encontrasse solo fértil no interior dos quartos, isto é, das práticas de sedução e de prazer dos casais.

## **8. Cuidado de si: higienização e medicalização do corpo desonrado**

Mesmo vivendo neste meio de desonra, de constantes práticas sexuais com diversos parceiros, buscando frequentemente seduzi-los:

[...] a gente se cuidava, pra não engravidar, pra não pegar doença. Eu mesmo nunca deixava eles terminar dentro da minha vagina, aprendi isto com as meninas que vinha de Campina Grande, era pra gente não engravidar e nem pegar doença, e quando terminava de fazer as coisas com eles à gente ía pra o banheiro lá no muro se lavar. Depois comecei tomar remédio pra não engravidar que Sebastiana comprava em Campina [...] (Sartadeira, 2014, 74 anos).

---

<sup>57</sup> Pedra Hume: é uma pedra transparente e úmida que possui em sua composição alúmen de potássio que age como uma espécie de endurecedor e enrijecedor do local onde foi aplicado. (<http://www.cliquefarma.com.br> visitado em 20 de fevereiro de 2015).

As práticas de cuidar de si “[...] abriu um leque de possibilidades para pensar o que o sujeito pode se tornar [...]” (ARAN, 2003, p.400 apud ARAÚJO, 2011, p.175). Para as “mulheres da vida”, uma vez que antes do surgimento do anticoncepcional elas buscavam impedir uma gravidez indesejada por meios ensinados por “prostitutas” mais experientes a exemplo de não deixar o parceiro ejacular dentro da vagina, como Sartadeira nos relata que fazia. Outra prática era o banhar-se após o sexo como tentativa de evitar a gravidez e até mesmo doenças sexualmente transmissíveis.

A chegada da pílula para as “mulheres da vida” da Casa de Dona Sebastiana, comprada pela proprietária do cabaré, nos aponta a preocupação na manutenção da saúde das “prostitutas”, bem como no controle de uma possível gravidez, o que seria “[...] ruim pra gente, porque se a gente engravidasse, nem Sebastiana queria mais lá, nem a gente tinha pra onde ir. E o pior: o homem não ia querer assumir filho de quenga, como dizia na época [...]” (Morena, 2014, 72 anos). Logo, “[...] a pílula proporcionava e ainda proporciona a mudança nas relações de poder que funciona nas relações de gêneros, pois a mulher pode decidir se desejava ou não ter filhos [...]” (ARAÚJO, 2011, p.175), isto é, com uso de anticoncepcional as “mulheres da vida” da Casa de Dona Sebastiana puderam ter certo controle sobre o seu corpo.

Nos anos de 1960-70 na cidade de Puxinanã não tinha atendimento hospitalar e médico. Algumas mulheres buscavam com os ensinamentos de suas mães manterem-se saudáveis. Outras recorriam às orientações da parteira da cidade, Dona Dazinha. E algumas iam à busca de “[...] Genir. Ela era muito boa, passava pomada para as mulheres que procurava remédios, dava também remédio quando tinha. Passava banhos de assentos para algum tipo de inflamação [...]” (Maria de Bola Sete, 2014, 71 anos).

Para as “mulheres da vida” da Casa de Dona Sebastiana não foi diferente, pois buscavam, com os ensinamentos de Dona Sebastiana, manterem-se saudáveis:

[...] a gente fazia banho de assento. Cozinha casca de cajueiro roxo, aí coava, e colocava numa bacia e se sentava. Isso para cicatrizar ferida ou acabar com inflamação. Naquele tempo não tinha absorvente, aí quando a gente menstruava usava uns panos. Tinha que ficar de olho, pra não descer nas pernas e quando molhava muito tinha que trocar e já lavava o pano sujo botava pra secar, pra usar de novo. Teve uma vez que Sebastiana levou a gente pra Campina pra ir no médico e ele deu umas pomadas pra gente [...] (Morena, 2014, 72 anos).

O que nos é claro nestes discursos é que o que mais prevalecia entre os cuidados de si era a medicina caseira, aquela feita em casa e passada de mãe para filha. Quando essas práticas caseiras não resolviam, buscava-se ajudas como a de Dona Genir e de Dona Dazinha, que com suas experiências prescreviam pomadas e remédios para as mulheres. Porém, Dona Sebastiana buscava cotidianamente manter as mulheres de sua Casa saudáveis, uma vez que se alguma delas fosse acometida por alguma enfermidade colocaria o funcionamento do cabaré em questão, pois como Puxinanã era uma cidade pequena, logo iria ser propagado tal situação e os homens, temendo adquirir certas doenças, não mais iria frequentar sua Casa. Então, “[...] Sebastiana sempre fazia chá pra gente, só uma vez mesmo que pegou pomada, porque tinha medo do povo descobrir e falar que a gente tinha alguma doença [...]” (Morena, 2014, 72 anos).

Com as práticas higiênicas o corpo da mulher desonrada passou a viver com mais intensidade seus desejos e sua sexualidade, visto que “[...] a gente fazia tudo, porque os homens eram limpos e a gente se cuidava, pra não pegar doença nem engravidar [...]” (Sartadeira, 2014, 74 anos). Porém, nem sempre essas práticas funcionavam na tentativa de evitar uma gravidez indesejada, porque “[...] num tem Maria Zanolha, meu filho, engravidou de um homem lá da ferrovia. Mas ela teve sorte, porque quando ele soube que ela tava grávida e ela disse que era dele, ele pediu a Sebastiana para ela ir morar com ele, e ela foi. Saiu da vida [...]” (A Flor Proibida, 2014, 76 anos).

## **9. “Saindo da vida” para casar: de mulheres desonradas a mulheres honradas**

O sonho de casar, de ter uma família, de limpar “as manchas” da desonra era bastante desejado pelas “mulheres da vida”, como relatou (A Flor Proibida, 2014, 76 anos):

[...] casar pra gente era um sonho, porque vivíamos nesta vida, e achava difícil algum homem querer tirar, me tirar da Casa de Sebastiana e me botar em uma casa. Mas apareceu e ele me tirou da vida, porque eu tinha engravidado dele. Ainda tive mais três filhos com ele. Vim morar aqui na Rua Bom Jesus com ele. Desse dia pra cá nunca tive outro homem, sempre respeitei ele [...]

A partir das práticas sexuais entre alguns homens puxinanaenses com as “mulheres da vida” emergiram paixões e amores que culminaram na saída de algumas destas mulheres da prostituição, da desonra, para formar uma família, dando-lhe outra vez a honra. “Sair da vida” não ocorreu com todas as mulheres da Casa de Dona Sebastiana, apenas com algumas como no caso de A Flor Proibida que fora morar com um dos ferroviários da Estação de Trem Floripes Coutinho, pois ela tinha engravidado e ele a assumiu e o filho também.

Outro caso muito conhecido na cidade de Puxinanã foi o de Dona Sebastiana que saiu da vida para viver uma grande paixão: “[...] ela arrumou, até que arrumou um homem e casou. Com ele teve duas filhas. Ela casou com o irmão de João Frederico, homem bonito. Ele tirou ela do cabaré e foi viver com ela em Campina Grande. Mas depois deixou ela. E Sebastiana veio, voltou pra vida aqui de novo [...]” (Nenê de Zé Coco, 2014, 76 anos). Depois de casada com o homem que a tivera tirado do cabaré, muitos passaram a chamá-la de Dona Sebastiana, por respeito a uma mulher agora casada e honrada como nos relatou Didisso (2014, 69 anos): “[...] depois que Sebastiana casou o povo passou a chamar ela de Dona Sebastiana, por ser uma senhora casada. Mesmo quando ela voltou pra o cabaré, continuaram chamando ela assim até mesmo por respeito [...]”.

Outra mulher que fora tirada da Casa de Dona Sebastiana para viver uma vida “matrimonial” foi:

[...] Maria que foi morar com um senhor na Rua Bom Jesus perto da estação de trem. Esse senhor tirou ela do cabaré e foi morar com ela e casaram. Deu certo e depois ela ficou viúva, mas foi morar em Pocinhos. Com ele, ela teve uma filha que era professora aqui em Puxinanã, até o ano passado, porque ela se aposentou já [...] (Maria de Bola Sete, 2014, 71 anos).

Assim, com os casórios de algumas das “mulheres da vida” e com a velhice de Dona Sebastiana, quando a mesma foi morar em Campina Grande, o cabaré fechou em 1971. Logo, essas mulheres a partir de seus “casamentos” alteraram os “papéis” que haviam sido prescritos para elas, como mulheres desonradas, sem valor moral, para mulheres honradas, casadas e mães de família. Um dos fatores contribuintes para estas mudanças foi à pulverização do exercício das masculinidades, onde homens, como os que tiraram essas mulheres do mundo da prostituição, com esta atitude “[...] implode os valores rígidos de uma prática de masculinidade idealizada para ser fechada e monolítica [...]” (ARAÚJO, 2011, p. 194). Sendo

assim, foram sendo produzidas outras subjetividades, as quais conviviam ainda com aquelas que foram construídas anteriormente para os homens por meio dos valores da honra, da virilidade e da prática sexual; e para as “mulheres da vida”, da desonra, da desonestidade.

## **CONSIDERAÇÕES... (finais, temporárias e casuais)**

As experiências apresentadas neste texto dissertativo por algumas mulheres e alguns homens que viveram as tramas sociais nos anos de 1960-70, de certa forma foram por mim experimentada nos de 1990, uma vez que minha mãe e meu pai foram educados neste período e que muitas das práticas por ela e ele subjetivadas foram direcionadas ao meu corpo e dos meus irmãos e irmãs, pois estes processos de subjetivação do corpo para manter um controle dos valores morais da família e assim a honra de seus filhos e filhas, funcionavam através da diferente pedagogização do corpo feminino e do masculino e pelas práticas da sexualidade, em que a virilidade masculina deveria ser posta em prática enquanto a virgindade e a fidelidade feminina deviam ser conservadas.

A “cobrança” e vigilância sobre os valores da honra ocorriam na pedagogização do corpo feminino e masculino, por meio da subjetivação destes corpos e do controle social, processos pelos quais almejavam uma mulher delicada, frágil, prendada e acima de tudo honrada, e um homem forte, trabalhador e viril, entres outras identidades que eram idealizadas para ambos os corpos. Logo, as construções identitárias para o feminino e para o masculino se deram por meio de distintas práticas e discursos a eles/elas direcionados/as como o comportamento, desde o falar ao sentar, o vestir, o namorar, o casar, as práticas afetivas e sexuais, entre outras, sendo estas operacionalizadas, marcadas pelas relações de poder.

Essas produções discursivas direcionadas às mulheres e às moças pelas famílias tinham o intuito de construir subjetividades para assegurar a conservação dos valores morais da família nos corpos de seus filhos e filhas, de certa maneira os/as controlando socialmente para preservarem a honra. Assim, a subjetivação dos corpos do feminino e do masculino foi perpassada pela relação de poder, a qual “[...] exerce sobre a vida cotidiana imediata que classifica os indivíduos em categorias [...] os ata à sua identidade, lhes impõem uma lei [...] que ele deve reconhecer em si e que os outros devem reconhecer nele [...]” (CARVALHO, 2007, p.153 apud ARAÚJO, 2011, p.263). Sendo assim, a subjetivação do corpo, segundo Foucault (1979), funcionava no controle, na autoridade do Outro sobre si, como foi apresentado, nas distintas experiências analisadas, nesta dissertação.

Desta maneira, as mulheres quando preservavam sua virgindade estavam honrando seu pai e por manterem-se fiéis ao casamento honravam seu esposo. Diferentemente pedagogizaram o corpo masculino, visto que lhe era ensinado a virilidade, em que muitos rapazes eram levados a iniciar sua vida sexual na Casa de Dona Sebastiana e a manter uma prática sexual ativa, contribuindo para que o homem “[...] se reconhecesse e fosse reconhecido como sujeito da sexualidade [...]” (ARAÚJO, 2011, p.263). Porém, nem todo o homem puxinanaense deixou se pedagogizar sua masculinidade e sua prática sexual, pois como foi apresentada por Didisso que seu cunhado manteve-se virgem até o casamento, uma prática não “bem vista” por muitos homens, o que lançava sobre ele desconfianças de sua heterossexualidade, como ocorrera comigo quando meu pai queria me levar a um cabaré para que exercesse minha virilidade a partir da prática sexual. Essas práticas de disciplina dos corpos eram realizadas não só pela “pedagogia familiar”, mas também pelo controle social, que por meio da normatização mantinha-se uma fiscalização sobre os corpos.

Neste sentido, a pedagogização do feminino, por parte de muitas famílias puxinanaenses, tinha como objetivo disciplinarizar o corpo das mulheres para que estas subjetivassem a condicionalidade de serem inferiores ao homem. Para isso, usava-se de práticas de vigilância e punição sobre as mulheres para que o homem não fosse desonrado, bem como se vigiava o masculino com relação a sua sexualidade e prática viril e ativa do sexo para que não desonrasse seu pai. A mulher que descumprisse os códigos de comportamento a ela direcionados era discriminada socialmente, e logo, chamada de “mulher da vida”, desonrada e desonesta, indo morar e buscar o seu sustento na Casa de Dona Sebastiana.

O que pude aferir, é que a pedagogização dos corpos femininos e masculinos foi construída por meio de distintos dispositivos discursivos que atravessaram a vida cotidiana, vinculados a alguns signos modernos como a difusora de Seu Raimundo; a fotografia; o programa Postal Sonoro da Rádio Caturité da cidade de Campina Grande; as práticas de sociabilidades nas festividades de Padroeira; os forrós da Casa de Dona Sebastiana; a feira; pelo namoro e casamento; e pelas diversas formas de se comportar com suas “obediências” e burlas como o ato de fugir para casar ou “tirar da vida” uma prostituta que soavam como uma afronta aos códigos sociais dos anos de 1960-70 em uma cidade do interior da Paraíba.

É notório nesta dissertação que em meio a processo de pedagogização dos corpos existia o funcionamento das burlas como, por exemplo, nos namoros, com o pegar nas mãos e os beijos dados escondidos da família; na participação das festividades de padroeira; as idas de homens casados aos forrós do cabaré; nas fugas para casar como o caso de Marlene Garcia e de Maria de Bola Sete. Eram práticas que não eram bem vistas na cidade de Puxinanã, pois

“[...] as burlas significavam a transgressão e a fragmentação das práticas de pedagogização, como uma experiência de indisciplina, praticadas pela ocasião do cotidiano aos valores rígidos para zelar a honra [...]” (ARAÚJO, 2011, p.267).

A partir dessas diversas práticas pedagógicas era produzido o “lugar” do feminino e do masculino. Para elas, nos moldes da heterossexualidade, reservava-se o casar, o ser mãe e boa esposa, qualificando-a como uma mulher de família, honrada, onde o seu corpo era pedagogizado para relacionar-se com apenas um homem, no caso o seu marido. Outra prática pedagógica muito usada era cobrança e vigilância do comportamento feminino, buscando controlar seus gestos como bem foi apresentado pelas mulheres entrevistadas para esta pesquisa que não podia sentar da maneira que desejasse. Sempre de pernas fechadas, como estar presente no subtítulo do primeiro capítulo: “Feche as pernas menina que isso é coisa de homem”: produzindo subjetividades sobre a conduta feminina, pois era a partir da pedagogização que muitas mulheres eram reconhecidas e se reconheciam como honradas, diferentemente das mulheres que burlaram as normas a elas destinadas que eram consideradas como “mulheres da vida”, “mulheres fáceis”, desonestas.

Assim, pedagogizar o corpo feminino era manter uma disciplina sobre si, controlada pelo masculino, e também pelo feminino, até porque eram estes que escolhiam por meio do comportamento a “mulher certa para casar”, que diferente da mulher da Casa de Dona Sebastiana, deviam controlar seus desejos para que não ficassem “mal faladas”. Já para o masculino a maneira de comportar-se era distinta das destinadas as mulheres, visto que podiam sentar-se de pernas abertas; vigiavam e controlavam suas irmãs como nos apresentou Hozana dos Santos em seu depoimento; podiam deleitar-se em prazeres com as “mulheres da vida”, ou seja, “[...] o masculino era representado como imunizado da normatização moral [...]” (ARAÚJO, 2011, p.265), uma vez que frequentando o cabaré estaria exercendo sua masculinidade, como homem viril, e também sendo pedagogizado quando rapaz por meio da iniciação sexual, isto é, de sua desvirginização.

Ainda aferi que as relações de gêneros vivenciadas pelos/as depoentes, que fizeram parte desta pesquisa, apresentam que o funcionamento dos códigos sociais em Puxinanã nos anos de 60-70 se dava pela submissão feminina ao masculino, praticadas pela relação de autoridade do homem, associada a sua virilidade, força, coragem; aspectos estes bastante cobrados a mim, pelo meu pai e até mesmo pela minha mãe nos anos de 1990, visto que “[...] era pelas práticas pedagógicas que a mulher devia não só respeitar este tipo de masculinidade, como educar os filhos homens para reproduzi-la [...]” (ARAÚJO, 2011, p.266). As práticas vivenciadas por algumas mulheres e homens, por meio das relações de gêneros, me

permitiram aferir que tanto o feminino como o masculino exerceram suas feminilidades e masculinidades de maneiras diferentes, por distintas práticas de subjetivação de seus corpos e pelas relações de poder.

Uma burla que deixou fortes marcas na cidade de Puxinanã foi à infidelidade de Salonira, a qual me foi apresentada por Maria de Bola Sete, pois com sua traição além de levar a morte de um sujeito, desestruturou a pedagogização do corpo feminino, fragmentou a instituição familiar e fragilizou o controle social, uma vez que este fato ocorrido nos anos de 1960 está ainda presente na memória de mulheres e homens que viveram neste período. A infidelidade feminina era por muitos uma prática de indisciplina que “manchava” não só a honra masculina, mas também os valores morais da família e do social. Porém, eram também a partir desta indisciplina que Dona Sebastiana “recrutava” as mulheres para sua Casa, como o da esposa de Raul que traiu seu marido e foi expulsa de casa e Dona Sebastiana a acolheu. Mas outras “mulheres da vida” foram morar e trabalhar no cabaré, pois tinham sido desvirginadas e o rapaz não as honrou com o casamento como, por exemplo, as três “mulheres da vida” que fizeram parte deste estudo.

No que se refere às práticas de sociabilidades vivenciadas por estas mulheres e homens, principalmente, nas festividades de Padroeira, e até mesmo nos forrós da Casa de Dona Sebastiana, funcionavam a partir de uma construção da subjetivação diferenciada entre gêneros, o que fortalecia produção identitária por meio da diferença e da alteridade, mas as identidades de gêneros não apenas aprisionam os indivíduos, pois eles além de se autoproduzirem, produzem outros meios de subjetivação como, por exemplo, as “mulheres da vida” da Casa de Dona Sebastiana que subjetivavam seus corpos com as práticas de sedução e de prazer e produziam a subjetivação do corpo masculino, como viril, másculo e hetero. Em palavras mais claras era a densora produzindo a honra, ou seja, a desonra da “mulher da vida” proporcionando a prática da honra do homem com H maiúsculo.

Assim, a partir dos depoimentos de algumas “mulheres da vida” da Casa de Dona Sebastiana, pude perceber que os afazeres no cabaré em muito se assemelhavam aos das casas de famílias “direitas”, visto que tinham uma rotina de limpeza da casa, cozinhar, lavar roupas. Ainda se tratando do dia a dia do cabaré, um aspecto que muito me chamou atenção foi à prática de cuidarem de si, com práticas de higienização como o lavar-se após a relação sexual; e a medicalização dos corpos com banhos de assentos e uso de pomadas indicadas por “enfermeiras” da cidade.

Essas formas de controle social e produções discursivas sobre o corpo feminino e masculino e as diferentes práticas de subjetivação disciplinaram o homem para cumprir e

defender a honra e manter o controle social; e a mulher para conservar em seu corpo a honra do homem, da família e da moral social. Ao “encerrar” esta dissertação quero apontar para o fato de ter percebido, a partir dos dados, as diferentes práticas de masculinidades exercidas por distintos homens que viveram as tramas sociais em Puxinanã nos anos de 1960-70 como a prática do homem viril; do homem que preservava sua virgindade para o casamento; o homem traído, o famoso “corno goteira” como Aristides Eloi me apresentou; o homem transgressor dos códigos de comportamento e morais, que casou com uma “mulher da vida”. Também notei em minha pesquisa diferentes práticas de feminilidade como a mulher casada, honrada; a mulher infiel; a mulher desvirginada, “perdida”; a “mulher da vida”. Foram estas práticas que os/as subjetivavam como tais, (re) construindo suas identidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.4, n.7, 1991, p. 66 – 81.

\_\_\_\_\_. **Manual de história oral**. FGV, São Paulo, 2005.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz de. **Nordestino uma invenção do Falo – Uma história do gênero masculino (Nordeste 1920 – 1940)**. Macéio, Edições Catavento, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia: a arte de erigir fronteiras**. Disponível no site <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/indez2.htm>, visitado em maio de 2014.

ARAÚJO, Claudielhi dos Santos Araújo. **Cartografias de vidas que se reinventam: memórias de mulheres em Puxinanã – PB (1970 – 1985)**. Monografia defendida ao Curso de Licenciatura Plena em História da UEPB no ano de 2010.

ARAÚJO, Eronildes Câmara de. **A pedagogização dos valores da honra masculina no corpo feminino: os territórios da escrita de si**. In: “Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar”: homens e práticas da masculinidade para suportar a dor. Tese defendida no ano de 2011 junto ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFCG. Disponível no site <http://www.ufcg.edu.br/~ppgs/wp-content/uploads/2012/10/tese-ERONILDES-CÂMARA-ARRUDA-PDF.pdf>

ARAÚJO, Solange dos Santos. **Mulheres ousadas: práticas e costumes das mulheres de Puxinanã nas décadas 1960-1970**. Monografia defendida ao Curso de História da UFCG no ano de 2006.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Chorar, verbo transitivo**. In: Cadernos Pagu (11) 1998.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos Anos Dourados**. In: História das Mulheres no Brasil. Mary Del Priore (org) Carla Bassanezi (coord. de textos). 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2004.

\_\_\_\_\_. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2008.

BUTLER, Judith. **Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro (organizadora); tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CAUFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918 – 1940)**/ Sueann. Caufield. – Campinas, SP: editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1 – Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis – RJ: Vozes, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.

ESTEVES, Marta Abreu. **Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FONSECA, Claudia. **Família, fofoca e honra – Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares**. 2ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo, Edições Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis – RJ, 20ª ed., Editora Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1 – a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **A escrita de si**. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens, 1992, p. 129 – 160.

FREIRE, Jurandir Costa. **Ordem Médica e Norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GABRIELE, Camila, OLIVERA, Mariana e ARRAIS, Rebeca. **Uma introdução do Dispositivo de sexualidade, a partir da leitura da obra “História da Sexualidade – a vontade de saber” de Michel Foucault**. 2010. Disponível em [http://www.petpsi.ufc.br/jornalmural/conceito\\_dispositivo.doc](http://www.petpsi.ufc.br/jornalmural/conceito_dispositivo.doc).

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo**. In: Corpo, Gênero e sexualidade – um debate contemporâneo na educação. Guacira Lopes Louro, Jane Felipe e Silvana Vilodre Goellner (organizadoras). 3ªed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**/ Tradução de Jacynho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Quem precisa de indetidade?** In: SILVA, Thomaz Tadeu da (org.) Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis – RJ: Vozes, 2000, p. 03 – 133.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do Eu e educação**. In: O sujeito da educação. Estudos Foucaultianos. Thomaz Tadeu da Silva (org.) Petrópolis – RJ: Vozes, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: O corpo Educado: pedagogias da sexualidade/ Guacira Lopes Louro (organizadora); Tradução dos artigos: Thomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 1997.

\_\_\_\_\_. **Gênero e Sexualidade – as múltiplas “verdades” da contemporaneidade**. Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS. Pro-Posições, v.19, n.2 (56) – maio/ago 2008.

MALATIAN, Teresa. **Cartas: narrador, registro e arquivo**. In: O Historiador e suas fontes/ BASSANEZI, Carla (org.). São Paulo: Contexto, 2012, p. 195 – 221.

MONTEIRO, Manoel. **A mulher de antigamente e a Mulher de hoje em dia**. In: Livreto de Cordel. 9ªed., Abril/2012, Campina Grande – PB.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História, Metodologia, Memória/** Antônio Torres Montenegro – 1ªed. São Paulo: Contexto, 2010.

PERISTIANY, J. G. **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. Tradução e prefácio de José Gutileiro. Fundação Caulouste Gulbenkian Lisboa, 2ªed. 1965.

PERROT, Michelle. **Funções da família**. In: História da Vida Privada. V.4. Da Revolução Francesa a Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RAGO, Margareth. **Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do “amor venéris”**. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. N.25, dez/2002. Disponível no site

<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/mulher/16descobertas.htm>

\_\_\_\_\_. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890 – 1930)**. 2ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

REIS, J. C. **As identidades do Brasil HS: de Varnhagen a FHC**. São Paulo: FGV, 2006.

ROHDEN, Fabíola. **A obsessão da medicina com a questão da diferença entre os sexos. In: Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras**. Organizadores: Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara. Rio de Janeiro: Garamondi, 2004.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.

SANTANA, Rosemere Olimpio de. **Os raptos consentidos e o cotidiano das cidades – o papel das festas – na Paraíba do período imperial**. Revista de História e Estudos Culturais Abril/Maio/Junho de 2009. Vol.6, Ano VI, n. 2 ISSN 1807-6971. Disponível em <http://www.revistafenix.pro.br> visitado em fevereiro de 2014.

SARGENTINI, Vanice. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.

SELIGMAN, Flávia. As meninas daquela hora. Sessões do Imaginário – Porto Alegre – Famecos/PUCRS – Revista eletrônica n. 5 – julho 2000 – anual. Disponível no site <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/740/551>

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Universidade Colombia Press, 1989, p 16.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis – RJ: Vozes, 2005.

THOMSON, Alister. **Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da história oral.** In: História Oral: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000, p.47 – 65.

VIVEIROS DE CASTRO, José Francisco. **Os delitos contra a honra da mulher.** 4ed. São Paulo: Editora Freitas Bastos, 1942.

ZAFON, Carlos Rui. **A sombra do vento.** Rio de Janeiro: Editora Suma de Letras, 2007.